

Universidade do Minho

Escola de Economia e Gestão

Vera Sofia Pereira Sampaio

Contributo da Contabilidade de Gestão para o Relato da Sustentabilidade

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Contabilidade

Trabalho efetuado sobre a orientação da

Professora Doutora Anabela Martins da Silva

Maio de 2021

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não seria realizável sem a orientação da Professora Doutora Anabela Silva, agradecendo desde já, por toda a dedicação, tempo e profissionalismo demonstrado ao longo destes meses. Gostaria de agradecer também à Administração da Riopelle Têxteis, SA por todo o apoio e incentivo para a realização desta investigação, incluindo aos colegas entrevistados cujo contributo foi fundamental.

Finalmente, um especial obrigado a toda a minha família, em particular, aos meus pais e namorado pela paciência e apoio que me deram nesta fase. Não poderia deixar aqui também de sublinhar a importância de alguns amigos, muito especiais, que sempre me apoiaram e me encorajaram na realização deste objetivo.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

O estudo aqui desenvolvido procura contribuir para uma maior compreensão da contribuição da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade nas empresas, em particular nas empresas têxteis. O tema da sustentabilidade, tem-se tornado, nos últimos anos, num fenómeno global, uma tendência que atravessa horizontalmente todos os mercados. Assim, a sustentabilidade tem assumido um papel cada vez mais importante nas estratégias de longo prazo das empresas, dos seus clientes e de outros *stakeholders* (BCSD, 2017).

Neste contexto, e atendendo ao principal objetivo deste estudo, desenvolveu-se uma pesquisa do tipo qualitativa com abordagem interpretativa, recorrendo a uma metodologia mista, composta primeiramente por uma revisão sistemática de literatura, que permite responder ao primeiro objetivo específico do estudo: *identificar e caracterizar as tendências de investigação científica, publicadas nos últimos 10 anos, sobre a contabilidade de gestão e o relato*. De forma a se poder complementar a investigação, é realizado um estudo de caso que possibilita responder aos objetivos sobre a *caracterização e perceção da evolução da estratégia de relato da sustentabilidade na Riopelle Têxteis, SA, sobre a compreensão e perceção da gestão da Riopelle Têxteis, SA, sobre o contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade* e, ainda, sobre a *identificação e caraterização do relato da sustentabilidade da Riopelle Têxteis, SA*. Esta investigação é ainda complementada com uma análise de conteúdo aos sites dos cinco principais concorrentes da Riopelle Têxteis, SA, o que possibilita responder ao último objetivo específico de *identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade dos principais concorrentes*.

Ao percorrermos a literatura da evolução da contabilidade de gestão, percebe-se que esta tem evoluído no sentido de dar resposta a objetivos estratégicos inseridos em ambientes socioeconómicos em constante evolução. A emergência do tema tem levado os investigadores a avaliarem de que forma as principais práticas de contabilidade de gestão, como alocação de custos, orçamento e avaliação de desempenho, se adaptaram a esta nova realidade (Arroyo, 2012). No que concerne ao caso da Riopelle constata-se que a sustentabilidade é um dos vetores estratégicos da empresa que, na última década, tem vindo a preparar e a direcionar a sua estratégia de divulgação. As perspetivas futuras passam pela criação de um relatório de sustentabilidade.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Contabilidade de gestão; Relato; Relatório de Sustentabilidade; GRI; ESG.

ABSTRACT

The study develop here seeks to contribute to a greater understanding of the contribution of management accounting for the sustainability report in textile sector companies. In the last years, the theme of sustainability is becoming a global phenomenon and a trend that crosses horizontally all markets. For the long-term strategies of companies, their customers and other stakeholders the sustainability is getting more and more important both locally and globally (BCSD, 2017).

In this context and given the main goal of this study, a qualitative research with an interpretative approach will be developed using a mixed methodology composed first by a systematic literature review, to answer the first specific goal of identifying and characterizing the trends of scientific research, published in the last 10 years, on the management accounting and report complemented by a case study make of the company Riopete Têxteis, SA that will make it possible to answer to several goals like, on the characterization and perception of the evolution of the sustainability report strategy, on the understanding and perception of the management, on the contribution of management accounting to sustainability report, and also to the goal that aims to identify and characterize the sustainability report. In order to answer to the last specific goal which is identifying and characterizing the sustainability of the main competitors, this review will be complemented with a content analysis from the five main competitor's websites of The Riopete Têxteis, SA.

As we go through the evolution literature of management accounting we realized that in order to answer the strategic goals it has evolved within ever-changing socioeconomic environments. Several researchers has became to rate how the companies has adapted to this new reality through the management accounting practices such as cost allocation, budget and performance evaluation because the emergence of sustainability theme and mostly in what concerns to environmental issues (Arroyo, 2012). With regard the case of Riopete we note that sustainability is one of the company's strategic vectores. In the last decade Riopete has been developing and directing your reporting strategy. The future perspectives include the creation of a sustainability report.

Keywords: Sustainability; Management Accounting; Report; Sustainability report; GRI; ESG.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
ÍNDICE GERAL.....	VI
ÍNDICE DE FIGURAS.....	VIII
ÍNDICE DE GRÁFICOS	VIII
ÍNDICE DE QUADROS.....	VIII
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	IX
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Contextualização e pertinência do tema.....	1
1.2 Objetivos e questões de partida.....	3
1.3 Contributos esperados	4
1.4 Estrutura do trabalho	4
2 REVISÃO DE LITERATURA	6
2.1 Relato Empresarial.....	6
2.1.1 Relatório Financeiro.....	8
2.1.2 Relatório de Sustentabilidade.....	10
2.1.3 Relatório Integrado	12
2.2 Modelos de elaboração de relatórios de sustentabilidade	14
2.2.1 Global Reporting Initiative	14
2.2.2 International Integrated Reporting Council	17
2.2.3 Sustainability Accounting Standards Board	20
2.3 Contabilidade de gestão e o relato.....	25
2.3.1 A evolução da contabilidade de gestão	25
2.3.2 Ligações entre a Contabilidade de Gestão e o Relato.....	27
3 METODOLOGIA	30
3.1 Objetivos e questões de partida.....	30
3.2 Opções metodológicas	31
3.2.1 Revisão sistemática de literatura.....	31
3.2.2 Estudo de caso	32
3.3 Métodos de recolha de dados.....	33
3.3.1 Revisão sistemática de literatura.....	33
3.3.2 Estudo de caso	35
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40

4.1	Revisão Sistemática da Literatura (2010-2020) sobre Contabilidade de Gestão e Relato	40
4.1.1	Tendências de investigação	40
4.1.2	Análise de conteúdo	44
4.2	Estudo de caso.....	47
4.2.1	Enquadramento histórico do setor	47
4.2.2	A importância económica do setor	50
4.2.3	Riopele Têxteis, S.A.	52
4.2.4	Relato da Sustentabilidade na Riopele Têxteis, SA	55
4.2.5	Análise das entrevistas.....	61
4.2.6	Relato da sustentabilidade dos concorrentes.....	79
4.2.7	Análise Global do Estudo de caso	81
5	CONCLUSÕES	84
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
	APÊNDICES.....	99
	APÊNDICE 1 – LISTA DE ARTIGOS ANALISADOS	99
	APÊNDICE 2 – GUIÃO DA ENTREVISTA.....	101
	APÊNDICE 3 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO	107
	APÊNDICE 4 – DECLARAÇÃO DE CONFIDENCIALIDADE DO TRANSCRITOR DAS ENTREVISTAS GRAVADAS.....	108
	APÊNDICE 5 – FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO	109

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Nuvem das palavras resultante da análise de conteúdo	44
--	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos artigos por área científica da revista	41
Gráfico 2: Tópicos de investigação	42
Gráfico 3: Metodologias de Investigação	43
Gráfico 4: ITV - Evolução dos Principais Indicadores	48
Gráfico 5: ITV - % PIB Portugal 2010-2016	50

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de Relato	6
Quadro 2: Categorias das informações relatadas	16
Quadro 3: Princípios orientadores segundo IIRC.....	18
Quadro 4: Elementos de conteúdo segundo IIRC.....	19
Quadro 5: Categorias de Capital segundo a IIRC	19
Quadro 6: Dimensões amplas de sustentabilidade segundo SABS	21
Quadro 7: Principais questões ESG.....	24
Quadro 8: Ferramentas da CG adaptadas à sustentabilidade	28
Quadro 9: Abordagens de medição e gestão da sustentabilidade segundo as perspetivas de transparência e melhoria do desempenho	29
Quadro 10: Fonte de dados e resultados	34
Quadro 11: Informação das entrevistas	38
Quadro 12: Fibras Recicladadas	58
Quadro 13: Indicadores vs Canal divulgação.....	61
Quadro 14: Análise dos sites dos concorrentes	81

Índice de tabelas

Tabela 1: Principais Clientes e Fornecedores (Ano 2017)	51
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCI – *Better Cotton Initiative*

BSCD – *Business Council for Sustainable Development*

ESG – *Environmental, Social and Governance*

FEE – *Federação de Contabilistas Europeus*

GRI – *Global Reporting Initiative*

IFAC – *International Federation Accountants*

IIRC – *International Integrated Reporting Council*

ONU – *Organização das Nações Unidas*

RI – *Relatório Integrado*

SABS - *Sustainability Accounting Standards Board*

1 INTRODUÇÃO

Ao longo deste capítulo será feita uma breve exposição relativa ao tema: “O contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade”. Será apresentada a contextualização e pertinência do tema, identificando os seus principais objetivos e questões de partida, terminando com a exposição dos contributos esperados e a estrutura do trabalho.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PERTINÊNCIA DO TEMA

O atual contexto macroeconómico, caracterizado por um ambiente fortemente competitivo e acelerado, exige que as organizações, particularmente as que estão mais expostas aos mercados internacionais, sejam capazes de se projetar no futuro, a curto, médio e longo prazo (Oliveira, 2018). Perante esta exigência, os gestores necessitam de ter o apuramento efetivo e o controlo rigoroso e sistemático do perfil e da dinâmica de custos da empresa para terem capacidade de antecipar os desafios do futuro (Romero, 2004).

O tema da sustentabilidade tem-se tornado, nos últimos anos, um fenómeno global, uma tendência que atravessa horizontalmente todos os mercados e sociedades. Local e globalmente a sustentabilidade é cada vez mais importante para as estratégias de longo prazo das empresas, impondo-se como uma exigência dos clientes e de outros *stakeholders* (BCSD, 2017). Segundo o relatório Bruntland, publicado em 1987, a sustentabilidade pode ser definida pela capacidade de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades (ONU, 1987).

Podem-se identificar alguns factos que consubstanciam a importância deste tema no novo mundo do século XXI com repercussões diretas na atividade das organizações públicas e privadas, nomeadamente:

- O Acordo de Paris veio tornar obrigatório a descarbonização profunda em cerca de 127 países. Na Europa, existe o objetivo vinculativo de reduzir as emissões de CO₂ em pelo menos 40% abaixo dos níveis de 1990 até 2030 e reduzir as emissões

em 80-95% até 2050. Para tal muitas mudanças tecnológicas e de modelos de negócios irão existir;

- A transposição para legislação nacional da Diretiva Europeia da informação não financeira através do Decreto-Lei n.º 89/2017, que obriga as empresas portuguesas de interesse público com mais de 500 colaboradores e as grandes empresas cotadas em bolsa, reportarem anualmente as políticas, práticas e indicadores associados às questões ambientais, sociais e *Governance*;
- O Financial Stability Board, uma organização internacional que emite recomendações ao G20 sobre a informação que os gestores de fundos, bancos e empresas devem reportar relativamente aos riscos que as alterações climáticas podem trazer ao negócio;
- O Plano Juncker para o investimento europeu enfatiza a prioridade de investimento em projetos que promovam o Acordo de Paris;
- A Comissão Europeia lança linhas orientadoras do que será a Estratégia Europeia de Sustainable Finance (BCSD, 2017);
- Europe Green Deal - Pacto Ecológico Europeu, que tem por objetivo melhorar o bem-estar das pessoas, ao tornar a Europa climaticamente neutra em 2050 (informação em https://ec.europa.eu/portugal/events/green-deal-lisbon-event_pt).

O mesmo fenómeno acontece com os consumidores cada vez mais informados e consciencializados, expurgam o fast fashion em prol do slow fashion (M. Araújo, Broega, & Mota-Ribeiro, 2014). A sensibilização por parte dos cidadãos para a urgência do crescimento económico ser acompanhado por um desenvolvimento social e ambientalmente sustentável, leva os *stakeholders* a exercer pressões sobre as organizações para a adoção de práticas socialmente responsáveis. O respeito pelo ambiente e por toda a sua envolvente passou assim a ser uma vantagem competitiva valiosa para as empresas (M. Araújo et al., 2014).

A Indústria Têxtil e de Vestuário devido, entre outros aspetos, à quantidade de resíduos que produz ao longo do processo produtivo, tem sido referenciada como a segunda indústria mais poluente do mundo (Cruz, 2017). É também uma das mais importantes

da economia nacional, produzindo um volume de negócios de 7,6 mil milhões de euros e empregando mais de 138 mil trabalhadores (ATP, 2019).

Atendendo a este contexto, as empresas têm de estar preparadas para as mudanças que estes fenómenos irão implicar ao nível da estratégia, *Governance*, processos e modelos de monitorização do desempenho. O risco das alterações climáticas é um risco sistémico e, como tal, tem de ser gerido pelas empresas e os investidores têm de saber como esse risco é gerido, de forma a poderem analisar potenciais investimentos nessas empresas (BCSD, 2017). Esta crescente consciencialização e preocupação, quer das empresas quer dos cidadãos, em relação às questões sociais e ambientais, incitam a contabilidade, enquanto principal sistema de informação, a acompanhar esta tendência (Monteiro, Ribeiro, & Lemos, 2017).

1.2 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PARTIDA

A sustentabilidade empresarial é já uma realidade assumida pelos diversos intervenientes na gestão e análise empresarial, sendo considerada como de extrema relevância para a sobrevivência e competitividade das empresas a longo prazo (Dias, 2009). Consequentemente, este trabalho de investigação tem a seguinte questão de investigação: *Como e qual o contributo da contabilidade de gestão no relato da sustentabilidade nas empresas têxteis?*

Assim sendo, o principal objetivo deste estudo é identificar, caraterizar e compreender o contributo da Contabilidade de Gestão no Relato da Sustentabilidade nas empresas do sector têxtil. Neste contexto e como forma de atingir o objetivo geral, são definidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e caraterizar as tendências de investigação científica, publicada nos últimos 10 anos, sobre a contabilidade de gestão e o relato da sustentabilidade;
- Caracterizar e perceber qual a evolução da estratégia de relato da sustentabilidade na Riopelle Têxteis, SA;
- Compreender as perceções dos gestores da Riopelle Têxteis, SA sobre o contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade;
- Identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade da Riopelle Têxteis, SA;

- Identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade dos principais concorrentes.

De modo a responder a estas questões, adotar-se-á uma abordagem qualitativa, recorrendo a uma metodologia mista, composta primeiramente por uma revisão sistemática de literatura que é complementada com realização de um estudo de caso, tendo como unidade de estudo a empresa Riopete Têxteis, SA.

1.3 CONTRIBUTOS ESPERADOS

Através da realização desta investigação, espera-se melhorar a compreensão de *como* e *qual* o contributo da contabilidade de gestão no suporte da produção e divulgação de informação, relativa às práticas de sustentabilidade, das empresas têxteis.

Este contributo poderá ser utilizado pelas associações mediadoras do setor e por outras empresas do setor, uma vez que apesar de muitas empresas já adotarem medidas de sustentabilidade ao longo do seu processo produtivo ainda não têm a sensibilidade da necessidade e da importância da sua medição e divulgação.

Este estudo poderá ainda contribuir para a implementação de modelos de relato padronizados possibilitando assim a comparação dos desempenhos das empresas em matéria de sustentabilidade.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A presente dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a pertinência e objetivos da presente investigação. No capítulo que se segue à presente introdução, será feita uma análise geral sobre o estado da arte relativamente às diferentes formas de relato empresarial e aos principais modelos de elaboração de relatórios de sustentabilidade, complementada com uma pequena abordagem à evolução da contabilidade de gestão e ligação com o relato da sustentabilidade. No capítulo 3, será descrita a metodologia e procedimentos aplicados no processo de recolha, seleção e análise dos dados. No capítulo 4, são apresentados e discutidos os resultados obtidos. Finalmente, serão expostas as considerações finais, no capítulo 5,

que resultam da revisão de literatura realizada e da análise dos dados recolhidos e tratados, fazendo referência aos principais contributos e limitações do estudo, finalizando com sugestões para futuras investigações nesta área.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 RELATO EMPRESARIAL

O relato é uma das formas das organizações exporem o que representam, o que procuram alcançar e que ações futuras estão dispostas a realizar (Ball & Bebbington, 2008). Existem três tipos de relato empresarial: financeiro, sustentabilidade e integrado que diferem entre si no conteúdo da informação disponibilizada, na audiência, na natureza e na função, conforme quadro 2 (Eccles & Spiesshofer, 2015).

Quadro 1: Tipos de Relato

Tipo de Relato	Conteúdo	Audiência	Natureza	Função
Financeiro	Informação financeira	Investidores	Obrigatório	Informação
Sustentabilidade	Informação não financeira	<i>Stakeholders</i>	Principalmente voluntário	Transformação
Integrado	Informação financeira e não financeira	Investidores e outros públicos relevantes	Principalmente voluntário	Transformação

Fonte: Eccles e Spiesshofer (2015, p. 3 e 7)

A função informação refere-se ao dever de os relatos empresariais fornecerem informação para que os *stakeholders* possam tomar uma decisão informada e não com intenção de afetar o comportamento da empresa. Por outro lado, a função transformação pressupõe que os *stakeholders* recebem e avaliam essa mesma informação e influenciam o comportamento da organização em seu benefício. Ao contrário da primeira, as empresas com relatos empresariais com função de transformação devem estar recetivas para receber o feedback dos *stakeholders*, e ajustar o seu comportamento corporativo (Eccles & Spiesshofer, 2015).

Segundo os autores, a sociedade pressiona as organizações a divulgarem informações que posteriormente são utilizadas para promulgarem um processo de compromisso que leve à transformação. A evolução ocorrida nas empresas, concretamente na forma como fazem os negócios, tornou a maioria dos modelos de relato empresariais desatualizados (IIRC, 2011).

Nas últimas décadas, o relato de informações não financeiras, como as informações ambientais, sociais e de governança (ESG), tornaram-se cada vez mais populares entre as empresas de todo o mundo (Stubbs & Higgins, 2014). A razão subjacente a esse movimento é a crítica aos relatórios financeiros por não atenderem, adequadamente, às necessidades de informação de todas as partes interessadas que desejam avaliar o desempenho passado e futuro de uma empresa, uma vez que apenas fornece uma descrição parcial das atividades comerciais, ignorando o impacto social, ambiental e de governança (Bernardi & Stark, 2018).

Os ativos intangíveis, por exemplo, como capital humano, não são passíveis de serem reconhecidos num balanço e, portanto, não estão refletidos nos relatórios financeiros (Wahl, Charifzadeh, & Diefenbach, 2020). De maneira a resolver essa deficiência, cada vez mais empresas começaram a divulgar essas informações adicionais em relatórios de sustentabilidade independentes.

Neste novo mundo de investimentos inovadores que pretendem promover o crescimento económico através de uma aposta na implementação de um modelo económico de baixo carbono e inclusivo, capaz de proteger a biodiversidade e contribuir para a diminuição da escassez de recursos e emissões de CO₂, o setor financeiro é chamado a contribuir:

- A avaliação do desempenho das empresas passa a ser mais complexa, incluindo não só a informação financeira, mas também informação não financeira, sobre as práticas e impactos da empresa a nível ambiental, social, ético, entre outros;
- Novas formas de avaliação de desempenho empresarial;
- Diretiva de informação financeira 2014/95/EU que reforça a importância dos aspetos de ESG para os investidores, já transposta para a legislação portuguesa através do Decreto-Lei N.º 89/2017(BCSD, 2017).

Tal como refere o Decreto-Lei N.º 89/2017:

“A prestação dessa informação por grandes empresas de todos os setores, com um nível suficiente de comparabilidade em todos os Estados-Membros, permite reforçar a transparência e a coerência da informação não financeira divulgada na União Europeia. As grandes empresas e as empresas-mãe de um grande grupo, que tenham o estatuto

legal de entidades de interesse público e que tenham em média mais de 500 trabalhadores devem apresentar anualmente uma demonstração não financeira, incluída no relatório de gestão ou apresentada num relatório separado, elaborada pelos seus órgãos de administração, contendo as informações não financeiras bastantes para uma compreensão da evolução, do desempenho, da posição e do impacto das suas atividades, referentes, no mínimo, às questões ambientais, sociais e relativas aos trabalhadores, à igualdade entre mulheres e homens, à não discriminação, ao respeito dos direitos humanos, ao combate à corrupção e às tentativas de suborno”.

Depois de apresentados, de forma abrangente, os três tipos de relato empresarial, identificados na literatura, serão revistas as principais abordagens ao relato empresarial.

2.1.1 Relatório Financeiro

A contabilidade não é uma atividade neutra e estática, é uma prática em constante evolução e socialmente inserida (Beattie, Dhanani, & Jones, 2008). O relatório financeiro é entendido como um dos mais importantes meios de divulgação de informação financeira entre a gestão, os acionistas e outras partes interessadas (Bartlett & Chandler, 1997). Trata-se de um documento público e formal que responde aos requisitos obrigatórios de relatórios corporativos existentes na maioria das economias ocidentais (Stanton & Stanton, 2002). Geralmente, inclui informações quantitativas, textos descritivos, gráficos e fotografias (Stanton & Stanton, 2002).

Em meados da década de 60, os relatórios financeiros eram documentos relativamente compactos (20-30 páginas), centrados em divulgar informação financeira regulamentada, com as demonstrações financeiras em primeiro plano, deixando as apresentações para segundo plano. Atualmente, os relatórios são documentos mais longos (70-100 páginas) e predominantemente dominados por informação voluntária por contrapartida das demonstrações financeiras em quantidade e destaque (Beattie et al., 2008).

As motivações das mudanças que, ao longo dos anos, ocorreram na estrutura e no conteúdo dos relatórios anuais permanece dividida, não havendo uma unanimidade de

opiniões junto dos pesquisadores, em parte explicada pelas suas diferentes perspetivas, revelando grande diversidade nas formas de ver o relatório anual e uma tensão na compreensão do seu propósito e função geral (Stanton & Stanton, 2002).

Dada a multiplicidade de necessidades de informação, do diverso conjunto de partes interessadas, é pouco provável que os relatórios anuais, a que as empresas estão legalmente obrigadas a prestar, consigam responder a todas as necessidades (Bartlett & Chandler, 1997).

Relativamente à leitura do relatório e contas, as seções narrativas, como a mensagem do presidente, *chief executive's review* e *review of operations*, têm atraído um maior número de leitores, em detrimento da leitura do balanço e das demonstrações de resultados, o que sugere que os acionistas valorizam informação sobre o desempenho global da empresa, ao invés de dados simplesmente financeiros (Bartlett & Chandler, 1997).

À luz da teoria da gestão de impressões, as organizações procuram, através do relatório anual, transmitir uma imagem mais favorável da organização do que é efetivamente garantida, resultando numa mensagem transmitida pouco neutra e imparcial. Embora exista padronização contabilística que procuram que as informações financeiras relatadas sejam neutras, há pouca regulamentação no que concerne aos restantes formatos (Beattie et al., 2008).

Estudos anteriores a 1990, cuja análise se focava na estrutura e a forma do relatório anual, demonstram a existência de uma mudança substancial ao longo do tempo, quer no tamanho dos relatórios, no volume de informações voluntárias divulgadas e o uso de matérias de apresentação como fotos e gráficos. O aumento da extensão dos textos é explicado, principalmente, pelo aumento de novas seções descritivas como a governança corporativa. De uma forma generalizada, denota-se uma tendência de deixar de ser um documento formal orientado para os acionistas para um documento mais orientado para o design ou da alteração da função do relatório anual ao deixar de ser um documento financeiro regulamentado para uma ferramenta de gestão de impressões orientada para a apresentação (Beattie et al., 2008).

2.1.2 Relatório de Sustentabilidade

O termo sustentabilidade apareceu no nosso vocabulário com a urgência de encontrar soluções para as assimetrias cada vez mais profundas provocadas pelo crescimento económico desenfreado. Estas alterações com a crescente ligação entre a economia, a sociedade e o ambiente, não só à escala regional, mas também nacional e internacional, fazem com que surjam novas preocupações e questões (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico - OCDE, 2008).

A World Commission on Environment and Development (WCED), elaborou em 1987 o relatório “Our Common Future”, também referenciado por Relatório de Brundtland, que introduziu o conceito de sustentabilidade definindo-o como aquele que “procura atender às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades”. A publicação deste relatório contribui para o sucesso da Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, também conhecido como Cimeira da Terra, que ocorreu em janeiro de 1992, no Rio de Janeiro.

O plano para o Desenvolvimento Sustentável ficou fixado em três pilares, conhecida pela expressão Triple Bottom Line:

- a dimensão social relaciona a forte ligação e papel dos indivíduos e da sociedade com a noção de bem-estar: aspetos como as condições de trabalho, a ética empresarial, direitos humanos e corrupção, entre outros, devem ser tidos como princípios tendo como objetivo a estabilidade social que beneficia as gerações futuras;
- a dimensão ambiental está relacionada com a capacidade de manter o ambiente natural das condições de vida das pessoas e das outras espécies, assumindo a responsabilidade pelos impactos ambientais e divulgando o esforço contínuo em minimizá-lo;
- a dimensão económica inclui a informação financeira, mas não se limita a este aspeto, está relacionada com os impactos das organizações sobre as condições económicas das suas partes interessadas e sobre o sistema económico a todos os níveis (BCSD, 2017).

O relatório de sustentabilidade pode ser entendido como um instrumento que tenta fornecer informações confiáveis à sociedade circundante sobre as suas atividades comerciais. Através da promoção indireta de um diálogo entre os dois lados, empresas e partes interessadas, considera a necessidade de empresas e organizações comunicarem o sucesso e os desafios das suas estratégias socioeconômicas e a consciência ética das suas operações (Alves, 2010).

Tendo por base a teoria das partes interessadas, o relatório de sustentabilidade é uma maneira de assegurar que todas as partes interessadas, relevantes para a empresa, têm acesso a informações atualizadas sobre as questões econômicas, sociais e ambientais da organização, demonstrando que sua parte do contrato é cumprida e que suas atividades atendem às expectativas da sociedade (Martins, 2018).

No entanto, esses relatórios sociais e ambientais autônomos, rapidamente se tornaram demasiado complexos e extensos, à medida que atendiam às necessidades de informação de um conjunto alargado de partes interessadas (Villiers, Rinaldi, & Unerman, 2014).

De acordo com a diversa literatura internacional, pode-se identificar um conjunto de motivos que levam as empresas a divulgar informação ambiental (Deegan, 2002):

- imposição legal;
- considerações de racionalidade económica, isto é, as vantagens associadas aos negócios que parecem fazer “a coisa certa”;
- crença na obrigação de relatar, ou seja, visão dos gestores que as pessoas têm o direito inalienável a informações que devem ser divulgadas independentemente dos custos associados;
- menores custos de financiamento, isto porque cada vez mais as instituições financeiras, como parte das suas próprias políticas de gestão de risco, exigem que os seus clientes forneçam periodicamente informação sobre o seu desempenho social e ambiental;
- expectativas da comunidade;
- resultado a ameaças à legitimidade da organização;
- gerir grupo de partes interessadas;

- atrair fundos de investimento internacionais, como os “fundos de investimento ético” do Dow Jones Sustainability Group Index;
- conformidade com os requisitos da indústria ou códigos de conduta específicos;
- tentativa de evitar esforços de regulamentação de divulgação mais onerosas;
- ganhar prémios de relatórios ambientais, sociais e de sustentabilidade oferecidos em várias partes do mundo e receber publicidade positiva associada a esses prémios.

2.1.3 Relatório Integrado

A globalização tem sido uma oportunidade incrível de crescimento económico e retorno financeiro, no entanto os seus benefícios não têm sido partilhados de forma igualitária na sociedade, afetando negativamente a confiança das partes interessadas e desconectando atores no processos de criação de valor (Izzo, Strologo, & Granà, 2020).

Consequentemente, um crescente número de organizações tem vindo a inovar nas suas práticas de relato, ampliando a área de divulgação com informações sobre sustentabilidade e indicadores não financeiros (Izzo et al., 2020). A esta tendência de relato que consiste em combinar informações, financeira e não financeiras, num único documento intitula-se de relatório integrado (RI).

Este tipo de relato foi promovido principalmente pelo Conselho Internacional e Relatório Integrado -IIRC, cujo principal objetivo é desenvolver uma estrutura conceitual amplamente aceite. O IIRC define o relato integrado como “uma comunicação concisa, que reúne informações sobre a estratégia, governança, desempenho e perspetivas de uma organização, de maneira a refletir o contexto comercial, social e ambiental em que opera”.

No entanto, apesar de ser uma tendência atual, esta abordagem não é totalmente nova. Desde a década de 1970, é possível encontrar evidências da recomendação de uma abordagem mais integrada e equilibrada dos relatórios corporativos. Prova disso, é a publicação de referência, *The Corporate Report*, publicada pelo UK Accounting Standards Steering Committee (1975), onde é questionada a perspetiva restritiva

adotada pelas empresas no relato do seu desempenho, e é enfatizada a necessidade de uma perspectiva de “usuário” em vez da perspectiva de “acionista” (Owen, 2013).

Segundo Owen, o relatório integrado fornece informações sobre o desempenho financeiro e não financeiro, compilando num único documento, a relação entre desempenho financeiro e não financeiro e em como essas dimensões inter-relacionadas criam ou destroem valor para os acionistas e outras partes interessadas.

Por outras palavras, o relatório integrado visa, portanto, fornecer informações sobre:

- fatores externos significativos que afetam a organização;
- recursos e relacionamentos usados e afetados pela organização;
- interação do modelo de negócios com os fatores externos, recursos e relações capazes de criar e manter valor ao longo do tempo (IIRC, 2011).

Embora a maioria das empresas, que divulgam informações ambientais, sociais e de governança (ESG), ainda publiquem um relatório separado, verifica-se um aumento no número de empresas que adotam uma abordagem de RI. Segundo uma pesquisa, realizada pela KPMG, a 4.900 empresas de 49 países e regiões, 78% da amostra, procura integrar informação financeira e não financeira num único relatório (KPMG, 2017). Essas organizações assumem que este tipo de relatório fornece uma visão mais profunda e abrangente das ações corporativas de uma empresa do que os relatórios clássicos (Owen, 2013).

O RI é uma tendência recente nos relatórios não financeiros e está-se a tornar um problema padrão na prática de relatórios de grandes empresas (Landau, Rochell, Klein, & Zwergel, 2019).

Para além do IIRC, um conjunto alargado de organizações governamentais e empresarias impulsionaram o surgimento deste tipo de relatório, entre eles, o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, a Iniciativa Mundial de Recursos, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), a *Global Reporting Initiative* (GRI), a Rede Internacional de Governança Corporativa, a Federação Internacional de Contabilistas (IFAC), a Federação de Contabilistas Europeus (FEE) e grandes empresas de contabilidade global como Deloitte, Ernst e Young, KPMG e PwC (Owen, 2013).

Alguns exemplos de organizações que já adotaram uma abordagem integrada nos relatórios financeiros são BASF, Bloomberg, BT, Phillips, Novo Nordisk, United Technologies Corporation (UTC) e American Electric Power (AEP) (Owen, 2013).

Os relatórios integrados podem fornecer uma representação mais holística, multidimensional e lúcida dos negócios do que o modelo de relatório atual, que tem um foco maior nas informações financeiras históricas detalhadas (Owen, 2013).

2.2 MODELOS DE ELABORAÇÃO DE RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE

Existem vários padrões que as empresas podem adotar para elaborar um relatório de sustentabilidade. Os padrões mais conhecidos incluem os padrões da Global Reporting Initiative (GRI), os padrões de relatórios integrados do International Integrated Reporting Council (IIRC) e os padrões do Sustainability Accounting Standards Board (SABS) (Buchholz et al., 2020).

As empresas que optem pelos padrões GRI devem incluir diversos tópicos nas categorias ambientais, sociais e económicas, com explicações narrativas de como é feita a gestão desses tópicos juntamente com medidas quantitativas. Os relatórios elaborados segundo os padrões do IIRC são predominantemente destinados a fornecedores de capital financeiro. Por último, os padrões desenvolvidos pelo SABS focam essencialmente os fatores ESG que foram fundamentais para o desempenho financeiro da empresa.

2.2.1 *Global Reporting Initiative*

A GRI fundou-se em Boston em 1997, após protestos públicos sobre os danos ambientais causados pelo derramamento de óleo em Exxon Valdez. Com raízes em organizações sem fins lucrativos como CERES e o Instituto Tellus (com envolvimento do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) o objetivo era criar o primeiro mecanismo de responsabilização para garantir que as empresas aderissem aos princípios de conduta ambientalmente responsável que incluísse questões sociais, económicas e de governança.

No ano 2000, foi publicada a primeira versão das Diretrizes GRI (G1) que fornecia a primeira estrutura global para relatórios de sustentabilidade. Em 2002, deu-se a primeira atualização das diretrizes (G2), em 2006 a segunda (G3) e em 2013 a quarta (G4). Decorrente da aceitação por parte das organizações as diretrizes foram sendo continuamente ampliadas e aprimoradas. Em 2016, deu-se a transição do fornecimento de diretrizes para a definição dos primeiros padrões globais para relatórios de sustentabilidade – os Padrões da GRI (<https://www.globalreporting.org/>).

Apesar da não existência de modelos padronizados, sobre como fazer um relatório em que os objetivos estratégicos da empresa sejam comunicados tendo em conta os impactos económico, sociais e ambientais, algumas instituições desenvolveram estruturas e diretrizes para ajudar as empresas nessa tarefa específica. Um deles, e provavelmente o mais importante, é a Global Report Initiative (GRI).

Eles desenvolveram os Padrões GRI para relatórios de sustentabilidade, com o objetivo de facilitar a comunicação entre organizações e partes interessadas criando uma linguagem comum para que as informações sobre os impactos económicos, sociais e ambientais das organizações possam ser facilmente comunicadas e compreendidas (Alves, 2010).

Segundo uma pesquisa, realizada pela KPMG, a maioria das empresas usa algum tipo de orientação ou estrutura para a elaboração de relatórios, sendo o modelo proposto pela GRI, de acordo com os novos padrões, introduzidos no final de 2016, a estrutura mais comumente utilizada (KPMG, 2017). Ao estudarem os relatórios financeiros de 4.900 empresas em todo o mundo, os analistas da KPMG, concluíram que $\frac{3}{4}$ das empresas em todo o mundo não reconhece as mudanças climáticas como um risco financeiro. Atualmente, apenas 28% dessas empresas reconhecem o risco e divulgam essa informação nos relatórios anuais (KPMG, 2017).

As Diretrizes da GRI distinguem as informações a ser divulgadas, consideradas relevantes e essenciais para a maioria das organizações e do interesse da grande maioria dos stakeholders, em três categorias de conteúdo conforme quadro n. 93.

Quadro 2: Categorias das informações relatadas

Informações	Descrição
Perfil	Contexto geral para compreensão do desempenho organizacional: estratégia, perfil e governança.
Forma de gestão	Descrição do modo como a organização trata determinados temas para compreensão do desempenho de áreas específicas.
Indicadores de desempenho	Informações comparáveis sobre o desempenho económico, ambiental e social.

Fonte: Elaboração própria com informação do GRI (2006)

As orientações da GRI podem ser aplicadas a todos os tipos de organizações (privadas, públicas ou sem fins lucrativos), independentemente da dimensão, setor ou localização, sejam elas iniciantes ou experientes, podendo assumir vários formatos: impresso ou publicado na internet, um relatório autónomo ou como parte do relatório anual ou financeiro (GRI, 2006).

De acordo com a GRI (2006) existem um conjunto de princípios e orientações para a elaboração de relatórios no que diz respeito ao conteúdo e à garantia da qualidade das informações relatadas. No que diz respeito à definição do conteúdo são apontados os seguintes princípios:

- inclusão dos stakeholders, isto é, a organização deve identificar os seus stakeholders e explicar as medidas que foram tomadas em resposta aos seus interesses e expectativas;
- contexto da sustentabilidade, através da apresentação do desempenho da organização no contexto mais amplo da sustentabilidade;
- materialidade, ou seja, as informações devem relatar temas e indicadores que reflitam os impactos económicos, ambientais e sociais relevantes da organização e que sejam capazes de influenciar de forma substancial as avaliações e decisões dos stakeholders;
- abrangência, que é composta principalmente por dimensões como escopo, limite e tempo.

A aplicação destes princípios determina os temas e os indicadores a serem divulgados. Relativamente à qualidade das informações divulgadas são referenciados os seguintes princípios:

- equilíbrio, ou seja, o relatório deve incluir aspetos positivos e negativos do desempenho da organização, de forma a permitir uma avaliação equilibrada do desempenho global da organização;
- comparabilidade, isto é, as informações selecionadas devem ser selecionadas, compiladas e relatadas de forma consistente capazes de permitir aos stakeholders analisar mudanças no desempenho da organização ao longo do tempo e possibilitar a comparabilidade com outras organizações;
- exatidão, ou seja, as informações devem ser inequivocamente precisas e detalhadas;
- periodicidade, isto é, a publicação ocorre regularmente e deve ser disponibilizada a tempo para que os stakeholders tomem decisões fundamentadas;
- clareza das informações prestadas, compreensível e acessível aos stakeholders que usem o relatório;
- confiabilidade, ou seja, as informações deverão ser registadas, compiladas, analisadas e divulgados de uma forma que garanta a qualidade e materialidade das informações (GRI, 2006).

2.2.2 *International Integrated Reporting Council*

A introdução de novos tópicos na agenda global de desenvolvimento sustentável tem vindo a ganhar cada vez mais importância, exigindo a que as empresas reconstruam a sua estratégia de negócio conectando-a com o meio ambiente e enriqueçam a sua divulgação (Izzo et al., 2020). Os documentos, através dos quais as organizações divulgam o seu desempenho anual, têm sido questionados e criticados, por se apresentarem inadequados para atender às necessidades dos stakeholders (Izzo et al., 2020).

Em 2013, o International Integrated Reporting Council (IIRC) lançou um projeto cujo objetivo era redesenhar os processos de elaboração dos relatórios corporativos, introduzindo o relatório integrado (Izzo et al., 2020). Esta estrutura recomenda que as

empresas usem informações qualitativas e quantitativas, assim como textos explicativos, para descrever a sua atividade de criação de valor (Buchholz et al., 2020).

O IIRC propõe a criação de um relatório que divulga informações financeiras e não financeiras num único relatório integrado, estabelecendo um conjunto de princípios orientadores e elementos de conteúdo a serem considerados para que a informação divulgada traduza uma visão verdadeira e justa da empresa (Ortiz-Martínez, Marín-Hernández, & Sánchez-Aznar, 2020).

Os princípios orientadores apresentados no quadro 4 sustentam a preparação de um RI, segundo a IIRC, informando o conteúdo do relatório e como a informação é apresentada:

Quadro 3: Princípios orientadores segundo IIRC

Princípios	Descrição
Foco na estratégia	<ul style="list-style-type: none"> • Objetivos estratégicos da organização; • Planos para a implementação dos objetivos estratégicos; • Interligação com outros componentes do modelo de negócios.
Conetividade das informações	<ul style="list-style-type: none"> • Natureza mutável da tomada de decisões de negócios e ligações com o pensamento e atividade empresarial; • Ajuda a quebrar o foco tradicional em informações financeiras.
Orientação futura	<ul style="list-style-type: none"> • Expetativas da administração sobre o futuro; • Principais desafios e barreiras.
Capacidade de resposta e inclusão das partes interessadas	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento com as principais partes interessadas; • Importância desses relacionamentos; • Inclusão de informações uteis (económicas, ambientais e sociais).
Concisão, confiabilidade e materialidade	<ul style="list-style-type: none"> • Informações devem ser comparáveis com outras organizações e consistentes para a mesma organização ao longo do tempo; • Informações completas, neutras e livre de erros; • Distinguir entre informações materiais e outras que podem ser relativamente estáticas ou relevantes apenas para alguns usuários.

Fonte: IIRC (2011)

Da mesma forma, para que a informação divulgada traduza uma imagem verdadeira e justa da empresa, o RI, segundo o IIRC, deve incluir os elementos de conteúdo, apresentados no quadro 5. A interligação existente entre eles deve ser demonstrada ao invés de seções isoladas e autónomas (IIRC, 2011).

Quadro 4: Elementos de conteúdo segundo IIRC

Elementos de conteúdo	Descrição
Visão geral e modelo de negócios	<ul style="list-style-type: none"> • Missão, atividades principais, produtos e serviços; • Modelo de negócios e dependência das partes interessadas; • Exposição ao risco.
Contexto operacional (riscos e oportunidades)	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto comercial, social e ambiental em que a empresa opera; • Principais riscos e oportunidades da organização.
Objetivos estratégicos e como os atingir	<ul style="list-style-type: none"> • Decisões de gestão relacionados com recursos e relacionamentos chave; • Ligações entre estratégias e conteúdos; • Incorporação da sustentabilidade na estratégia de criação de valor futura.
Governança e remuneração	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura de governança da organização; • Ligação das remunerações ao desempenho da organização no curto, médio e longo prazo e o impacto sobre os recursos dos quais depende.
Performance	<ul style="list-style-type: none"> • KPIs e KRIs relativos ao desempenho da organização nos objetivos estratégicos a que se propôs; • Impactos, positivos e negativos, sobre os recursos e relacionamentos dos quais depende; • Fatores externos que influenciam o seu desempenho; • Cumprimento das metas.
Perspetiva futura	<ul style="list-style-type: none"> • Preparação para o contexto operacional a longo prazo; • Equilíbrio dos interesses de curto e longo prazo; • Potenciais repercussões de médio e longo prazo; • Ações necessárias para atingir esses objetivos; • Incerteza associadas.

Fonte: IIRC (2011)

O IIRC tem como objetivo criar valor acrescentado a médio e longo prazo e facilitar o crescimento sustentável das empresas no futuro (Ortiz-Martínez et al., 2020).

A IIRC definiu seis categorias de capital que representam a base de uma forma inovadora de avaliação e apresentação do desempenho anual de uma empresa: capital financeiro, capital manufactureiro, capital humano, capital social e de relacionamento, capital intelectual e capital natural (Buchholz et al., 2020; Izzo et al., 2020).

Quadro 5: Categorias de Capital segundo a IIRC

Categorias de Capital	Descrição
Capital Financeiro	Conjunto de fundos: disponível para a organização usar na produção de bens e/ou prestação de serviços; obtido através de financiamento, como dívida, capital, subsídios ou investimentos.
Capital Manufactureiro	Objetos físicos disponíveis para a organização usar na produção de bens e/ou prestação de serviços como: edifícios, equipamentos e infraestruturas (estradas, portos, pontes e resíduos e estações de tratamento de água).

Capital Humano	Capacidades e experiência das pessoas e suas motivações para inovar, incluindo: alinhamento e suporte da estrutura de governança da organização e valores éticos, como reconhecimento dos direitos humanos; capacidade para compreender e implementar as estratégias da organização; lealdade e motivação para melhorar processos, bens e serviços, como capacidade de liderar e colaborar.
Capital Social e de relacionamento	Relações estabelecidas dentro e entre cada comunidade, grupo de partes interessadas e outras redes com objetivo de melhorar o bem-estar individual e coletivo. Por exemplo, valores e comportamentos comuns, relacionamentos-chave, confiança e lealdade desenvolvida com clientes, fornecedores e parceiros de negócios e licença social de uma organização para operar.
Capital intelectual	Intangíveis que proporcionam competitividade, por exemplo: propriedade intelectual, como patentes, direitos de autor, softwares, sistemas organizacionais, procedimentos e protocolos; intangíveis associados à marca e reputação que a organização vai desenvolvendo.
Capital Natural	Geralmente são um input para a produção de bens ou serviços, como: água, terra, minerais, florestas, biodiversidade e saúde do ecossistema.

Fonte: IIRC (2011)

2.2.3 Sustainability Accounting Standards Board

O Sustainability Accounting Standards Board (doravante SASB) é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2011 por Jean Rogers, com a missão declarada de “estabelecer padrões de divulgação específicos da indústria em tópicos ESG que facilitem a comunicação entre empresas e investidores sobre informações relevantes e úteis para a tomada de decisão (SABS, 2018).

Os padrões desenvolvidos pelo SASB focam, principalmente, os fatores ESG que são pertinentes ao desempenho financeiro de uma empresa. A divulgação destes fatores deve demonstrar o impacto da empresa no meio ambiente, na sociedade e na economia e são, geralmente, direcionados para investidores (Buchholz et al., 2020).

Com o objetivo de identificar as questões ESG que afetam o desempenho financeiro de uma empresa e, portanto, financeiramente relevantes para os investidores, o SASB desenvolveu um conjunto de padrões de informações de mercado específicas de cada setor (Busco, Consolandi, Eccles, & Sofra, 2020). Os padrões desenvolvidos pelo SASB incluem medidas quantitativas e, por vezes, qualitativas (Buchholz et al., 2020).

Tendo como princípio que a materialidade das questões de sustentabilidade varia entre setores, o SASB desenvolveu o Sustainable Industry Classification System (doravante SICS) que compreende 11 setores que se divide em 77 indústrias, tendo cada um o seu

próprio conjunto de padrões no sistema SABS. Dentro deste sistema, as empresas são classificadas em setores e indústrias de acordo com a visão fundamental do seu modelo de negócios, nível de recursos bem como riscos e oportunidades de sustentabilidade (Busco et al., 2020).

Para o desenvolvimento dos padrões SASB, o conceito de sustentabilidade foi interpretado como referindo-se a “atividades ESG corporativas que, no processo de abordagem de questões ambientais e sociais, ajudem a manter ou mesmo aumentar a capacidade da empresa de criar valor a longo prazo”(Busco et al., 2020).

O SABS identifica um conjunto de 26 categorias de questões gerais de sustentabilidade que podem ser organizadas em cinco dimensões amplas de sustentabilidade: meio ambiente, capital social, capital humano, modelo de negócios e inovação e liderança e governança (Busco et al., 2020).

Quadro 6: Dimensões amplas de sustentabilidade segundo SABS

Dimensões	Descrição
Meio Ambiente	Inclui impactos corporativos sobre o meio ambiente que afetam os recursos naturais e o desempenho operacional ou financeiro de uma empresa.
Capital Social	Papel da empresa na sociedade ou expectativa que a empresa contribua para o bem geral da sociedade em troca de uma licença para operar.
Capital Humano	Inclui toda a gestão dos recursos humanos como principal ativo gerador de valor a longo prazo.
Modelo de negócios e inovação	Aborda a integração das questões ambientais, humanas e sociais no processo de criação de valor de uma empresa.
Liderança e governança	Envolve a gestão de questões que são inerentes ao modelo de negócios ou prática comum na indústria e que estão em potencial conflito com o interesse das partes interessadas.

Fonte: SASB Conceptual Framework (2017)

O trabalho do SABS é complementado com o trabalho desenvolvido pela GRI. Existem duas características que os diferenciam, uma delas é o público-alvo: a GRI foi fundada para fornecer informações aos vários stakeholders cujas principais preocupações são externalidades, ou seja, os efeitos positivos e negativos que vão além da atividade normal da empresa, sendo a sua definição de materialidade o impacto social; pelo contrário o público-alvo do SABS são os investidores, cuja definição de materialidade é a relevância financeira de uma questão ESG (Busco et al., 2020).

Concluindo, estas duas organizações apresentam padrões de relatórios que atendem a fins diferentes, como tal não devem ser entendidas como concorrentes, mas sim como complementares pois a GRI ao identificar questões que, embora não sejam materialmente relevantes financeiramente hoje, podem vir a sê-lo no futuro (Busco et al., 2020).

2.2.3.1 Indicadores ESG

Tal como já vem sido exposto, ao longo deste trabalho, os fatores não financeiros têm vindo a ganhar cada vez maior destaque junto dos investidores, ao fazerem parte do processo de análise para identificar riscos materiais e oportunidades de crescimento. Apesar da crescente tendência de divulgação de informação não financeira, as métricas ESG geralmente não fazem parte dos relatórios financeiros obrigatórios, embora um número cada vez maior de empresas inclua essa informação no relatório anual ou num relatório de sustentabilidade independente (Matos, 2020).

Por trás desta crescente incorporação de questões ESG está uma força motriz – uma mudança social. A transferência da riqueza dos *baby boomers* para a geração milénar e a crescente preferência pela alocação de riqueza de uma maneira mais sustentável, são disso exemplo. Outro instigador de mudança é o aumento da regulamentação após o escândalo financeiro global de 2008 (Matos, 2020).

Nos últimos anos, verifica-se um aumento da conscientização de que a exposição corporativa aos riscos ambientais, sociais e de *governance* podem afetar materialmente o valor da empresa a longo prazo. A fraude contabilística de Enron Corporation, em 2001, o derramamento de óleo, em 2010, da Deepwater Horizon, a fraude no teste das emissões da Volkswagen, em 2015, e o escândalo da privacidade de dados no Facebook, em 2018, são exemplos de incidentes relacionados a questões de ESG (Matos, 2020).

Os temas da ESG decorrem da evolução teórico e prática que teve origem no conceito de Responsabilidade Social Corporativa (RSC). Em 2011, a Comissão Europeia, definiu a RSC como “ *a responsabilidade das empresas pelo impacto que têm na sociedade...Para cumprir plenamente a responsabilidade social que lhes incumbe, as empresas devem adotar processos com o fito de integrar as preocupações de índole social, ambiental e*

ética, o respeito dos direitos humanos e as preocupações dos consumidores nas respetivas atividades e estratégias, em estreita colaboração com as partes interessadas, a fim de: maximizar a criação de valor que é partilhado pelos proprietários, acionistas, demais partes interessadas e para a sociedade em geral; identificar, evitar e atenuar os seus possíveis impactos negativos”.

Uma estratégia de RSC implica a realização de iniciativas que reduzem potenciais externalidades negativas decorrentes da atividade da empresa, ao mesmo tempo que contribuem para:

- Redução do risco, pela antecipação de controlo dos impactos sobre a sociedade;
- Melhoria das relações com as partes interessadas: colaboradores, fornecedores, reguladores, clientes, etc.;
- Redução do custo de capital (BCSD, 2017).

A literatura sugere que as empresas que prosseguem iniciativas de RSC são mais atrativas para os investidores porque: (1) têm melhores práticas de *Governance*; (2) gerem melhor os riscos; e (3) interagem de forma mais equilibrada com a sociedade e com as partes interessadas prioritárias (BCSD, 2017).

As iniciativas de RSC necessitam de ser mensuradas através de indicadores não financeiros que reportam o desempenho da empresa sobre as suas práticas ambientais, sociais e de *governance*, que permitem:

- Do ponto de vista ambiental, saber como os temas ambientais são geridos;
- Do ponto de vista social, avaliar as relações da empresa com os colaboradores, clientes, fornecedores e comunidade onde se insere;
- Do ponto de vista do governo da sociedade, identificar a liderança e a sua ligação com os temas ESG, a política de remuneração, as auditorias, os controlos internos e os direitos dos acionistas (BCSD, 2017).

Não existe consenso sobre a lista exata de questões ESG que as empresas enfrentam nem da sua materialidade. Outro desafio tem que ver com a sua interligação, ou seja, pode ser difícil classificar um problema ESG como apenas um problema ambiental, social e/ou de governança (Matos, 2020).

A dimensão ambiental (E) mede o impacto de uma empresa no ecossistema natural, que inclui as emissões, o uso eficiente de recursos naturais no processo de produção, poluição e resíduos. A dimensão social (S) abrange as relações de uma empresa com os seus colaboradores, clientes, fornecedores e sociedade. Por último, a dimensão de governança (G) que avalia os sistemas existentes para a administração atuar no melhor interesse dos direitos dos acionistas a longo prazo (Matos, 2020).

Quadro 7: Principais questões ESG

Ambiental	Social	Governança
Alterações climáticas e emissões de carbono	Satisfação do cliente	Composição do Conselho
Poluição do ar e da água	Proteção de dados e privacidade	Estrutura do conselho de auditoria
Biodiversidade	Género e diversidade	Suborno e corrupção
Desflorestação	Envolvimento dos funcionários	Remuneração executiva
Eficiência energética	Relações Comunitárias	Pressão
Gestão de resíduos	Direitos humanos	Contribuições políticas
Escassez de água	Direitos dos trabalhadores	Esquema de denúncias

Fonte: CFA Institute (<https://www.cfainstitute.org>)

Tem sido grande o enfoque dado pelos investidores às questões relacionadas com a dimensão ambiental, resultado do aquecimento global e do risco associado às mudanças climáticas que daí poderão advir. Não surpreende que os Dicionários de Oxford denominem “emergência climática” como a Palavra do ano de 2019. Além disso, o Fórum Económico Mundial de 2019 identificou os três principais riscos como “eventos climáticos extremos”, “falha na mitigação e adaptação à mudança de clima” e “desastres naturais” (Matos, 2020).

O interesse dos investidores na incorporação destes indicadores, no processo de investimento, tem sido crescente. Acreditam que esta informação lhes dá uma compreensão mais completa das empresas em que tencionam investir. O tópico da materialidade é ainda uma grande questão em debate junto de investidores, entidades reguladoras e o próprio setor. Questões definitivas como “o que é considerado material” ainda precisam ser resolvidas. Várias instituições, como o SASB (Sustainable Accounting

Standards Board) e a Global Reporting Initiative (GRI) procuram formar padrões e definir a materialidade para facilitar a incorporação dos fatores ESG no processo de investimento (CFA Institute).

2.3 CONTABILIDADE DE GESTÃO E O RELATO

De forma, a obter uma maior compreensão do tema será exposto, de seguida, uma breve análise à evolução da contabilidade de gestão e ao seu contributo para o relato empresarial.

2.3.1 A evolução da contabilidade de gestão

De acordo com o International Federation Accountants (IFAC) a evolução da contabilidade de gestão aconteceu em quatro etapas. A primeira etapa, até 1950, onde a preocupação era a determinação do custo e o controlo financeiro, através do orçamento e da contabilidade de custos. Numa segunda etapa, que decorreu até 1965, a contabilidade de gestão dava suporte às atividades de planeamento e controlo, através da análise de decisões e responsabilização. Numa terceira etapa, até 1985, a contabilidade de gestão centrava-se na redução dos desperdícios através da análise dos processos e da gestão de custos. Por último, desde 1995, discute-se a criação de valor através da utilização eficaz e eficiente dos recursos, examinando os condutores de valor para os clientes, para os acionistas e para a inovação organizacional.

Ao percorrermos estes quatro períodos da história da contabilidade de gestão, percebe-se que esta tem evoluído para dar resposta a objetivos estratégicos inseridos em sistemas socioeconómicos em constante evolução. Assim, para uma correta análise da sua evolução, deve-se compreender não apenas os desenvolvimentos técnicos, mas também as suas estruturas socioeconômicas subjacentes (Alsharari, Dixon, & Youssef, 2015).

Em 1987, num período marcado por fortes transformações políticas, económicas e tecnológicas, os norte-americanos H. Thomas Johnson e Robert S. Kaplan, publicaram a obra "*Relevance Lost - The Rise and Fall of Management Accounting*". Nessa obra, os

autores afirmavam que os sistemas de contabilidade gestão utilizados na época eram inadequados para o contexto vivido pelas organizações tendo mesmo perdido a sua relevância. Vários autores consideram que esta obra é um marco para a área da contabilidade, uma vez que motivou pesquisadores a refletirem sobre o papel da contabilidade de gestão, servindo de catalisador no desenvolvimento do pensamento e prática da contabilidade de gestão.

Outro marco histórico, catalisador no desenvolvimento da CG, foi a revolução tecnológica ao dar a possibilidade aos especialistas de se libertarem das tarefas mais mecânicas e contabilísticas, consumindo cada vez menos tempo a preparar relatórios padronizados e focando-se mais na análise e interpretação da informação. Atualmente, a CG é vista como um parceiro de negócio, com responsabilidade e autoridade para indicar aos gestores operacionais porque determinado tipo de informação é ou não relevante (Vicente et al., 2009).

A necessidade de evolução da contabilidade de gestão tem dado origem a muitos estudos, por exemplo, Libby e Waterhouse, 1996; Burns et al., 1999; Burns and Scapens, 2000; Burns e Vaivio, 2001; Williams e Seaman, 2001; Hassan, 2005; Sulaiman e Mitchell, 2005; Laitinen, 2006; Lukka, 2007; Yazdifar et al., 2008; Akaber, 2010; Tomasz, 2010; Jansen, 2011 (Lasyoud, Haslam, & Roslender, 2018).

A literatura evidencia que muitos dos estudos acerca do processo de mudança da contabilidade de gestão são explicados à luz de duas perspetivas da teoria institucional: “*old institutional economics*” ou OIE e da “*new institutional economics*” ou NIE. A OIE explica a mudança na contabilidade de gestão como um processo no qual novas rotinas são postas em práticas, reproduzidas e institucionalizadas. Já a abordagem da NIE objetiva principalmente explicar como a mudança inter-organizacional é difundida dentro do campo organizacional (Arroyo, 2012).

Nas últimas décadas, o ambiente económico global tornou-se cada vez mais volátil. A instabilidade afeta todos os países, todos os setores e todos os tipos de negócios. Nestas condições, a capacidade de uma organização em antecipar e responder às flutuações externas é fundamental para a sua sobrevivência (Erokhin, Endovitsky, Bobryshev, Kulagina, & Ivolga, 2019). A crescente consciencialização e preocupação, quer das empresas quer dos cidadãos, em relação às questões sociais e ambientais, incitam a

contabilidade, enquanto principal sistema de informação, a acompanhar esta tendência (Monteiro et al., 2017).

Burns et. al. (2013) defendem ter chegado o momento para uma quinta fase de desenvolvimento da contabilidade de gestão relacionado com o fornecimento e desenvolvimento de sistemas de informação capazes de apoiar o desenvolvimento sustentável. A emergência do tema da sustentabilidade, nomeadamente no que diz respeito às questões ambientais, tem levado vários investigadores a avaliarem de que forma as principais práticas de contabilidade de gestão, como alocação de custos, orçamento e avaliação de desempenho, mudaram de forma a incluir o meio ambiente e os problemas sociais (Arroyo, 2012).

Os utilizadores da informação financeira têm-se tornado cada vez mais exigentes, onde as questões relacionadas com a responsabilidade social e o ambiente são cada vez mais valorizadas e sujeitas a divulgação. Nesse sentido, a contabilidade não pode ficar à margem deste processo (Eugenio, 2010).

2.3.2 Ligações entre a Contabilidade de Gestão e o Relato

Segundo Arroyo (2012), as práticas de contabilidade de gestão são afetadas por questões de sustentabilidade. Nos últimos anos várias empresas em todo o mundo perceberam o benefício de incorporar questões de sustentabilidade nas suas estratégias corporativas. Por forma a avaliar os benefícios dessas estratégias, as empresas precisam de sistemas de contabilidade gestão que permitam aos seus gestores gerir, analisar e controlar o desempenho ambiental, social e económico (Arroyo, 2012).

Por outro lado, o contrário também pode acontecer, passar pelo processo de relato de sustentabilidade pode originar alguma mudança a nível organizacional. Bouten (2013) faz referência a um estudo de pesquisa-ação, levado a cabo por Adams e McNicholas, em 2007, que conclui isso mesmo. Os autores sugerem que um processo de preparação de um relatório e a subsequente visibilidade dos dados de desempenho de sustentabilidade, atuou como um catalisador para a mudança em direção à melhoria do desempenho de sustentabilidade.

As práticas de sustentabilidade têm-se tornado numa variável estratégica dando origem a alterações nas formas de gestão empresarial. A contabilidade tem, entre muitas outras funções, o dever de utilizar a responsabilidade social como ferramenta de gestão estratégica das suas ações (Fernández, Boga, & Faria, 2014). Conforme podemos verificar no quadro n.º 8, novos modelos de gestão de informação contabilística são fundamentais para a tomada de decisão sustentável em conformidade com a estrutura e objetivos estratégicos da empresa.

Quadro 8: Ferramentas da CG adaptadas à sustentabilidade

Ferramenta	Descrição
Tomada de decisão de investimento de capital	Na determinação dos retornos dos investimentos, custos ambientais, economias e receitas podem ser levados em consideração (por exemplo, Parker, 2000b) ou as empresas também podem investir especificamente em projetos ambientais (por exemplo, Epstein e Roy, 1997), como moinhos de vento ou estações de tratamento de águas residuais.
Orçamento	Durante o processo de orçamento, metas detalhadas para custos ambientais (por exemplo, despesas para uso de água e consumo de eletricidade) e receitas (por exemplo, da venda de sucata de material ou de reciclagem de resíduos) podem ser definidas.
Avaliação de desempenho	Os scorecards de indicadores desempenho ambiental podem ser medidas ad hoc que os gerentes devem manter “sob controlo” e gerenciar por exceção (Kaplan e Norton, 1996 ^a , Kaplan e Norton, 1996b), mas as organizações também podem traduzir as preocupações ambientais em estratégia (por exemplo, Atkinson et al., 1997, Epstein, 1996, Johnson, 1998) e usar EPIs para apoiar a tomada de decisão e motivar a melhoria contínua (Henri e Journeault, 2008) e para melhorar o desempenho ambiental (Henri e Journeault, 2010)
Sistemas de incentivos	Os incentivos podem ser criados integrando critérios ambientais em considerações de promoção (Masanet-Llodra, 2006) ou cálculos de bônus (Kolk e Perego, a ser publicado)
Custeio	Os esquemas de classificação de custos ambientais podem ser um primeiro passo na identificação de potenciais economias de custos ambientais (Parker, 2000b), mas as organizações também podem alocar custos ambientais para produtos ou serviços específicos, por exemplo, por meio de custeio baseado em atividades (por exemplo, Quarles e Stratton, 1998, Stone, 1995)

Fonte: Bouten e Hoozée (2013)

Vários autores têm estudado as motivações das empresas no envolvimento com as questões de sustentabilidade, no entanto, poucos têm abordado a questão de como as empresas integram a avaliação e relato da sustentabilidade com a contabilidade de gestão (Maas, Schaltegger, & Crutzen, 2016) .

Medição, gestão e comunicação de informações de sustentabilidade requer uma boa interação entre diferentes métodos e atores da empresa para a recolha, análise e divulgação de dados relevantes (Maas et al., 2016). Partindo da premissa que a medição precede a gestão e a comunicação, estes autores identificaram quatro principais abordagens de medição e gestão da sustentabilidade: avaliação da sustentabilidade, contabilidade de gestão da sustentabilidade, relatórios sociais ou ambientais (ou sustentabilidade) e controlo de gestão da sustentabilidade, à luz de duas perspetivas: perspetiva da transparência e de melhoria do desempenho, conforme quadro n.º 9.

Quadro 9: Abordagens de medição e gestão da sustentabilidade segundo as perspetivas de transparência e melhoria do desempenho

	Transparência	Melhoria do desempenho
Medição	Avaliação da sustentabilidade (com base nas necessidades dos relatórios)	Contabilidade de gestão da sustentabilidade (com base nos objetivos estratégicos)
Gestão e Comunicação	Relatório de sustentabilidade	(Progressivo) design e uso formal e informal da contabilidade de gestão da sustentabilidade

Fonte: Maas et al. (2016)

Segundo a perspetiva da transparência, a medição e gestão da sustentabilidade, com base nas necessidades dos relatórios, leva uma visão externa da sociedade para a empresa. Esta implica que os indicadores sejam padronizados, quantificados, comparáveis entre empresas e ao longo do tempo e compreensíveis por um amplo grupo de stakeholders externos (Maas et al., 2016). Vários estudos apontam que a recolha de dados sobre o desempenho da sustentabilidade, para fins de relatório externos (ou de sustentabilidade), maioritariamente levam à denominada “lavagem verde”, que pouco tem a ver com sustentabilidade.

Do ponto de vista de medição e gestão da sustentabilidade, orientada para o desempenho, o processo de recolha, análise e comunicação da performance é feito com base nos objetivos estratégicos da empresa (Maas et al., 2016). A abordagem integrada destes conceitos é necessária, uma vez que, a criação de transparência não abarca apenas os stakeholders externos, mas também os stakeholders internos da empresa responsáveis por gerir e medir o desempenho da sustentabilidade (Maas et al., 2016).

3 METODOLOGIA

O contributo das metodologias qualitativas e os paradigmas a elas associadas muito têm contribuído para o desenvolvimento da investigação em contabilidade (Silva & Silva, 2013). O presente trabalho será desenvolvido numa pesquisa do tipo qualitativa com abordagem interpretativa, recorrendo a uma metodologia mista, composta primeiramente por uma revisão sistemática de literatura que é complementada com realização de um estudo de caso. Para a realização do estudo de caso utiliza-se a técnica da entrevista semiestruturada para a recolha da informação, complementada com análise de conteúdo.

Neste capítulo, inclui-se, toda a explicitação e fundamentação no que diz respeito às opções metodológicas seguidas, pelo que se apresenta estruturado em três subcapítulos. No primeiro serão enumerados os objetivos específicos do estudo de modo a fundamentar a estratégia de investigação escolhida. No segundo capítulo será apresentada a metodologia utilizada. Por fim, no terceiro é apresentado o método de recolha de dados utilizado.

3.1 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PARTIDA

Tal como referido no primeiro capítulo o objetivo deste estudo é responder à seguinte questão de partida:

Como e qual o contributo da contabilidade de gestão no relato da sustentabilidade nas empresas têxteis?

De forma de atingir este objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar e caracterizar as tendências de investigação científica, publicada nos últimos 10 anos, sobre a contabilidade de gestão e o relato;
- Caracterizar e perceber qual a evolução da estratégia de relato da sustentabilidade na Riopelle Têxteis, SA;
- Compreender as perceções da gestão da Riopelle Têxteis, SA. sobre o contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade;

- Identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade da Riopole Têxteis, SA;
- Identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade dos principais concorrentes.

Assim, para que possam ser cumpridos os objetivos definidos passaremos a descrever as opções metodológicas que guiaram o presente trabalho de investigação.

3.2 OPÇÕES METODOLÓGICAS

Para responder ao primeiro objetivo específico desta investigação, de identificar e caracterizar as tendências de investigação científica, publicadas nos últimos 10 anos, sobre a contabilidade de gestão e o relato, será realizada a metodologia de revisão sistemática de literatura. Após a recolha e tratamento da informação relativa ao estado da arte sobre contabilidade de gestão e relato, estaremos preparados para avançar para o estudo caso. De seguida apresentamos em subcapítulos independentes as opções metodológicas da revisão sistemática de literatura e do estudo de caso.

3.2.1 Revisão sistemática de literatura

A revisão sistemática da literatura (doravante RSL), apesar de ser uma metodologia de investigação com origem nas ciências médicas teve, após o ano 2000, um crescimento expressivo como metodologia de investigação noutras áreas de conhecimento (Igarashi, Corrêa Igarashi, & Borges, 2015). Esta metodologia reveste-se de grande utilidade na integração do conhecimento sobre uma determinada temática na medida em que abrange a literatura de forma não tendenciosa e responde a uma pergunta específica (De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi, & Bertolozzi, 2011); trata-se de um processo replicável e transparente (Bowen, Kahindi, Herremans, Bowen, & Herremans, 2016) e sintetiza evidências disponíveis na literatura (Rosana F & Mancini, 2013).

Os trabalhos de RSL exigem a aplicação de procedimentos metodológicos muito claros e explícitos. Atualmente, os investigadores dispõem de guiões práticos para desenvolverem este tipo de estudo, nomeadamente o *Cochrane Handbook*; o *Preferred Reporting items for systematic reviews and meta-analyses (prisma)*. A aplicação destes procedimentos às ciências sociais carece de importantes adaptações.

A metodologia seguida foi baseada no artigo de Silva e Silva (2019) “Contabilidade de gestão nos hospitais: uma revisão sistemática da literatura (2014-2019)”.

De seguida apresenta-se as opções metodológicas relativas ao estudo de caso.

3.2.2 Estudo de caso

Existem diferentes posicionamentos que relatam as origens do estudo de caso: pesquisa médica e psicológica; ciências humanas e sociais; estudos antropológicos, entre outros. Da mesma forma, há na literatura mundial contemporânea a contribuição de muitos autores, com posições diversas, para a apresentação do seu significado como modalidade de pesquisa (Ventura, 2007). De forma generalizada, o estudo de caso, pode ser definido pela investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar, com objetivo de se perceber o que o caso sugere a respeito do todo e não apenas do caso em particular. Atualmente, é utilizado na investigação de fenômenos das mais diversas áreas do conhecimento (Ventura, 2007).

O estudo de caso pode também ser definido pelo método de fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenómeno atual dentro do seu contexto de vida-real, onde as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são usadas (Yin, 2005).

Segundo Yin (1984), como trabalhos de investigação, os estudos de caso podem ser:

- Exploratórios, quando utilizados para obter informação preliminar acerca do objeto de interesse;
- Descritivos, quando o propósito essencial descrever, ou seja, dizer simplesmente “como é” o caso em apreço;
- Analíticos, quando procuram problematizar o seu objeto e construir ou desenvolver uma nova teoria ou confrontá-la com outra já existente.

Os estudos de caso têm um papel fundamental a desempenhar numa investigação qualitativa, nas suas vertentes interpretativa e crítica, dada a sua capacidade de obter resultados privilegiados do funcionamento da contabilidade de gestão nas organizações contemporâneas, ajudando a melhorar a compreensão dos muitos paradoxos inerentes aos recursos crescentes da contabilidade (Martins, 2013).

Sendo o principal objetivo deste estudo perceber como e qual o contributo da contabilidade de gestão no relato da sustentabilidade, nas empresas têxteis, o objeto deste caso de estudo será uma das maiores empresas do setor, que exporta 96% da sua produção para vários mercados em todo o mundo e emprega atualmente mais de 1.200 colaboradores. A sua atividade centra-se na criação e produção de tecidos para coleções de moda e vestuário. Incorporando práticas de sustentabilidade em todos os níveis do negócio, a empresa integra verticalmente as áreas de I&D, fiação, tinturaria, torcedura, tecelagem e acabamentos, garantindo uma ampla flexibilidade produtiva, controlo da qualidade e lead time.

Considera-se possível, com este estudo, contribuir para a melhoria da capacidade de divulgação dos investimentos que as empresas do setor têm vindo a incorrer de modo a cumprir as metas propostas em matéria de sustentabilidade, com o objetivo final de captar o interesse dos consumidores/investidores alavancando, dessa forma, a competitividade e performance do setor.

3.3 MÉTODOS DE RECOLHA DE DADOS

Relativamente aos métodos de recolha de dados, atendendo à diferenciação dos mesmos, subdividiremos este subcapítulo em duas secções, uma com referência à revisão sistemática da literatura e a outra relativa ao estudo de caso.

3.3.1 *Revisão sistemática de literatura*

A questão de investigação foi formulada nos seguintes termos: quais as tendências de investigação sobre o relato, em termos de tópicos e metodologias?

As fontes de dados utilizadas para dar resposta a esta questão de investigação foram as plataformas eletrónicas Web of Science e SCOPUS. Os dados recolhidos cingiram-se a artigos publicados nas revistas indexadas nessas plataformas. Desta análise foram excluídos todos os trabalhos publicados em atas de congressos, todos os trabalhos não publicados, e todos os trabalhos publicados em revistas não disponíveis das bases de dados selecionadas.

A recolha de dados foi realizada entre os dias 15 e 20 de fevereiro de 2020. Foi realizada uma pesquisa exploratória inicial no *google académico* para ensaiar as palavras de pesquisa, tendo sido experimentadas diversas combinações e, para cada uma dessas combinações, foram analisados os resultados de modo a verificar qual a combinação de palavras que resultava num maior número de artigos que abordava especificamente a problemática do relato. As combinações com melhores resultados foram:

- “management accounting” and “reporting”;
- “corporate financial reporting”.

O quadro 8 resume os resultados do processo de recolha de dados.

Quadro 10: Fonte de dados e resultados

Base de Dados 2010-2020	SCOPUS	Web of Science	Total sem sobreposição
"Management accounting" and "reporting"			
Iniciais	23 artigos	79 artigos	
Após 1º critério seleção (título)	12 artigos	29 artigos	
Após 2º critério seleção (resumo)	12 artigos	24 artigos	
Após 3º critério de seleção (artigo completo)	12 artigos	24 artigos	27 artigos
"Corporate financial reporting"			
Iniciais	8 artigos	14 artigos	
Após 1º critério seleção – título	5 artigos	9 artigos	
Após 2º critério seleção – resumo	5 artigos	8 artigos	
Após 3º critério de seleção – artigo completo	5 artigos	8 artigos	10 artigos
TOTAL	17 artigos	32 artigos	37 artigos

Durante o processo de leitura final dos artigos completos, foram eliminados alguns artigos pelas seguintes razões: quatro artigos não acessíveis, apesar do critério de acessibilidade ter sido selecionado inicialmente, verificou-se que estes não o cumpriam; e um artigo tratava-se de uma ata de congresso.

As combinações utilizadas para a pesquisa, “management accounting” and “reporting” e “corporate financial reporting”, deram origem a um total de 124 artigos, incluindo sobreposições. O número de artigos obtidos utilizando as palavras “management accounting” e “reporting” (102) foram muito superiores aos obtidos com as palavras

“corporate financial reporting” (22). Curiosamente, verifica-se também que a base de dados Web of Science apresenta um leque muito mais alargado de artigos (93) face à SCOPUS (31).

Após a extração da lista de resultados inicial, foi realizada uma seleção de artigos com base no título. Esta primeira seleção permitiu excluir artigos que tratavam questões exclusivamente relacionadas com questões contabilísticas, no seu sentido mais lato, ou que se situavam no âmbito da obrigatoriedade da prestação de contas a que estão sujeitas as atividades económicas. O universo do estudo reduziu para 55 artigos, incluindo sobreposições.

A leitura dos resumos foi a segunda etapa na determinação dos artigos que iriam ser utilizados na revisão sistemática da literatura. Curiosamente, apenas 6 artigos foram excluídos nesta fase da pesquisa, não se registando uma diferença significativa entre os artigos selecionados com base no título e os artigos selecionados após a leitura do resumo, em nenhuma das bases de dados.

No final, verifica-se que existem 12 artigos comuns aos resultados das duas estratégias de pesquisa aplicadas, tendo ficado um universo de 37 artigos para análise conforme Apêndice I – Lista de artigos analisados.

A partir de então, a análise dos artigos foi feita de forma qualitativa, seguindo uma categorização que nos permite responder às seguintes questões de investigação:

- Quais os tópicos abordados?
- Quais as metodologias aplicadas?

Na secção seguinte apresenta-se a caracterização das técnicas utilizadas para o estudo de caso.

3.3.2 Estudo de caso

Uma das características dos estudos de caso é a possibilidade de obter informação a partir de múltiplas fontes de dados, dependente da natureza do caso, e tendo por finalidade, possibilitar o cruzamento de ângulos de estudo ou de análise (Hamel, 1997). Na investigação qualitativa, os métodos mais utilizados são a entrevista, a observação,

análise de conteúdo, os registos de áudio e vídeo. Muitos destes métodos complementam-se mutuamente (Silva & Silva, 2013).

Assim, os instrumentos de recolha de informação utilizados foram as entrevistas semiestruturadas, isto é, entrevistas com questões pré-definidas e a análise de conteúdo, nomeadamente, aos relatórios e contas da empresa e ao site dos seus principais concorrentes.

O modelo de entrevistas semiestruturadas permite, por um lado, controlar a entrevista de acordo com a informação que se pretende obter e, ao mesmo tempo, permite que seja possível conseguir-se uma explicação detalhada das respostas auferidas (Ghauri & Gronhaug, 2010).

A entrevista, como método e ferramenta de pesquisa, tem vindo a ser utilizada há muitas décadas. Este método apresenta vantagens relativamente aos questionários, nomeadamente, no que diz respeito à objetividade das respostas obtidas, uma vez que os significados das palavras são esclarecidos durante a própria entrevista, o que minimiza as distorções das respostas (Temer & Tuzzo, 2017).

Este método de recolha de dados é um dos métodos mais utilizados nos estudos de caso qualitativos. As entrevistas, conjugadas com os registos áudio e/ou vídeo, permitem obter informação qualitativa de vários intervenientes com diferentes pontos de vista (Silva & Silva, 2013).

Para os investigadores da área da comunicação, a entrevista é um método tradicional e relevante, pois é, em si e *per si*, um processo comunicacional, permitindo ao entrevistador a análise de critérios subjetivos, por meio de uma contínua reinterpretação do discurso dos entrevistados (Temer & Tuzzo, 2017).

Existem dois tipos de entrevistas que podem ser usados: entrevistas estruturadas e semiestruturadas. As primeiras são entrevistas realizadas a partir de um roteiro previamente definido, que deverá ser seguido pelo pesquisador. Por sua vez, nas entrevistas semiestruturadas, ao roteiro inicial poderão ser acrescentadas novas perguntas, a critério do entrevistador, quando o entrevistado apresentar dados relevantes que não estavam previstos no roteiro original (Temer & Tuzzo, 2017).

As entrevistas semiestruturadas são as mais utilizadas na investigação qualitativa em contabilidade, particularmente em contabilidade de gestão, dado serem as que procuram recolher o máximo de informação por parte dos entrevistados, mas seguindo uma linha orientadora que permita focalizar num determinado objetivo de investigação (Silva & Silva, 2013).

O guião de entrevista usado neste trabalho foi elaborado com base no guião de entrevista da dissertação de Abreu (2018) “A divulgação de voluntária de informação sobre Responsabilidade Social: o caso do Grupo Polopique”. O guião foi dividido em 3 grupos, atendendo aos objetivos específicos distintos.

As entrevistas foram realizadas pessoalmente (2) e em videochamada (5) e gravadas em ficheiros de áudio, de forma a serem transcritas, para posterior análise. Foram todas executadas pela mesma pessoa (autora desta dissertação).

O guião da entrevista foi elaborado com a finalidade de orientar o entrevistador no decorrer da entrevista, incluindo um questionário semiestruturado (Apêndice 2, ver também Apêndice 3 – pedido de colaboração, Apêndice 4 – Declaração de confidencialidade e Apêndice 5 – Formulário de autorização) que, no entanto, pode ser alterado ou reformulado, de maneira a permitir um discurso mais natural por parte do entrevistado.

Foi realizada uma entrevista a um dos administradores da organização para se obter uma contextualização do ambiente interno e externo da empresa e realizar uma primeira abordagem ao tema do relato da sustentabilidade, de modo a ser possível compreender a posição da empresa face ao tema. De seguida, foram realizadas entrevistas ao diretor do departamento financeiro, contabilista certificado e diretor financeiro adjunto, diretora do departamento de investigação e desenvolvimento, responsável pelo departamento da sustentabilidade, responsável pelo departamento de qualidade, ambiente e segurança e colaboradora da sustentabilidade do produto.

Por motivos confidenciais, os nomes dos entrevistados foram substituídos por códigos identificativos (E1 para o Administrador da empresa, E2 para o Diretor Financeiro, E3 para o Contabilista Certificado, E4 para a Diretora do departamento de Investigação e Desenvolvimento, E5 para o Responsável pelo departamento de Sustentabilidade, E6

Responsável pelo departamento de Qualidade, Ambiente e Segurança e E7 para o colaborador afeto à Sustentabilidade do produto). O Quadro 4 apresenta a informação relativa às entrevistas efetuadas.

Quadro 11: Informação das entrevistas

Entrevistados	Área	Função	N.º anos na empresa	Habilitações académicas	Data da entrevista	Duração
E1	Administração	Administrador	38	Pós-Graduação em Administração de Empresas	23/11/2020	24 minutos
E2	Financeira	Diretor	13	Mestrado em Finanças / CFA	17/11/2020	40 minutos
E3	Financeira	Diretor Adjunto	18	Licenciatura em Gestão / Contabilista Certificado	17/11/2020	36 minutos
E4	Investigação & Desenvolvimento	Diretora	31	Licenciatura Eng. Têxtil	10/11/2020	30 minutos
E5	Sustentabilidade	Responsável	23	Licenciatura Engenharia da Qualidade	03/11/2020	29 minutos
E6	Qualidade, Ambiente e Segurança	Responsável	23	Licenciatura em Química Têxtil	05/11/2020	28 minutos
E7	Investigação & Desenvolvimento	Colaboradora	4	Mestrado Integrado Ciências Farmacêuticas	05/11/2020	32 minutos

O método de análise de conteúdo deve ser sempre utilizado na metodologia de estudo de caso, não só por enquadrar um conjunto variado de fontes de informação, mas também por possibilitar efetuar a triangulação metodológica, necessária e importante numa investigação de índole qualitativa (Silva & Silva, 2013).

Uma das principais vantagens deste método é que não obriga o investigador a uma interação social que por vezes pode ser uma condicionante. Geralmente, este método é utilizado para investigar acontecimentos passados, no entanto, existem evidências que é também adequado para compreender acontecimentos presentes (Silva & Silva, 2013).

Foi ainda realizada uma análise conteúdo aos sites das principais empresas concorrentes a nível nacional, permitindo responder a outro objetivo específico desta investigação: identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade dos principais concorrentes da empresa Riopelle Têxteis,SA.

Assim, no capítulo seguinte serão apresentados os resultados da investigação que permitem responder à questão de partida.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo está dividido em dois subcapítulos, que relacionado com os resultados obtidos na revisão sistemática de literatura e o outro no estudo de caso.

4.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA (2010-2020) SOBRE CONTABILIDADE DE GESTÃO E RELATO

4.1.1 Tendências de investigação

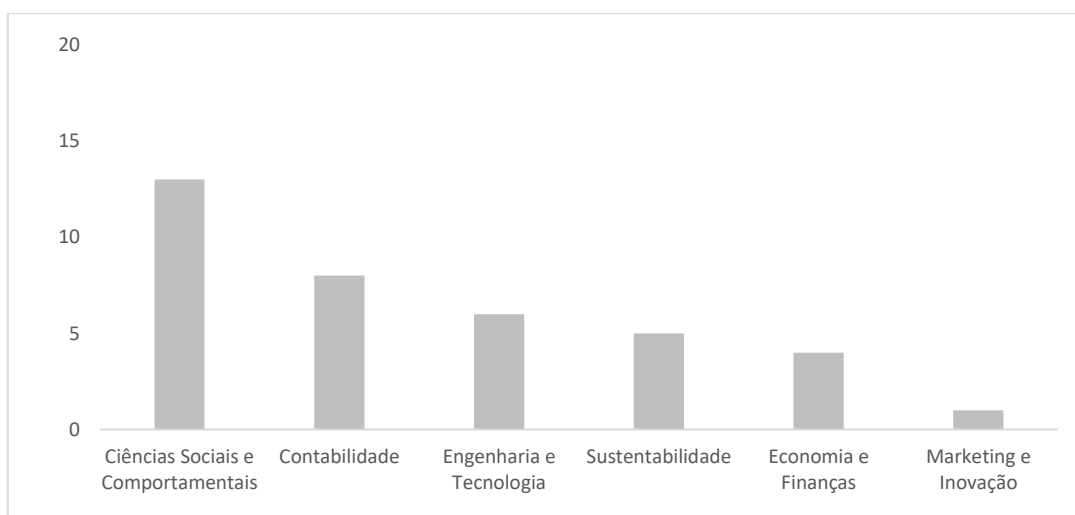
A realização desta pesquisa permitiu comprovar a disseminação do tema a nível global, com estudos realizados em quase todos os continentes, com principal destaque para a Europa (17), Ásia (9) e América do Sul (6).

Dos estudos realizados nos países da Europa, em particular na União Europeia, os países com maior representação são Itália (3), Reino Unido (3), Espanha (2), Polónia (2) e os restantes em países da Europa Central. No continente asiático destacam-se o Bangladesh (2); China (2); e a Malásia (2). Na América do Sul, destaca-se o Brasil com a totalidade dos 6 estudos. Esta evidência comprova que países onde o nível de corrupção é muito elevado, aumenta a preocupação e a necessidades de os investidores terem acesso a informação fidedigna e transparente. No Índice de Perceção da Corrupção (CPI) de 2020, publicado pela *Transparency International*, o Brasil obteve uma pontuação de 38 pontos em 100, correspondendo o 100 ao nível de maior transparência e 0 ao nível de maior corrupção.

A baixa representatividade de países de África e da América do Norte sugerem que, o nível de estabilidade política e financeira de um país influencia, em extremos opostos evidentemente, as necessidades de investigação relativamente ao tema do relato. Por um lado, países onde as questões sanitárias e de saúde pública ainda são um problema denotam menos preocupação, por uma questão de prioridades, relativamente ao tema em estudo. Por outro lado, países como os EUA onde o nível de confiança do sistema político e financeiro é elevado e onde os investidores reconhecem maior transparência e fiabilidade na informação acabam por também eles não sentir necessidade de aprofundar o tema em estudo.

Conforme evidenciado no gráfico nº 1, a maioria das publicações sobre relato e contabilidade de gestão aparece em revistas da área das ciências sociais e comportamentais (13). As revistas da área da contabilidade publicaram apenas 8 artigos sobre este assunto. No período em análise, várias revistas publicaram mais que um artigo: a revista *Sustainability* fez 4 publicações (Moreno, 2013; Nigri & Baldo, 2018; Truant, Corazza, & Scagnelli, 2017; Vitale, Cupertino, Rinaldi, & Riccaboni, 2019); a revista *Procedia - Social and Behavioral Sciences* com 2 artigos publicados (Dănescu & Dogar, 2014; Papazov & Mihaylova, 2015); assim como a *Comparative Economic Research Journal* (KALINOWSKI, 2009; ZARZYCKA & MICHALAK, 2013); e a *The IEB International Journal of Finance* (M. Shamimul, Syed Zabid, & Rashidah, 2014; Md. Shamimul & Normah, 2016). Também a *Procedia Economics and Finance Journal* e a revista *Contabilidade & Finanças* fizeram 2 publicações respetivamente (Kamalluarifin, 2016; Noordin, Zainuddin, Fuad, Mail, & Sariman, 2015) e (Espejo & Daciê, 2016; Oyadomari, Duque, Nisiyama, Dultra-De-Lima, & De Mendonça Neto, 2018). É curioso notar a presença de 6 publicações sobre esta temática em revistas da área dos sistemas de engenharia e tecnologia.

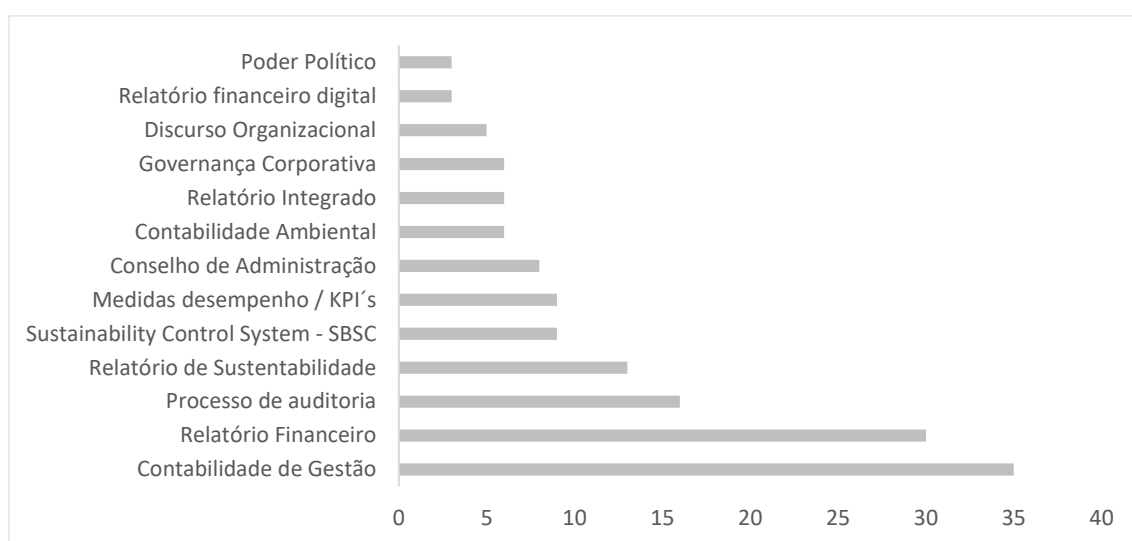
Gráfico 1: Distribuição dos artigos por área científica da revista



Relativamente aos tópicos de investigação abordados nos artigos analisados verifica-se, no gráfico n.º 2, a predominância da contabilidade de gestão, seguida pelo tópico

relatório financeiro, processo de auditoria e relatório de sustentabilidade. Estes tópicos estão evidentemente influenciados pelas combinações de palavras utilizadas na recolha dos dados: “management accounting” and “reporting” e “corporate financial reporting”. Seguidamente a estes quatro tópicos surgem, com algum destaque, os sistemas de avaliação de desempenho utilizados, maioritariamente, pelo Controlo de Gestão de que são exemplo, Sustainability Control System – SBSC e os KPI’s.

Gráfico 2: Tópicos de investigação



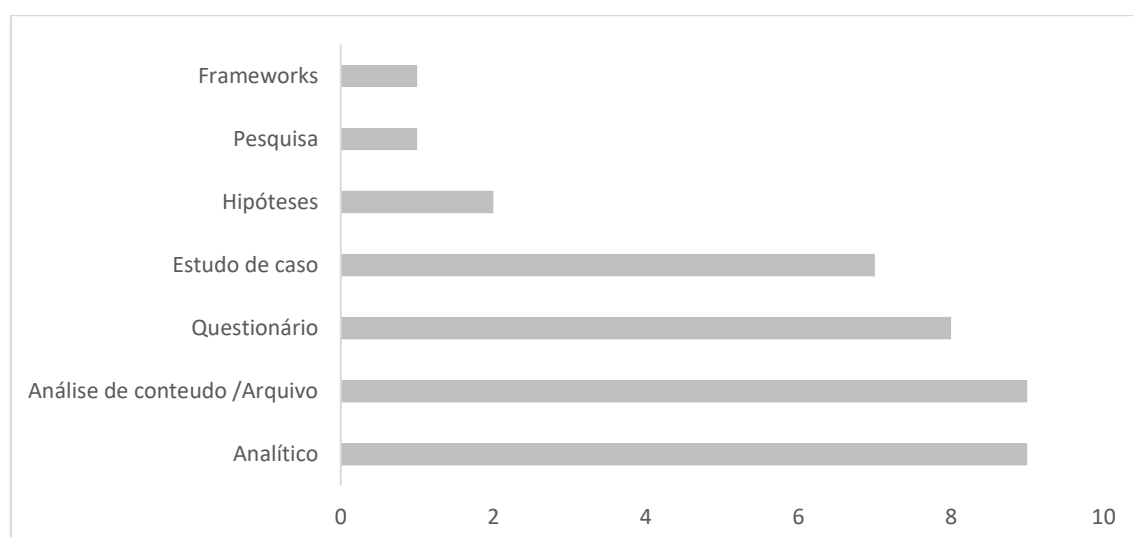
No que diz respeito às metodologias de investigação seguidas pelos autores, tal como mostra o gráfico n.º 3, do conjunto dos 37 artigos selecionados, um dos tipos de estudo mais utilizado é o modelo analítico, pois foram identificados 9 trabalhos deste tipo. De ressaltar, que a maioria destes estudos é aplicada sobre empresas cotadas e que, por norma, procuram relacionar as características dos concelhos de administração (número, género, propriedade) com o nível de divulgação.

Os trabalhos de arquivo (9) referem-se sobretudo estudos que analisam normas regulatórias, projetos e fundos sociais, nomeadamente, o Fundo Social Europeu (FSE) e prémios de transparência.

No âmbito dos 8 trabalhos que recorrem a questionários destacam-se os que analisam dimensões comportamentais e culturais da contabilidade de gestão, em especial as associadas ao controlo de gestão.

O estudo de caso é utilizado em 7 trabalhos. Apenas 2 destes trabalhos utilizam o método de estudo de caso múltiplo. A questão do *relato* da sustentabilidade e da sua interligação com a contabilidade de gestão é muito abordada nestes estudos. Temas como sistema de contabilidade de gestão sustentável, KPI's sustentáveis e relatórios de sustentabilidade são analisados.

Gráfico 3: Metodologias de Investigação



A figura 1 sintetiza, sob a forma de palavras-chave, o conteúdo dos resumos dos 37 artigos analisados, recorrendo ao *Word Cloud Generator*. Apesar das limitações que este modelo de análise apresenta, é curioso notar a grande variedade de termos na área da contabilidade que o mesmo sugere. Esta situação deve-se ao facto de os estudos encontrados serem de vários pontos do globo, com realidades económicas, políticas e sociais muito distintas.

Pode-se, no entanto, verificar que os principais termos vão ao encontro do tema em estudo e de todas as suas possíveis correlações com os aspetos da realidade empresarial: o relato e a sua ligação com a contabilidade; o relato e a sua ligação com a

contabilidade de gestão; o relato e a sua ligação com a sustentabilidade; os vários tipos de relato; entre outros.

Figura 1: Nuvem das palavras resultante da análise de conteúdo



4.1.2 Análise de conteúdo

O relato empresarial é de extrema importância para os *stakeholders* das empresas, sendo através deste que as empresas divulgam informação sobre a sua situação e desempenho. Além disso, há evidências de que os relatórios fornecem um mecanismo para as organizações entenderem quem são e o que procuram alcançar motivando dessa forma ações futuras em prol dos objetivos estratégicos estabelecidos (Bebbington, Larrinaga, & Moneva, 2008). Da mesma forma, a pressão para a divulgação de informações pode posteriormente ser utilizada como um processo de compromisso que leve à transformação (Eccles & Spiesshofer, 2015).

Os escândalos financeiros e corporativos que ocorreram no início dos anos 2000 demonstraram como as falhas de contabilidade e auditoria resultaram em falhas corporativas, destruindo a confiança dos investidores e prejudicando os mercados de capitais. De ressaltar que, essas falhas corporativas não são peculiares a apenas um país ou região geográfica e não se limitam a um período de tempo, elas ocorrem em vários países em intervalos de tempo variados, como mostram experiências duras do passado (Uyar, Gungormus, & Kuzey, 2017). Em resposta a esses escândalos têm sido vários os

avanços a nível de regulamentação e auditoria, para proteger os investidores de possíveis escândalos futuros e para evitar relatórios financeiros fraudulentos.

Ao analisarmos o conteúdo dos artigos selecionados na amostra, desta revisão sistemática de literatura, vários autores identificaram a relação de dependência existente entre o controlo de gestão e o grau de divulgação das informações. Sobre isto, o trabalho de Héroux e Henri, (2009) mostra que um número crescente de estudos foca o papel do controlo de gestão nos relatórios corporativos, mais especificamente, em perceber a sua função quando o objeto de controlo é composto por informações que devem ser divulgadas para fora da organização. Os resultados sugerem que a incerteza ambiental e a orientação das partes interessadas influenciam a extensão do uso do controlo de gestão nos relatórios corporativos, estando associada positivamente à qualidade das informações divulgadas. Também Espejo e Daciê, (2016) defendem o papel fundamental do controlo de gestão na cobertura das necessidades de informação internas e externas a fim de superar as atuais deficiências e deixar de ser uma barreira potencial ao investimento.

Nassereddine e Ahmad, (2019) descrevem a necessidade de evolução que a contabilidade de gestão tem sofrido, historicamente orientada para a dimensão do desempenho económico e financeiro, tem sido estudada a sua capacidade de evoluir para a integração de padrões relacionados com o controlo, medição e gestão de relatórios de desempenho ambiental (KPI's, SBSC).

Um outro trabalho de revisão de literatura relaciona o grau de divulgação das informações com a *corporate governance*. Honggowati, Rahmawati, Aryani e Probohudono (2017) identificaram várias oportunidades de investigação, nomeadamente: a influência do tamanho do conselho de administração; a proporção de administradores independentes e o grau de propriedade. Também Uyar et al., (2017) exploram a *corporate governance* relacionando-a com a contabilidade, os relatórios financeiros e o plano orçamental concluindo que estes têm um impacto positivo no nível de governança corporativa.

Vários estudos exploram a necessidade de o relato compensar a falta de informação existente sobre o impacto que as práticas de sustentabilidade têm nos negócios e na

atividade da empresa. São exemplos disso, os trabalhos de Moreno, (2013) e Scarpellini, Marín-Vinuesa, Aranda-Usón & Portillo-Tarragona (2020), entre outros.

Também Ferdous, Adams e Boyce, (2019) e Nigri & Baldo, (2018), sugerem que o surgimento desta nova abordagem deve-se, principalmente, a dois fatores: o aumento de legislação sobre as metas que as empresas têm que alcançar em termos de impactos ambientais, sociais e económicos; e as expectativas da sociedade em relação ao desempenho das empresas e respetiva divulgação.

Truant, Corazza e Scagnelli, (2017) identificam o aumento da pressão institucional sobre as empresas para a divulgação de informação não financeira, nomeadamente, no que diz respeito aos relatórios de sustentabilidade. De forma a minimizar os riscos associados a esta exposição têm ocorridos alterações nas políticas dos relatórios de sustentabilidade, de que são exemplo a Diretiva Europeia sobre Divulgação Não Financeira (2014/95/EU); os padrões emitidos pelo American Sustainability Accounting Standard Board (SASB); as diretrizes G4 emitidas pelo Conselho Global de Padrões de Sustentabilidade (GSSB); e a estrutura do Conselho Internacional de Relatório Integrado (IIRC).

4.2 ESTUDO DE CASO

Tendo por base a questão de partida que está na origem desta investigação: *“Como e qual o contributo da contabilidade de gestão no relato da sustentabilidade nas empresas têxteis?”*, considera-se importante fazer um enquadramento histórico de um dos setores mais importantes da economia portuguesa, o setor têxtil e do vestuário.

4.2.1 Enquadramento histórico do setor

A Indústria Têxtil e Vestuário (ITV) é uma das mais antigas e tradicionais indústrias portuguesas mantendo-se, até aos dias de hoje, como um dos maiores e mais importantes setores empresariais nacionais. A sua origem está intrinsecamente ligada à Revolução Industrial, que teve início no final do século XVIII. A industrialização do setor ocorreu a partir da segunda metade do século XIX, com a formação de muitas unidades de fiação, tecelagem, tinturaria, acabamentos, malhas, têxteis-lar, têxteis técnicos, cordoarias e confeções. No entanto, a indústria têxtil estabelece-se e progride em Portugal depois de terminadas as lutas liberais, em meados de 1836, apesar da sua produção ser obtida de forma marcadamente artesanal, havendo ainda muita resistência, por parte das unidades fabris, à adoção dos novos sistemas de produção (Portuguesa, 2018).

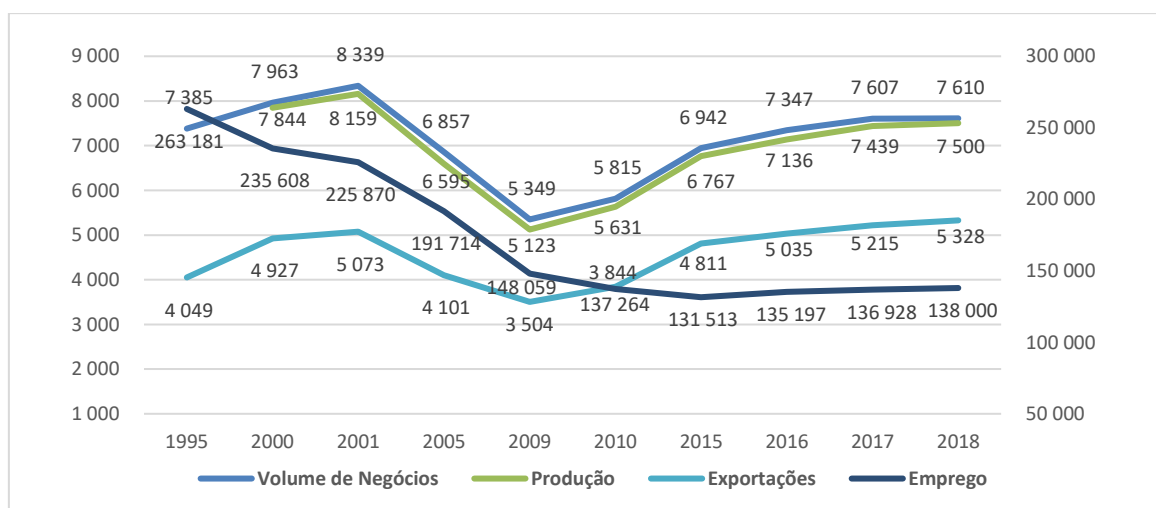
Durante mais de 3 décadas, o comércio de vestuário foi enquadrado por regimes especiais: (i) Acordo de curto prazo relativo ao comércio internacional de têxteis de algodão, (ii) Acordo de longo prazo relativo ao comércio internacional de têxteis de algodão, e (iii) Acordo multifibras, cujo principal objetivo era proteger os interesses dos países industrializados contra a vaga de crescentes exportações dos países em vias de desenvolvimento. Foi neste contexto, que a ITV portuguesa desenvolveu muito as suas atividades, devido a custos de mão-de-obra comparativamente mais baixos, localização geográfica e afinidade cultural, que favoreceram a deslocalização dos meios de produção de outras partes da Europa onde os custos de mão-de-obra eram consideravelmente mais elevados. A transformação institucional do GATT na OMC, em 1995, inverteu a tendência protecionista que se verificava no setor, dando-se início ao

desmantelamento progressivo do Acordo multifibras e aplicação do Acordo sobre têxteis e vestuário, que liberalizava o comércio internacional (Portuguesa, 2018).

A primeira década do século foi muito difícil para o setor têxtil. Em 2001, com a adesão da China à Organização Mundial de Comércio (OMC) deu-se a conquista, por parte desse gigante, das quotas de mercado na União Europeia. O alargamento da União Europeia a Leste em 2004 originou a entrada de países como Polónia, Roménia e Bulgária com grande tradição e conhecimento na área têxtil e com recursos a mão-de-obra com salários muito baixos. A liberalização do comércio internacional permitiu que esses países pudessem exportar para os blocos mais ricos do mundo e sem limitações quantitativas. Com a introdução nos mercados de peças de vestuário a preços de venda muito baixos, deu-se a deslocalização da indústria têxtil e do vestuário da maioria dos países ocidentais para países com custos de produção mais baixos (Ribeiro, 2017).

A indústria têxtil atravessou diversas fases em Portugal, de expansão, declínio e recuperação, conforme se pode observar no gráfico 1, que apresenta a evolução dos principais indicadores do setor, de acordo com os dados da Associação Têxtil e Vestuário de Portugal (ATP).

Gráfico 4: ITV - Evolução dos Principais Indicadores



Fonte: ATP (2019)

Após um máximo histórico no volume de negócios em 2001, superior a 8 mil milhões de euros, o fim do período derogatório do Acordo Multifibras teve efeitos dramáticos sobre o setor têxtil e vestuário, com redução significativa do volume de negócios e emprego nos anos subsequentes. Entretanto, a partir de 2010, verificou-se uma forte recuperação da atividade industrial, baseada na conjugação de diversos fatores, nomeadamente, em serviços de elevado valor acrescentado ao empreender novos rumos nas aplicações do têxtil e vestuário, apostando na inovação o que permitiu um crescimento sustentado da atividade industrial.

Nos últimos anos, os têxteis têm vindo a ser cada vez mais valorizados enquanto produtos de um tempo e de sociedades passadas que, nessa condição, refletem o contexto histórico, social, económico e político em que foram produzidos. Dada a sua versatilidade, os têxteis têm sido essenciais para a vida humana desde tempos primordiais, cumprindo e adaptando-se às mais variadas funções e destinatários. Pelas suas características protetoras, de conforto e revestimento, enquanto obras de arte ou símbolos de estatuto social e poder económico, os têxteis foram sempre tidos em elevada consideração por todas as faixas sociais, dada a sua indispensabilidade, a mestria necessária à obtenção e preparação dos materiais necessários, tantos deles dispendiosos, e, subsequentemente, à sua produção (Serrano, Ferreira, & Groot, 2019).

A indústria têxtil e vestuário abrange diversas atividades, desde a transformação de fibras naturais ou sintéticas, até à produção de uma ampla variedade de produtos, como fios sintéticos de alta tecnologia, roupas de cama, filtros industriais e vestuário. A indústria engloba dois tipos de fibras têxteis:

- Fibras “naturais”, incluindo algodão, lã, seda, linho, cânhamos e juta;
- Fibras “artificiais”, incluindo as provenientes da transformação de polímeros naturais (como viscose, acetato e modal), fibras sintéticas (ou seja, fibras orgânicas à base de produtos petroquímicos como poliéster, nylon/poliamida, acrílico e polipropileno), e fibras de materiais inorgânicos (por exemplo, vidro, metal, carbono ou cerâmica)(Portuguesa, 2018).

4.2.2 A importância económica do setor

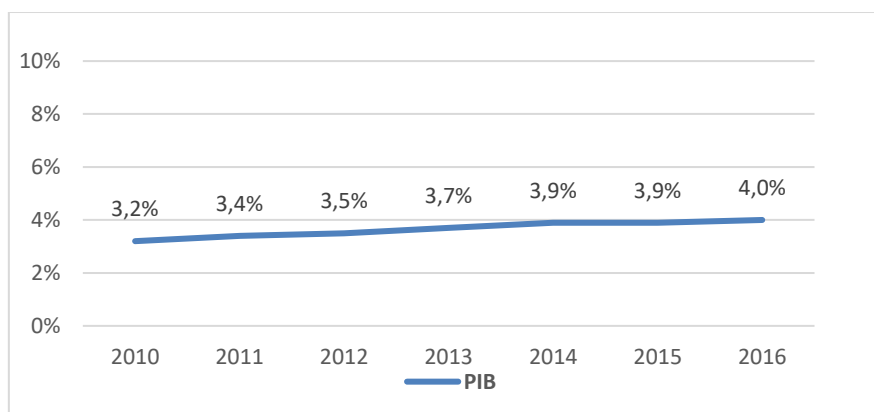
Segundo a Comissão Europeia (CE), as exportações do setor têxtil e vestuário representam mais de 30% do mercado mundial, sendo o mercado europeu um dos mais importantes, muito devido à especialização de ponta, flexibilidade, contínua adaptação da sua estrutura ao mercado e ao desenvolvimento de novos produtos.

A Indústria Têxtil e Vestuário Portuguesa é constituída por cerca de 6 mil sociedades e 5.900 empresas individuais, que empregam, no total, cerca de 138 mil trabalhadores diretos, produzem 7,5 mil milhões de euro e geram um volume de negócios de 7,6 mil milhões de euros, dos quais 5,3 mil milhões de euros são da atividade exportadora. É um dos setores mais importantes da economia nacional, representando cerca de 10% das exportações nacionais, 19% do emprego da indústria transformadora e 8% do volume de negócios da indústria transformadora, segundo dados publicados pela ATP.

É ainda um dos poucos setores de atividade com um saldo positivo na balança comercial de bens, verificando-se, frequentemente, um saldo superior a mil milhões de euros. No que diz respeito à localização geográfica, a ITV portuguesa está localizada, maioritariamente, na zona norte do país com 87% do volume de negócios do setor e 85% do emprego, seguida da região Centro com 11% do volume de negócios e 12% do emprego (ATP, 2019).

As indústrias do têxtil e vestuário representam um dos mais importantes setores da economia nacional, com um peso de 4% no PIB, em 2016.

Gráfico 5: ITV - % PIB Portugal 2010-2016



Fonte: ATP (2019)

Portugal é um dos principais *players* europeus, no que diz respeito à ITV, ocupando o sexto lugar em termos de volume de negócios e o quarto em termos de emprego. Fortemente voltada para a exportação, a ITV tem nos mercados da UE os seus principais clientes, com Espanha a representar 34% do total das exportações; já os EUA são o principal destino não comunitário, representando cerca de 6% do total das exportações nacionais. Relativamente, aos fornecimentos, a Espanha é também líder na tabela dos principais fornecedores, representando 38% do total das importações; de entre os mercados não comunitários, destaque para China com cerca de 6% do total as importações nacionais, segundo dados publicado pela ATP.

Tabela 1: Principais Clientes e Fornecedores (Ano 2017)

Clientes (milhões €)	2017	Peso	Fornecedores (milhões €)	2017	Peso
Espanha	1 763	34%	Espanha	1 581	38%
França	655	13%	Itália	471	11%
Reino Unido	453	9%	França	290	7%
Alemanha	415	8%	Alemanha	287	7%
EUA	318	6%	China	237	6%
Itália	245	5%	Índia	221	5%
Holanda	197	4%	Holanda	168	4%
Bélgica	108	2%	Bélgica	129	3%
Suécia	102	2%	Turquia	124	3%
Dinamarca	77	1%	Paquistão	105	3%
Intra EU	4 318	83%	Intra UE	3 179	77%
Extra EU	897	17%	Extra UE	960	23%
Total	5 215	100%	Total	4 139	100%

Fonte: ATP (2019)

O aquecimento global e outras mudanças climáticas, juntamente com o aumento escassez de recursos naturais devido ao aumento da população, as necessidades de produção e consumo em massa promoveram práticas de sustentabilidade mais proeminentes no setor têxtil indústria de vestuário (Saygılı, Saygılı, & Gören Yargı, 2019). Além disso, o aumento da sensibilidade e a procura de um número crescente de consumidores ambientalmente conscientes nos mercados tem vindo afetar significativamente a forma como o setor encara o tema da sustentabilidade.

4.2.3 Riopele Têxteis, S.A.

Fundada em 1927, a empresa têxtil sobre a qual irá incidir a presente análise é uma das mais antigas empresas têxteis portuguesas e uma referência a nível internacional na criação e na produção de tecidos para coleções de moda e de vestuário. Com mais de 90 anos de história, a Riopele Têxteis, S.A., começou a sua longa jornada com a instalação de dois teares para a produção de tecidos (cotins e riscados) num moinho de água, situado na margem esquerda do rio Pele, em Pousada de Saramagos, concelho de Vila Nova de Famalicão.

Em 1933, o seu fundador, José Dias de Oliveira, transferiu a unidade de produção para um novo edifício, onde ao longo de duas décadas, foi possível o crescimento das áreas de Fiação, Tinturaria, Tecelagem e Acabamentos, afirmando-se desde então o sentido vertical de organização da produção. Na década de 60, a Riopele torna-se líder europeia nos tecidos desenvolvidos a partir de fibras sintéticas.

Em 1974, num tempo em que a situação social em Portugal se agrava, com a Revolução do 25 de Abril, os trabalhadores colocam-se ao lado da Administração e recusam as greves e os motins que marcaram estes tempos difíceis da indústria em Portugal. Durante os anos 80 e seguintes, a Riopele continua a fase de expansão das instalações fabris e modernização do parque industrial, recentrando a sua atividade na Europa e evoluindo o seu produto tradicional, através da reintrodução de fibras naturais e do desenvolvimento de tecidos para coleções próprias. A aposta no desenvolvimento de artigos com propriedades de grande respirabilidade e conforto, atendendo ao conceito de *easy-care*, deu origem, em 1996, ao surgimento de uma das mais inovadoras e respeitadas marcas Riopele, a Ceramica. No ano seguinte, após receber a certificação de qualidade, a empresa aposta na certificação ambiental e de segurança, estabelecendo-se práticas empresarias que promoviam o desenvolvimento sustentável e o uso responsável dos recursos naturais.

Após a crise mundial que a liberalização do comércio mundial provocou na indústria em 2001, a Riopele investe nos anos seguintes na profissionalização dos órgãos de gestão, no desenvolvimento de equipas e na implementação de um sistema integrado de gestão. Muito focada na satisfação do cliente, a Riopele sempre procurou adequar a sua proposta de valor e promover o estabelecimento de várias parcerias: em 2012, inicia-se

o projeto de I&D Nano Smart, fruto de uma parceria entre a empresa, o CITEVE (Centro Tecnológico das Indústrias Têxtil e do Vestuário de Portugal), o CeNTI (Centro de Nanotecnologia e Materiais Técnicos, Funcionais e Inteligentes) e a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, com o objetivo de desenvolver estruturas têxteis inteligentes e revestimentos funcionais à escala nanométrica para novas coleções de tecido. Este projeto culmina com o registo da marca Çeramica Clean.

Em 2013, inicia-se o Programa Horizontes, um programa de desenvolvimento contínuo dos recursos humanos, dirigido a todos os colaboradores que decorre até atualidade. Dois anos mais tarde, em 2015, a Riopele é galardoada com o Prémio Melhor Grande Empresa Exportadora de Bens Transacionáveis, assumindo uma posição dianteira ao nível da recuperação do setor têxtil em Portugal.

Em 2016, inicia-se o projeto eco-inovador, *R4Textiles*, que visa desenvolver tecidos sustentáveis (reutilizados e funcionais) com base na valorização de resíduos têxteis e agroalimentares. Com esta inovação, a empresa cria novas funcionalidades para as suas coleções de tecido e reduz o impacto da moda no meio ambiente.

Desta breve descrição dos 90 anos de história da Riopele, destacam-se como elementos comuns: a visão empreendedora, a inovação, o respeito pelo ambiente, a verticalidade e a resiliência da empresa.

No âmbito da sua estratégia de responsabilidade ambiental, em 2018, a Riopele instala a sua primeira central solar fotovoltaica e a marca Tenowa - The Rebirth of Textiles - é distinguida com o Prémio Produto Inovação COTEC 2018 e com o prémio iTechStyle Awards 2018, na categoria Sustainable Product. Os resultados positivos e crescentes que a empresa tem registado, nos últimos sete anos, em muito se devem aos projetos de investimento RiopeleTech - Fabrics4Future (2017-2019) e Textiles4Life (2019-2021), tendo como principais drivers a Economia Circular, a Sustentabilidade e a Indústria 4.0/Digitalização. Atualmente, no âmbito do programa Horizontes, a empresa tem em curso uma tríade de projetos que se assumem como as grandes forças transformadoras na gestão de pessoas e carreiras - R People+, na gestão da performance dos departamentos - R KPI+, e no tratamento e análise preditiva dos dados do negócio - R Mind+.

Como parceira privilegiada das principais marcas de moda mundiais, a Riopele oferece um serviço de produção têxtil vertical, capaz de atender ao atual ritmo acelerado da

indústria de moda. Aposta na produção de tecidos de qualidade elevada, desenvolvidos a partir de fibras naturais, sintéticas, artificiais e recicladas, sendo especialista na composição poliéster/ viscose/ elastano. A empresa dispõe ainda de um serviço de produção de vestuário em regime de private label, que permite, assim, integrar a produção de tecido, com a confeção e com a entrega personalizada.

Integrando verticalmente todo o ciclo produtivo, desde a matéria-prima até ao tecido e/ ou à peça confeccionada, a Riopele dispõe de instalações modernas (140.000 m² de área coberta), equipadas com máquinas de última geração que permite dar uma resposta criativa, rápida e eficaz às tendências aceleradas do mercado da moda. Com uma capacidade produtiva de mais de 700 mil metros, por mês, a empresa com cerca de 1175 colaboradores (dados de 12/2019), funciona 24 horas, por dia, em três turnos e exporta 97% da sua produção. O volume de negócios de 2019 foi de 79 milhões de euros, aproximadamente mais 5 milhões que o ano transato.

O know-how de mais de 90 anos de história permitiu à empresa a criação de marcas próprias, com o ID da empresa, adaptado às exigências dos mercados e da sociedade. Considerada por um grande número de parceiros como um certificado de qualidade e uma referência no que respeita ao conforto e versatilidade, a marca Çeramica caracteriza-se por ser um tecido de elevada qualidade, fácil de trabalhar, que foi desenvolvido para satisfazer as exigências da vida moderna.

A marca Tenowa foi desenvolvida no âmbito do projeto R4TEXTILES, um projeto que combinava a reciclagem e a reutilização de resíduos gerados a partir das indústrias têxtil e agroalimentar, tendo sido distinguida com o Prémio Produto Inovação COTEC 2018 e iTechStyle Awards 2018, na categoria Sustainable Product. Novas fibras, fios e tecidos renascem dos desperdícios resultantes dos processos convencionais, permitindo a poupança de matéria-prima virgem, água e energia.

A combinação das melhores qualidades Çeramica com fibra de poliéster reciclado, produzida a partir de materiais reciclados, incluindo garrafas de plástico, deu origem ao surgimento da Ceramica Green. Certificada pela Global Recycled Standard (GRS) que garante o mais alto nível de integridade em termos de sustentabilidade, através de um sistema de rastreabilidade desde a matéria-prima até ao produto final.

Tecnosilk incorpora o conceito ECO da empresa, desde a seleção das matérias-primas até ao desenho do tecido e aos processos de acabamento. Destaca-se pela promoção da redução do consumo de água e energia durante o processo produtivo e a preservação do tecido.

4.2.4 Relato da Sustentabilidade na Riopelle Têxteis, SA

Ao nível da sustentabilidade, o Grupo tem desenvolvido várias ações, refletindo uma crescente preocupação acerca desta temática. Esta secção baseia-se na análise documental efetuada aos Relatórios e Contas Consolidadas e ao site da empresa.

A estratégia de divulgação da empresa é essencialmente realizada através do site empresarial obedecendo a elevados parâmetros de rigor e transparência que pautam os mais de 90 anos de história e que lhes permitiu alcançar um lugar de destaque, quer a nível nacional quer internacional, numa indústria tão competitiva como a indústria têxtil.

As evidências apresentadas de seguida foram constatadas através da análise dos Relatórios e Contas Consolidadas de 2018 e 2019 e do site empresarial do Grupo.

O Grupo apresenta um código de conduta que visa estabelecer um conjunto de princípios e valores (morais e éticos), com principal ênfase em questões ambientais e de saúde, direitos humanos, condições de trabalho e relações entre os colaboradores e terceiros.

Ao nível ambiental, existe na empresa um compromisso firme com a promoção do desenvolvimento sustentável e com o uso responsável dos recursos naturais, onde são cumpridas todas as normas ambientais monitorizadas pelo Sistema Integrado de Gestão nas áreas da Qualidade, do Ambiente e da Segurança. Possui atualmente as seguintes certificações: ISO 9001 - Sistema de Gestão da Qualidade (desde 1996); ISO 14001 - Sistema de Gestão Ambiental (desde 2006); e OHSAS 18001 - Sistema de Gestão de Segurança e Saúde Ocupacional (desde 2006).

Para além destas certificações, a Riopelle Têxteis, SA, detém, ainda, um sistema com as seguintes características:

- Rastreabilidade total desde a seleção da matéria-prima até ao acabamento do tecido, bem como ao nível do consumo de químicos que respeitem a saúde do consumidor e o ambiente;
- Processos de reciclagem da água e de desperdícios;
- Elevada eficiência energética.

A gestão de resíduos assenta na política dos 4R's: recuperar, reduzir, reutilizar e reciclar. Em todas as áreas da empresa existem ecopontos instalados, permitindo a recolha seletiva dos resíduos gerados e evitando a sua deposição em aterros. O avançado sistema de triagem, garantiu, em 2019, uma valorização de 99,7% dos resíduos gerados, mais 0,4% que o ano anterior. A par destas ações, decorrem frequentemente, formações e ações de sensibilização para alertar a importância da separação correta dos resíduos, junto dos colaboradores.

A eficiência energética e a redução do consumo de energia são uma das prioridades da empresa. A aposta num modelo energético racional e sustentável com vista à redução das emissões de CO₂ consubstanciada pela instalação de um central folar fotovoltaica são prova disso. Este investimento, instalado numa das unidades produtivas da empresa, permitiu alcançar uma maior eficiência energética nas áreas produtivas, em 2019, reduzindo as emissões de CO₂, por kg de tecido produzido, em 4% e as necessidades de consumo energético, por kg de tecido produzido, em 10%. Além disso, foram feitos outros investimentos, de menor dimensão, mas com o mesmo objetivo: instalação de sistemas de iluminação mais eficientes; variadores de velocidade em motores elétricos; sistemas de controlos nos sistemas AVAC; e utilização de energia térmica proveniente de uma cogeração sob a forma de vapor e água quente.

A empresa, consciente do impacto da sua atividade de negócio, acredita que a boa gestão dos recursos hídricos faz parte do seu compromisso com o desenvolvimento sustentável. A política de gestão da água assenta em três pilares fundamentais: a otimização da gestão dos consumos de água, a recuperação de efluentes dos processos produtivos e a gestão eficiente das captações de água. Alguns exemplos de boas práticas levadas a cabo pela empresa, no que concerne à conservação de água:

- as instalações da empresa estão equipadas com uma estação de tratamento de água e de pré-tratamento de água, que garantem o tratamento e o destino adequado para todas as águas de processo e potenciam o seu retorno ao ciclo da água em segurança;
- regularmente são realizados testes à qualidade da água do rio Pele, a montante e jusante da empresa, de forma a garantir a monitorização permanente da saúde do rio e do seu ecossistema;
- redução, ao mínimo tecnicamente possível, da utilização de produtos químicos permitindo assim reduzir o consumo de água por processo e por quilograma de material processado e minimizar a intensidade de tratamentos em fim de linha.

Alguns dados referentes à boa gestão dos recursos hídricos, do ano 2019: 55% da água utilizada no processo produtivo foi reciclada; em média é recuperada anualmente cerca de 487.000 m³ de água; e 2% da água consumida tem origem na recuperação de águas pluviais.

O programa “Cada Gota Conta” foi implementado pela empresa com objetivo de comunicar a performance bem como promover a cultura de poupança de água em todos os níveis do negócio. Além disso, a empresa participa em projetos de investigação e desenvolvimento de novas tecnologias de processamento, na tentativa de descobrir novas formas de reduzir a quantidade de água necessária nos diferentes processos têxteis.

No relatório de contas de 2019, é possível evidenciar que a APCER, em abril de 2019, realizou a auditoria de acompanhamento ao sistema de gestão integrado e salientou como pontos fortes da empresa o “forte investimento em equipamento, tecnologias que abrange poupança no consumo de água, produtos químico e energia”; “preocupações de responsabilidade social” e “criação do departamento de sustentabilidade”.

A estratégia e a conduta orientada para a sustentabilidade refletem-se também na forma como a empresa cria os produtos e gere os desperdícios gerados. As coleções de tecidos, obedecem aos mais exigentes padrões ambientais e de segurança, sendo submetidos a um rigoroso controlo de qualidade ao longo de todo o processo produtivo. No sentido de assegurar que os produtos são seguros, para as pessoas e para o planeta,

a Riopelle incorpora, nas suas coleções de tecidos, fibras recicladas e amigas do ambiente, conforme exemplifica o quadro abaixo.

Quadro 12: Fibras Recicladas

Fibras recicladas	Composição
TENCEL®	Fibra de lyocell de origem botânica, extraída da madeira, com um ciclo de produção eco-friendly.
REFIBRA™	Fibra mais sustentável do mundo que une duas inovações: a tecnologia TENCEL® e a reciclagem de retalhos de tecido/malha de algodão.
REPREVE®	Fibra de poliéster reciclado produzida a partir da reciclagem de materiais, utilizando, para o efeito, processos rastreáveis e transparentes. Certificada pelo padrão internacional Global Recycled Standard (GRS) e equipada com tecnologia tracer FiberPrint®, a Repreve® fornece um sistema de identificação da matéria-prima até ao produto final, assegurando o mais elevado nível de integridade, em termos de sustentabilidade.
ECOVERO™	Fibra proveniente de fontes de madeira certificadas e renováveis, geridas num processo de produção eco responsável com altos padrões ambientais, adaptando-se a um estilo de vida sustentável e contribuindo para um ambiente mais limpo.

Fonte: Elaboração própria com fonte recolhida no site empresa Riopelle Têxteis, S.A.

A empresa tem implementadas políticas rigorosas de segurança, higiene e saúde no trabalho. Todos os colaboradores têm acesso gratuito a uma equipa médica e de enfermagem, que em permanência presta na empresa os cuidados de saúde necessários. Em 2019, foram realizadas 1136 consultas de medicina no trabalho e 5062 exames de enfermagem do trabalho. Os serviços de medicina curativa, disponíveis para todos os colaboradores, proporcionaram 1302 consultas médicas. É priorizada e promovida uma cultura de segurança com vista à prevenção de acidentes e de mitigação de riscos. Para além disso, as máquinas e as instalações cumprem as exigências da legislação europeia e todos os colaboradores têm acesso aos equipamentos de segurança adequados.

A empresa reconhece os fornecedores como um dos principais grupos de *stakeholders* da empresa, assim sendo, procura assegurar uma cadeia de fornecimento sustentável a longo prazo, estabelecendo padrões de responsabilidade elevados com o objetivo de gerar efeitos positivos que beneficie todas as partes envolvidas. É privilegiado o relacionamento com fornecedores e prestadores de serviços, independentemente da

sua dimensão ou localização geográfica, que se enquadrem em práticas de gestão de excelência no que respeita aos direitos humanos, legislação laboral e ambiental. Existe ainda a obrigatoriedade que os fornecedores operem em conformidade com os princípios e requisitos expresso no Código de Conduta da empresa, inclusive que o estendam aos seus fornecedores e serviços subcontratados. Regularmente, são realizadas avaliações ao desempenho da cadeia de fornecimento, através da realização de auditorias, internas e externas, para determinar a conformidade com os requisitos específicos e promover oportunidades de melhoria contínua do sistema.

A empresa tem ainda uma participação ativa junto da comunidade local, apoiando projetos que fomentam o empreendedorismo, de que é exemplo, a incubadora Famalicão Made Incubar – Indústria, em parceria com a Câmara de Vila Nova de Famalicão, constituindo a primeira incubadora de empresas, em Portugal, a funcionar em contexto industrial ativo.

No âmbito educacional, a empresa, participa no Conselho Geral do Agrupamento de Escolas Padre Benjamim Salgado e participa nos prémios anuais atribuídos aos melhores aluno da escola, que integram o quadro de excelência da instituição. Fomenta ainda o estabelecimento de parcerias com centros de investigação, universidades e escolas de negócio, como o CeNTI (Centro de Nanotecnologia e Materiais Técnicos, Funcionais e Inteligentes), a Universidade Lusíada - Norte, a Porto Business School e a Universidade do Minho.

Ao nível cultural, apoia a Fundação de Serralves, a Fundação Batalha de Aljubarrota e a Fundação Cupertino de Miranda de Vila Nova de Famalicão.

A informação apresentada nos Relatórios e Contas de 2018 e 2019 seguem a mesma estrutura, apesar de em 2019 ter sido acrescentada mais uma secção denominada de “sustentabilidade”. Esta secção ocupa cerca de uma página. Apesar de apenas em 2019, surgir a secção “sustentabilidade” a empresa já divulgada, através do Relatório e Contas, as principais práticas relativas à sustentabilidade nas secções de “Qualidade, Ambiente, Segurança e Energia” e “Recursos Humanos”, ocupando cerca de três páginas.

No entanto, é possível verificar que o tema da sustentabilidade está presente nas diferentes secções, desde a “Nota de Abertura” do relatório “melhorando a eficiência

produtiva e organizacional e tendo como vetores estratégicos as Pessoas, a Racionalização, a Indústria 4.0 (automação e digitalização) e a Sustentabilidade”. Ainda nesta secção, são enumerados vários acontecimentos que denotam que a estratégia da empresa está alinhada com as práticas de sustentabilidade, como a certificação “**STeP by OEKI-TEX**”, a certificação do produto “**Global Recycled Standard (GRS)**” e ainda o prémio “**Selo Famalicão Visão’25**” pelo projeto “**Tenowa – The Rebirth of Textiles**”. Também na secção “Investigação e Desenvolvimento, Produção, Distribuição e Divulgação” é mantido um grande foco no tema da sustentabilidade, quer pela divulgação e proposta dos tecidos relativos à marca *Tenowa* que pela crescente procura, do mercado, por tecidos com utilização de fibras recicladas, tal como referido no relatório “*foi o ano da fibra de Polyester Reciclado*”.

Na secção “Perspetivas para 2020” o tema volta a ser abordado como parte integrante do mapa estratégico da empresa e como uma necessidade de melhoria de dotar o mercado com informação relevante “*sobre as boas práticas internas e de potenciar o negócio comunicando a boa performance da empresa em todos os aspetos logísticos, qualitativos, de inovação, ambientais, de segurança e de responsabilidade social*”.

No que concerne ao *site* empresarial, este apresenta cinco “separadores” dos quais um é de sustentabilidade. Dentro deste, é ainda possível ter acesso à mensagem do compromisso que existe na empresa com esta temática, além de ter acesso a práticas de sustentabilidade nas áreas de ambiente, produtos, colaboradores, fornecedores e comunidade. Esta informação é apresentada com recurso a imagens e indicadores de sustentabilidade, como por exemplo, a percentagem de resíduos reciclados (valorização) e a percentagem de resíduos eliminados (aterro); as emissões de CO₂ por quilo de tecido produzido; o consumo energético por quilo de tecido produzido; a percentagem de água do processo reciclada; os m₃ de água recuperada, em média, anualmente; e a percentagem de água consumida com origem na recuperação de águas pluviais. Todos estes indicadores são apresentados de forma muito clara, com recurso a imagens de leitura simplificada e visualmente apelativos.

Quadro 13: Indicadores vs Canal divulgação

Site empresarial		Relatório e Contas	
Tópico Sustentabilidade	Indicador	Tópico Sustentabilidade	Indicador
Compromisso	Certificações	Qualidade	Certificações
Ambiente	% resíduos reciclados; % resíduos eliminados; Emissões de CO ₂ ; Consumo energético; % Água reciclada; m ³ Água recuperada; % Água pluviais consumida.	Ambiente	% resíduos reciclados; % resíduos eliminados; % Água reciclada; m ³ Água recuperada; % Água pluviais consumida.
Produtos	Fibras recicladas	Segurança	Acidentes de trabalho
Colaboradores	Políticas de segurança, higiene e saúde no trabalho	Energia	Emissões de CO ₂ ; Consumo energético
Fornecedores	Código de Conduta da empresa	Sustentabilidade	Certificações; Código de Conduta da Empresa
Comunidade	Exemplos de relação social e cultural com a comunidade	Recursos Humanos	Modelo de Avaliação de Desempenho e Gestão de Carreiras - "Rpeople+"; Questionário do Clima Organizacional; N.º Horas de Formação; Recrutamento e seleção (N.º Admissões, N.º estagiários; N.º Temporários); Compensação e benefícios; Medicina no trabalho (N.º Consultas Medicina no Trabalho; N.º Exames de Enfermagem; N.º Consultas médicas); Comunidade.

Fonte: Elaboração própria

4.2.5 Análise das entrevistas

Foram realizadas sete entrevistas a colaboradores da empresa, nomeadamente: Administrador (doravante E1), Diretor Financeiro (doravante E2), Diretor Financeiro Adjunto e Contabilista Certificado (doravante E3); Diretora do departamento de Investigação e Desenvolvimento (doravante E4); Responsável pelo departamento de Sustentabilidade (doravante E5); Responsável pelo departamento de Qualidade, Ambiente e Segurança (doravante E6) e colaborador afeto à Sustentabilidade do produto (doravante E7). A escolha dos entrevistados deveu-se ao facto de serem os principais envolvidos na elaboração e divulgação da informação de sustentabilidade.

Apenas duas das entrevistas foram realizadas na empresa, numa sala de reuniões, com ótimo isolamento de som, o que facilitou o processo de gravação de áudio e posterior transcrição. As restantes, devido à atual situação pandémica que atravessamos, foram

realizadas por videochamada, através do Microsoft Teams. Apesar de alguns problemas técnicos estes não comprometeram a realização das entrevistas nem a sua transcrição.

As entrevistas foram orientadas por um guião semiestruturado dividido em três partes. As mesmas tiveram uma duração que variou entre 24 a 40 minutos.

O primeiro conjunto de perguntas procurava perspetivar um enquadramento do entrevistado no estudo e avaliar o seu grau de envolvimento na contabilidade de gestão e/ou na estratégia do relato da sustentabilidade.

No que diz respeito ao grau de envolvimento com os sistemas de informação da contabilidade de gestão, E1 e E4 classificam-se como utilizadores frequentes.

Segundo E1 a informação produzida pelos sistemas de informação da contabilidade de gestão serve de suporte diário na tomada de decisão, *“como administrador, preciso de ter informação que visa o controlo do negócio e nessa medida frequentemente utilizo essa informação, mensalmente ao nível do resumo do mês anterior, mas semanalmente e diariamente, no sentido de ir controlando o negócio”*. Os principais fins utilizados por E4 são *“ao nível de pricing, ao nível de informação em termos de gestão no que diz respeito a dados sobre a fábrica e análises económicas”*.

E2 e E3, por força das funções que ocupam, consideram-se, simultaneamente, produtores e utilizadores frequentes dos sistemas de informação da contabilidade de gestão conforme citações de E2 e E3, respetivamente, *“considero-me um utilizador frequente da informação que há e sou responsável pela produção de parte dela e recolha de outra”, “a informação que a contabilidade de gestão utiliza é produzida, maioritariamente, pela equipa da Contabilidade”*. E2 realça a importância dos sistemas de informação da contabilidade de gestão ao afirmar que *“para um diretor financeiro é crucial a CG porque a contabilidade geral não dá alguns insights em termos de pormenor que só a CG é que chega”*, por exemplo, *“ao nível do custeio, atividades, produto, toda a desagregação da informação financeira por centros de custo, centros de lucro, análises de rentabilidade (...)”*.

Por sua vez, E5, E6 e E7 classificam-se como utilizadores pontuais dos sistemas de informação da contabilidade de gestão, sendo que E6 usa a informação produzida e divulgada pelo departamento de controlo de gestão para os indicadores ambientais que

produz, *“a informação que recebo é muito direcionada para as produções para depois conseguir chegar aos meus indicadores”*. Para além disso, tanto E5 como E6, por despenharem funções de gestores, encontram-se atualmente a participar num projeto inovador de reporte de KPI'S, projeto esse monitorizado pelo controlo de gestão e, por isso, produzem informação que é trabalhada por este departamento com objetivo de gerar relatórios de gestão de acompanhamento das respetivas áreas, conforme confirmado por E5 *“com os indicadores que eu prevejo fazer a monitorização dos KPI's vai haver informação que realmente vamos ter que começar a partilhar”*.

Relativamente ao grau de envolvimento com os sistemas de informação para o relato da sustentabilidade, verifica-se que todos os entrevistados têm um papel importante na produção e/ou divulgação da informação de sustentabilidade.

E1 considera-se um utilizador frequente dos sistemas de informação para relato da sustentabilidade, dada a importância que o tema tem junto dos diversos stakeholders e da necessidade de envolvimento da Administração, *“o relato da sustentabilidade é uma informação que é utilizada por muitos stakeholders e, portanto, é importante que a Administração acompanhe e perceba qual é o nosso relacionamento e posicionamento junto dos stakeholders”*.

E2 e E3, como responsáveis pela área financeira da empresa, consideram-se utilizadores frequentes dos sistemas de informação para relato da sustentabilidade e divulgadores dessa informação. Um dos momentos formais de divulgação de informação de sustentabilidade acontece com a elaboração anual do relatório e contas onde é destacado um capítulo ao tema da sustentabilidade, como refere E3 *“a sustentabilidade é dos vetores estratégicos da empresa e então ao elaborarmos o relatório anual de contas, já não é de agora, tem vários anos, incluímos essa informação, ou seja, acabamos aí por ter a participação da área financeira no relato da sustentabilidade”*. Além disso, E2 acrescenta que a área da banca tem demonstrado um grande interesse nesta temática, *“a banca tem bastante interesse nesses pontos porque tem impacto quer ao nível dos resultados da empresa, quer ao nível da responsabilidade da empresa quer ao nível do seu CAPEX”*. Esta envolvimento tem permitido a valorização da imagem da empresa junto das instituições financeiras potenciando *“condições favoráveis de financiamento”*. Além disso, a empresa tem vindo a desenvolver diversos investimentos

na modernização de equipamentos com vista a responder às novas necessidades dos clientes, mas também às novas exigências em termos de impacto ambiental, social e económico, conforme E2 *“temos direcionado muitos investimentos para essa área nos últimos tempos (...) estamos a fazer muita coisa quer ao nível do processo quer ao produto, que são boas práticas exigidas internacionalmente e estão a ser seguidas pelo mercado (...) para isso temos que investir, que nos adaptar e a área financeira tem que estar atenta a isso e acompanhá-la”*.

E4, como diretora do departamento de Investigação e Desenvolvimento (doravante I&D), apesar de mais direcionada para o produto e processos, considera que tem participação muito importante na divulgação de informação de sustentabilidade *“em termos de informação, solicitação e análise de dados económicos”*, acrescenta ainda, em relação ao relatório e contas, que *“o departamento de desenvolvimento participa em toda a definição daquilo que são os conceitos de desenvolvimento do produto e quais são as novidades”*.

Conforme evidenciado por E5 participa, de forma mais próxima e direta, na informação divulgada no relatório e contas *“neste momento também participo mais em termos genéricos, do que foi o ano, o que fizemos diferente e as certificações obtidas”*. Relativamente à informação publicada através do site a participação é mais indireta, conforme evidencia *“é da responsabilidade dos sistemas de informação com uma parceria com a área de comunicação, com a área de comunicação trabalhamos muito de perto, com os sistemas de informação temos vindo a pedir para nos integramos melhor nessa perspetiva porque já temos algum trabalho que vamos efetuando de recolha de informação para até publicarmos ou mesmo a questão das certificações que no nosso caso acho que falta, não está visível o que é que a Riopele tem mas essa parte ainda está um bocadinho em desenvolvimento”*.

Já no caso de E6, por ser responsável pelo departamento de Qualidade, Ambiente e Segurança (doravante QAS) assume-se como um produtor de informação, conforme evidencia *“uma boa parte dos indicadores, a nível de desempenho ambiental, seja a nível de resíduos, água, efluentes, alguns ao nível dos produtos químicos advém do nosso departamento”*. A informação gerada pelo QAS é distribuída pelos clientes internos, neste caso, *“acompanhamos todos esses indicadores que no fundo transmitimos para a*

empresa e para a administração” e para os clientes externos, “quando há uma auditoria ao nível do cliente externo, ou até uma certificação que a Riopelle se propôs a fazer a informação a nível de água, resíduos, produtos químicos, ruído ambiental, emissões para a atmosfera é toda gerida do nosso lado”.

E7, por estar inserida no departamento de I&D, mais focada na sustentabilidade do produto, desconhece a informação sobre sustentabilidade que é publicada no relatório e contas. Já no que diz respeito ao site da empresa considera que a gestão é feita pelo departamento de Sistemas de Informação (doravante DSI) em parceria com o departamento de Comunicação com o contributo do I&D, da Sustentabilidade e do QAS, *“no entanto quem lhes passa essa informação é novamente o departamento de I&D ou então o QAS ou a Sustentabilidade, acaba ser uma correlação entre as áreas”.*

No que concerne ao grau de envolvimento com a estratégia do relato da sustentabilidade da Riopelle verifica-se que os entrevistados, com funções mais ao nível de gestão, denotam alguma incerteza quanto à existência de uma estratégia de relato da sustentabilidade. Por outro lado, os entrevistados com funções mais estratégicas mostram maior facilidade em responder à questão.

Toda a estratégia da empresa é definida pelo Órgão de Administração, composto por dois administradores executivos (um dos quais é E1), inclusivamente a estratégia de relato da sustentabilidade, *“somos dois administradores executivos e a estratégia em geral da Riopelle, mas também de relato da sustentabilidade é definida nesse fórum, entre nós os dois administradores executivos e depois articulada com o departamento de sustentabilidade e envolve também outras áreas da empresa”.* Dado que o departamento de sustentabilidade reporta diretamente à Administração, E1 considera que tem uma participação direta em todas as ações necessárias à implementação da estratégia de relato da sustentabilidade, seja ao nível do conteúdo ou da forma e meio de divulgação, *“como próprio departamento de sustentabilidade reporta à Administração nós estamos sempre presentes no conteúdo e na forma de divulgação dessa informação”.*

E2 e E3 consideram que *“nestes últimos anos houve uma grande alteração, para melhor, da estratégia ao nível da informação de sustentabilidade”.* Em 2019, iniciou-se na empresa um projeto inovador de divulgação de informação, o projeto RKPI+. Conforme

E2, *“nos relatórios que tínhamos para a administração eram poucos os indicadores relacionados com a sustentabilidade, havia um ou outro relacionado com recursos humanos e outros mais a ver com custos, mas com o projeto RKPI+ nós tivemos uma preocupação de identificar KPI’s para todas as áreas, nomeadamente, para três das áreas que têm bastante influencia ou que mexem mais nestas questões da sustentabilidade que é o próprio dep. de sustentabilidade, o dep. Energia e o QAS, por isso, a minha participação tem sido de influenciador, tentar que saia cá para fora essa informação e comece a ser monitorizada pela Administração de uma forma mais crítica pois temos níveis de exigência maiores”*.

E4 considera que tem uma *“envolvência significativa”* e que *“é fundamental a minha envolvência em todo este trabalho”*, apesar de ter noção que a *“sustentabilidade é muito mais do que isso, não podemos falar sempre de produto e de processos”*.

E5, E6 e E7 mostram-se reticentes em responder à questão, dado considerarem não existir atualmente uma estratégia de relato da sustentabilidade intrinsecamente definida e implementada na empresa. Apesar disso, E5 considera que *“provavelmente posso até intervir de forma indireta, mas não participando”*, considera que falta o envolvimento dos diversos departamentos afirmando que *“é preciso alinhar toda a gente na estratégia a definir para a empresa”*, acrescenta ainda que *“no início do ano até tinha proposto definirmos uma política de sustentabilidade na empresa que seja transversal, porque a sustentabilidade não é só produto e não é só processo; é produto, é processo, são pessoas, é muito transversal e era importante definirmos uma política de sustentabilidade”*.

E6 é um bocado mais assertivo na resposta afirmando que *“primeiro tem que me dizer qual é a estratégia da empresa (...) acho que cada responsável da área desenvolve a sua estratégia”*, refere ainda que *“há um conjunto de ações que nós preconizamos de modo a reduzir o impacto ambiental (...), na realidade nós temos que usar os recursos, mas tentamos minimizar ao máximo esse impacto tomando um conjunto de medidas, desde aquisição de produtos mais eficientes que produzem com menos recursos, seja água ou energia, a substituição de produtos químicos perigosos para a saúde humana e para o colaborador por outros produtos menos perigosos até à questão dos resíduos (...) tudo*

isto trabalhamos em conjunto com as áreas e tomamos medidas para minimizar o nosso impacto”.

Esta questão não foi colocada a E7 dado tratar-se de um quadro médio da empresa e, portanto, sem intervenção em decisões no que diz respeito a definição de objetivos macro da empresa.

O segundo conjunto de perguntas tem como objetivo caraterizar a evolução da estratégia do relato da sustentabilidade da empresa e divide-se em duas partes. Na primeira parte procura-se caraterizar a evolução da estratégia do relato da sustentabilidade da empresa, nomeadamente identificar a estratégia do relato da sustentabilidade e as motivações associadas à estratégia ao longo dos últimos anos.

Segundo os entrevistados, o tema da sustentabilidade não é novo na empresa, apesar de ainda ter um caminho a percorrer no que diz respeito à definição de uma estratégia. Na opinião de E1, a definição da estratégia de relato da sustentabilidade na Riopelle terá começado há cerca de oito anos, *“bem definida será há a cerca de 8 anos, que conseguimos implementar uma estratégia bem definida para ligação e posicionamento junto dos stakeholders”*. Durante muitos anos, a empresa limitava-se a responder a solicitações pontuais que iam surgindo por parte dos diferentes stakeholders, *“a estratégia de relato era um bocado avulsa privilegiávamos alguns temas, principalmente ambientais”*.

E2 e E3 consideram que a empresa tem investido nos últimos anos muitos recursos no sentido de se tornar uma empresa sustentável. Como refere E2 *“nos últimos 6 anos houve uma alteração muito grande a este nível, um dos principais pontapés de saída foi o projeto R4Textile que tinha a ver com o desenvolvimento de produtos sustentáveis, em 2015, foi um pontapé de saída ao nível do I&D, tivemos que começar a readaptar a empresa às novas necessidades que apareciam no mercado ao nível dos produtos sustentáveis e desde aí foram aumentando e que nos obrigaram a adaptar”*. Ressalta ainda que já antes deste projeto a empresa havia participado em outros, apoiados pelo QREN e Portugal 2020, projetos mais industriais *“que permitiram modernizar a nossa fábrica e ter um parque de máquinas que são muito mais sustentáveis e eficientes do que as anteriores; são máquinas menos poluidoras, que gastam menos quantidade de energia, água, que estragam menos, são mais seguras para os trabalhadores e tudo isto*

enquadra-se numa ótica de ter um processo mais sustentável, mais amigável do ambiente e com menos desperdício". E3 demonstra a evolução ocorrida também ao nível do relatório e contas onde "no âmbito do relatório e contas, nos últimos anos é-lhe dedicado um capítulo, porém em anos, não muito anteriores, falávamos da sustentabilidade dentro do relatório de gestão, não lhe dedicávamos assim um capítulo porque assim dizer não dávamos essa importância".

E4 revela que, em relação ao tema da sustentabilidade, *"a Riopelle ao longo dos anos tem evoluído significativamente dentro deste conceito, apesar de não ver como uma estratégia ponderada com planeamento e programação (...) houve sempre uma preocupação em estar na vanguarda daquilo que é inovação, a todos os níveis, inclusive na vertente da sustentabilidade".* Relativamente à implementação de uma estratégia, E4 acrescenta *"nos últimos 10 anos, efetivamente começou-se a formar alguma estratégia neste conceito também porque as contingências internacionais e o mercado assim o pediam".* À semelhança de E4, E5 considera que *"a Riopelle já tem vindo a trabalhar sobre este conceito de sustentabilidade há muitos anos, desde 2006 que somos certificados ambientalmente porque, ou seja, a nossa política mesmo não sendo estes requisitos que hoje em dia se falam muito e que os clientes debatem muito nós sempre tivemos alguma preocupação nesse sentido".* E6 realça a falta de existência de uma estratégia global de sustentabilidade implementada na empresa, considera que *"o conceito existe dentro da empresa, todas as áreas estão a trabalhar nele e procuram reduzir o impacto mas acho que ainda não há propriamente uma estratégia definida".* Também E7 concorda com a sensibilidade da empresa para o tema em discussão, *"a Riopelle sempre soube que a responsabilidade ambiental era um ponto chave que devia apostar agora a sustentabilidade é uma coisa muito grande e muito abrangente e há muita informação e é preciso ser muito orientado porque senão acabamos por nos perder um bocadinho".*

Relativamente às motivações da atual estratégia de sustentabilidade seguida pela empresa, E1, E2, E5, E6 e E7 apontam fatores externos como as principais motivações já E4 considera que *"a posição onde nos encontramos hoje tem muito mais a ver com aquilo que é feito internamente e pela capacidade da equipa do que propriamente pelas solicitações externas".* No entanto, E4 não deixa de realçar também fatores externos

apesar de o considerar um fenómeno mais recente, *“do meu ponto de vista, os fatores externos, têm sido mais nos últimos 3 anos porque nos últimos 10 anos tem havido muita vontade interna, a equipa tem mostrado uma vontade enorme de inovar, de procurar novas estratégias e de tentar fazer diferente”*.

Ao nível das motivações internas E2, E3 e E5 realçam ainda a envolvência e capacidade visionária da Administração com a criação do departamento de sustentabilidade. Segundo E5 *“a criação do departamento de sustentabilidade, que foi no final de 2018, foi iniciativa do Doutor José Alexandre que disse que tínhamos de criar um departamento porque fazia sentido para agregar toda a informação que tínhamos e prestar algum apoio a área comercial”*. E3 acrescenta *“o simples facto de criarmos um departamento de sustentabilidade já indica bem a importância que esse vocábulo tem para a empresa, não é só retórica, temos a teoria e a prática, criamos uma área responsável e de forma transversal a toda a empresa”*.

Relativamente às motivações externas, na opinião de E1, a questão da legitimidade junto dos stakeholders é muito importante, *“é mais uma forma da empresa se posicionar junto dos stakeholders, dando visibilidade a temas que são muito apreciados”*, de forma a retirar uma vantagem competitiva face à concorrência, *“a empresa tem que se posicionar, não pode ter só um bom produto, um bom tecido tem também que ser feito da forma mais sustentável possível e tem que comunicar isso caso contrário perde posição comparativa com os concorrentes”*.

Segundo E2, as principais motivações externas são as exigências do mercado, *“com as exigências dos nossos clientes tivemos que nos adaptar”*, a escassez de recursos também E2 *“por serem escassos são caros e por isso nós também podemos otimiza-los para gastar menos, essa é uma preocupação financeira que temos é claro, que é também uma questão ambiental mas se podermos ser sustentáveis e pouparmos ainda melhor”* e a comunidade, *“a empresa é muito grande e, por isso, tem muitas solicitações para apoiar causas sociais (...) é algo também importante para posicionar-nos junto da comunidade para conseguirmos atrair pessoas para trabalhar na empresa”*.

Outro aspeto externo também apresentado é a imposição legal, como certificados e auditorias internas e externas, segundo E2 *“é estratégico obter essas certificações que são um cartão de visita e um comprovativo externo que estávamos a cumprir aquilo que*

dizemos”. Conforme mencionado por E7 *“para cada tipo de fibra tem mais uma certificação disponível, cada certificação é um custo acrescido e é mais uma gestão adicional para a empresa”* e imposição por parte dos clientes, conforme referido por E5 *“há agora uma certificação que fizemos que é o HIGG que é ligado a uma plataforma americana que já há muitas marcas que aderiram e nos tivemos um cliente que nos disse que eram um requisito obrigatório a partir de agora e tínhamos mesmo de aderir a essa plataforma”*, também E6 refere *“hoje há uma preocupação, por parte do cliente, ao nível da sustentabilidade que antigamente não havia (...) é isso que o mercado cada vez mostra mais”*.

Na segunda parte, pretende-se perceber a perceção do entrevistado sobre evolução da informação sobre a sustentabilidade fornecida pelo sistema de informação da contabilidade de gestão, ou seja, o objetivo é identificar que tipo de informação foi sendo produzida (da dimensão económica, ambiental, social), se foi reportada ao exterior e de que forma foi reportada.

E2 e E3 consideram que existe uma predominância da dimensão económica na informação que tem vindo a ser produzida, monitorizada e divulgada na Riopele. E2 tem expectativa, com o projeto RKPI+, a partir do próximo ano, que as outras dimensões da sustentabilidade comecem a ser igualmente acompanhadas *“ainda estamos num processo evolutivo a esse nível, eles não são ainda acompanhados em todas as suas dimensões como poderiam e deveriam ser e a minha expectativa é que venham a ser agora a partir de 2021”*. E3 explica que este fenómeno se deve á *“facilidade da produção, são mais fáceis de medir, quantificar e mostrar”*. Em relação ao relatório e contas refere ainda a dificuldade na escolha da informação a divulgar, *“é complicado colocar lá tudo porque primeiro não nos lembramos de tudo o que foi feito durante o ano e depois é um documento que não se quer muito extenso”*.

Por outro lado, os entrevistados E1, E4, E5, E6 e E7 concordam que existe uma predominância da dimensão ambiental na informação que tem vindo a ser produzida, monitorizada e divulgada na Riopele. Na opinião de E1, a maior predominância da dimensão ambiental deve-se, entre outros motivos, a investimentos que a empresa tem efetuado, como remodelação de edifícios, aproveitando-o para os tornar mais sustentáveis (ambientalmente), candidaturas a projetos de investimento com cariz,

essencialmente ambiental e também à angariação de novos clientes, essencialmente, nórdicos e americanos, muito voltados para as questões ambientais, *“nos últimos anos temos produzido mais informação do âmbito ambiental (...), fizemos uma remodelação de várias áreas fabris e aproveitámos esse momento para captar a água das chuvas que vamos reutilizar (...), permanentemente candidatamo-nos a novas certificações no âmbito da sustentabilidade para que nos obrigue por assim dizer a seguir esse caminho da sustentabilidade e da implementação de medidas no sentido de reduzir consumos de água, fontes renováveis de energia (...), a parte ambiental tem ganho maior destaque por parte dos clientes, nomeadamente os nórdicos e americanos, temos inclusivamente um portfolio de produtos com matérias-primas sustentáveis e recicladas”*.

Segundo E4 *“ao longo dos anos a questão ambiental tem estado mais focalizada, monitorizada e controlada (...) sobrepõe-se às outras áreas, inclusive do produto apesar que é claro que quando falamos de produto esta questão também está relacionada com a parte ambiental porque quando nós tentamos definir a fabricação de produtos de forma mais sustentável também estamos a contribuir para a questão ambiental”*. Na opinião de E5 esta deve-se ao setor de atividade, *“como é uma indústria têxtil tem que se definir, no âmbito da norma ISO 14001, quais são os aspetos ambientais mais críticos ou aqueles que na nossa atividade possa ter mais impacto, então nós fizemos essa avaliação (...), por isso, é que eles começam a ser tratados e mais divulgados”*, não obstante E6 completa *“os próprios clientes fazem auditorias só de ambiente, também há uma procura por indicadores do âmbito social mas a parte ambiental está mais presente”*. Segundo E7 a atual situação epidemiológica tem dado realce à dimensão económica e social *“devido ao Covid também nos fazem perguntas relativamente à parte económica porque existe esta insegurança por todas as partes e da parte social temos efetivamente alguns clientes que se preocupam muito com essa parte e até vêm fazer auditorias à empresa para garantir que nós cumprimos com toda a legislação e promovemos condições de trabalho mais seguras”*.

Da dimensão ambiental os indicadores mais acompanhados são os que dizem respeito aos consumos e poupanças de energia, água, resíduos, emissões e, mais recentemente produtos químicos, conforme afirma E5 *“no consumo de agua na parte, da energia, na*

parte dos químicos, na parte dos resíduos e ligeiramente emissões (...) são aqueles que já têm muitos anos de história”.

Os principais meios utilizados para divulgação de informação de sustentabilidade utilizados atualmente pela empresa são o site da empresa e o relatório e contas anual. No que diz respeito ao relatório e contas E2 indica que, para além de informação económica, *“existem capítulos que abordam tanto a parte social como a parte ambiental, de forma sintética”*. E3 considera ser o canal *“mais solene, ao ser divulgada pelas diversas entidades, será o farol da divulgação da política de sustentabilidade na empresa”*.

Relativamente aos meios de divulgação utilizados pela empresa para divulgação das práticas de sustentabilidade, E1 partilha a mais recente ferramenta de comunicação criada na empresa, ainda em desenvolvimento mas já operacional, cujo principal objetivo é enviar informação muito direcionada aos clientes com grande enfoque nas questões de sustentabilidade cada vez mais valorizadas por este grupo de partes interessadas, *“há uns meses temos em construção e já está operacional uma plataforma de comunicação com os clientes, nessa plataforma digital são divulgados esses temas dando muita ênfase e relevo às questões ambientais e tudo que tenha a ver com o produto e processo dos nossos tecidos, as próprias certificações também estão comunicadas nessa plataforma que são muito aceites e valorizadas pelos clientes, é uma informação mais direcionada e simples de partilhar e comunicar, que o cliente não precisa de dispor de muito do seu tempo para aceder, mesmo através de vídeos ou pequenos highlights do ponto vista digital é fácil de absorver esse tipo de informação”*. E1 faz ainda referência ao Dossier de Imprensa, onde são divulgadas informações das várias dimensões da sustentabilidade, geralmente facultados em visitas externas organizadas à empresa, *“o dossier de imprensa que facultamos a quem nos visita, existe em inglês português e francês, esse dossier também divulga dados do negócio como VN, margens EBITDA e resultados”*.

Ao analisar esta questão E4 faz uma distinção entre a comunicação externa nacional e internacional. Em relação ao primeiro considera que *“a parte institucional nacional, nós conseguimos passar essa informação, fazer algumas apresentações, estar presentes em algumas conferências de forma efetivamente a mostrar que esse trabalho tem sido feito*

ao longo destes últimos anos”, no entanto, “do ponto de vista internacional volto a dizer é muito precário (...) o que foi feito até agora foi muito solto, pouco criativo nesta componente”.

Para fazer face às necessidades de divulgação de informação internas a empresa recorre à intranet, segundo E2 *“usamos intranet para divulgar pelos colaboradores aquilo que nós fazemos”* apesar de considerar que muita informação não é partilhada com os stakeholders *“ainda temos um grande passo para uma difusão mais ampla deste tema”*. São ainda espalhados placards pelas áreas produtivas e casas de banho a sensibilizar para as questões relacionadas com a correta utilização da água e/ou utilização de produtos químicos que podem ser nocivos para a saúde, conforme refere E3 *“existem vários cartazes espalhados pela fábrica a apelar à sustentabilidade”*.

E5 e E7 fazem ainda referência à Brochura de Sustentabilidade, elaborada recentemente, que tem sido distribuída principalmente por clientes e agentes, conforme refere E5 *“foi algo que tivemos de fazer porque os nossos agentes, com atual situação em que vivemos, precisam cada vez mais de ferramentas ou informação sobre a empresa para conseguir aliciar os clientes face aos nossos produtos”*. Porém, esta necessidade também começa a ser sentida por parte dos fornecedores tendo sido também já partilhada com esses stakeholders segundo E5 *“se um colega da manutenção pergunta ‘podemos divulgar pelos fornecedores?’ eu digo que sim, porque no fundo também são os nossos stakeholders também acho que é importante para eles perceberem com quem estão a trabalhar”*. Segundo E7 *“recebemos constantemente informação dos nossos clientes a perguntar que tipo de ações é que a empresa faz para ser mais responsável, ou seja, em que sentido nós estamos a trabalhar (...), por isso, a brochura acaba por compilar um bocadinho de tudo, compila todos os investimentos que a empresa tem feito na parte da sustentabilidade e também menciona toda a nossa oferta no que diz respeito a materiais mais responsáveis por isso é uma forma mais fácil de disponibilizar a informação e de iniciar a conversa”*.

O terceiro conjunto de perguntas tem como objetivo identificar e caracterizar a estratégia de relato pretendida pela empresa. À semelhança do segundo conjunto de perguntas este também se divide em duas partes. Na primeira parte o objetivo é identificar quais

as percepções do entrevistado sobre a melhor estratégia de relato da sustentabilidade a adotar para a empresa e quais as razões/motivações que justificam essa escolha.

No que diz respeito ao futuro da estratégia de relato da sustentabilidade E1 considera que adoção de um relatório autónomo de sustentabilidade tornar-se-á uma imposição dada a importância do tema junto dos stakeholders, *“iremos evoluir para um relatório autónomo de sustentabilidade na medida que são temas com tanta adesão dos stakeholders que se começa a impor (...) é importante demonstrar um conjunto de indicadores nessas áreas parece-me que isso só será comportável num relatório autónomo”*.

E2 acredita que o projeto RKPI+, atualmente em desenvolvimento, será o catalisador para a definição de estratégia de relato da sustentabilidade da Riopele, *“o principal é começar a trazer cá para fora a informação de forma padronizada e constante, para começarmos a fazer o follow-up de todos esses dados e a partir daí com essa informação, que agora não temos, poder tomar decisões de gestão sobre elas”*.

E3 refere o contributo que todas as áreas da empresa terão que dar, em particular, a contabilidade para a elaboração de um relatório de sustentabilidade autónomo, *“esta informação tem que sair de algum lado e tradicionalmente o sistema de informação de uma empresa é o contabilístico que nesta altura já dá alguma informação mas há melhorias a fazer para responder aos novos desafios e às exigências que a elaboração de um relatório independente implica mas não só ao nível da contabilidade mas também de fábrica, do I&D, todos nós vamos precisar de mudar e de nos adaptar”*.

Ainda sobre o futuro da estratégia de relato da sustentabilidade E4 reforça a necessidade de evoluir na vertente comunicação externa, *“ter uma capacidade de comunicação para o exterior completamente diferente, ser devidamente estruturada, planeada, com um enfoque, alguém que saiba efetivamente como comunicar, eu não diria que seria só uma questão de marketing mas muito mais abrangente, uma capacidade de conseguir sintetizar a informação da forma que ela chegue objetivamente ao mercado e ao cliente”*. E5 considera fundamental uma maior envolvimento da administração, *“deveria haver uma política de sustentabilidade perfeitamente validada pela administração, ou seja, eles têm de ser os primeiros a querer, os chamados sponsors da situação”*. E6 reforça a mesma ideia, ao afirmar que *“é preciso dinamizar cada vez*

mais esta temática, envolvendo toda a gente, mas principalmente quem toma decisões, a administração”.

Outro aspeto ressaltado por E5, E6 e E7 é a necessidade de uma maior envolvimento de todas as áreas com a estratégia a adotar pela empresa no que concerne ao relato da sustentabilidade. Segundo E5 *“as áreas intervenientes, que no fundo somos todos, porque todos participamos de uma forma direta ou indireta, falha, às vezes tenho a sensação de que fazemos circuitos paralelos uns para demonstrar, outros para comunicar e depois o trabalho de campo são outros que estão a executar, tem de haver ligação”*. E6 considera que *“não pode ser só o departamento A ou B senão não vai funcionar, os decisores da área produtiva têm que ter esta decisão bem presente e alinhados também com esta temática; nós somos uma empresa de fazer tecido mas temos que fazê-lo com o menor impacto possível; fazer só tecido já não chega; fazer tecido bem nós já fazemos; agora temos que fazer bem respeitando estas temáticas, quem não tiver esse caminho não vai conseguir”*.

E2 e E3 consideram que o futuro da estratégia de relato da sustentabilidade, a longo prazo, passará pela elaboração de um relatório de sustentabilidade. Segundo E2 a empresa ainda não terá atingido o nível de maturidade necessário para a elaboração desse tipo de informação, *“não me parece ainda que estejamos preparados para ter um relatório de sustentabilidade autónomo, vamos caminhar para lá, mas não penso que neste momento a organização tenha maturidade para ter um relatório a esse nível”*. Os motivos que poderão antecipar a necessidade da escolha de um relatório de sustentabilidade, como a melhor estratégia de relato da sustentabilidade, serão a *“quer a obrigatoriedade quer a padronização deste tipo de informação”*.

E3 considera que a necessidade de criação de um relatório de sustentabilidade autónomo irá surgir com o desenvolvimento do tema da sustentabilidade na empresa, *“este tema é muito abrangente muito eclético e ainda não está a ser totalmente explorado na empresa, fazemos algumas coisas sim, mas o caminho ainda é longo, obviamente à medida que vamos desenvolvendo irão surgir as necessidades de relato e é aí que irá surgir o relatório independente”*. Um dos desafios que se irá colocar será o sistema contabilístico pois, na opinião de E3 *“o desafio vai ser adequar o sistema contabilístico à produção de informação para este tipo de reporte, porque o sistema*

atualmente está muito vocacionado para o reporte de informação financeira, ao nível de sustentabilidade consegue-se mas tem que ser trabalhado, existem formas e o SAP tem essa flexibilidade de se pensar numa estrutura, o que é que nós queremos, o que queremos saber e mostrar e como é devemos condensar e agregar essa informação”.

No curto prazo E2 considera que a melhor estratégia de relato da sustentabilidade passará por um *“maior desenvolvimento do capítulo de sustentabilidade no relatório e contas”*, a divulgação de informação através do site e na manutenção de aposta de divulgação de informação direcionada para clientes *“nomeadamente convida-los para vir à fábrica, ver como as coisas funcionam, estarmos sempre abertos para fazerem auditorias independentes porque não temos nada a esconder, essas serão as formas de divulgação exterior que eu prevejo que seja o caminho natural”*.

Na opinião de E4, E5, E6 e E7, a estratégia de relato da sustentabilidade passará pela criação de um relatório de sustentabilidade e o primeiro passo dado nesse sentido foi a criação do departamento de sustentabilidade. Conforme E6 *“existe muita informação só que ela acaba por não estar toda alinhada, ou seja, eu dou uma parte da informação, o departamento de Energia dá outra informação, penso que agora com a criação do departamento de sustentabilidade vamos conseguir por esta temática toda alinhada, penso que a criação do departamento aconteceu com objetivo de criar um relatório de sustentabilidade”*.

E4 refere *“se tivéssemos um relatório, na vertente da sustentabilidade, onde façamos uma compilação daquilo que são os tema chave que comportam e que fazem com que a Riopole seja visível como uma empresa inovadora a todos os níveis mas também nesta vertente da sustentabilidade (...) eu acho isto muito importante e se bem mostrado, não só a nível nacional, mas também internacional considero que efetivamente dá-nos credibilidade e posiciona-nos bem para sermos um parceiro de negócio numa forma mais global”*.

Da entrevista com E5 foi possível concluir que a necessidade da criação de um relatório de sustentabilidade surge também da pressão exercida por parte de alguns clientes de grandes marcas de moda, como exemplificado *“a Hugo Boss envia-nos o relatório de sustentabilidade deles, por isso, iria ter algum impacto, por exemplo, alguns clientes enviam-nos o código de conduta deles e nós agora respondemos com o nosso;*

obviamente são situações diferentes porque eles no relatório de sustentabilidade dão-nos o posicionamento deles, as ações que eles têm vindo a preconizar e ao mesmo tempo estão-nos a dizer que ações vão preconizar até 2025, nós também podemos fazer parte desse objetivo porque eles quando nos estão a comunicar nós como fornecedores também temos uma parte em que participamos”. E7 acrescenta que “tenho uma pasta de todas as solicitações de produtos relacionados com a sustentabilidade e praticamente todos os clientes questionam sobre esse ponto, se podemos incluir matérias-primas responsáveis porque, lá está todos eles estão a definir objetivos e para o comprovar todos eles estão a emitir os tais relatórios de sustentabilidade e somos nós que podemos ajuda-los atingir esses objetivos por isso acho que faz todo o sentido nós termos um relatório de sustentabilidade”.

Segundo E7, a criação do relatório de sustentabilidade além de credibilizar a imagem da empresa junto dos stakeholders, poderá também ser um impulsionador na definição interna da empresa no que concerne à estratégia de sustentabilidade, “se tivermos um relatório para emitir no final do ano temos uma linha orientadora do que temos de fazer, de controlarmos de alguma forma o que estamos a fazer, esta ferramenta será importante mais a nível interno do que externo”. Além disso, poderá ainda ser um facilitador da comunicação com o exterior, essencialmente com os clientes, conforme E7 “se nós tivermos tudo compilado num único relatório, mais facilmente pegamos na informação que está numa dada área e transformamos para um pedido específico de um cliente; geralmente quando os clientes nos questionam por email é informação mais dirigida, por isso, se tivermos essa informação compilada é mais fácil trabalharmos, como uma ferramenta de apoio (o relatório de sustentabilidade)”.

Na segunda parte pretende-se perceber a perceção do entrevistado sobre a informação a fornecer pelo sistema de informação da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade, nomeadamente, que tipo de informação deve ser produzida (da dimensão económica, ambiental, social), qual deve ser reportada ao exterior, como deve ser reportada e de que forma deve ser reportada ao exterior).

Da análise ao segundo conjunto de perguntas percebe-se a predominância de monitorização e divulgação de informação económica e ambiental. Porém, os entrevistados realçam a importância que a dimensão social tem vindo a conquistar nos

últimos tempos. E1 considera que, possivelmente, a dimensão ambiental e social terá maior destaque dado que a informação económica será desenvolvida no relatório e contas, *“admito que a parte ambiental e social possam ter um maior destaque uma vez que a parte económica tem o destaque devido no relatório e contas e, portanto, ali seriam apenas alguns elementos, alguns indicadores, sem o detalhe que tem num relatório e contas”*.

Na opinião de E2, a empresa encontra-se num nível de exigência alto no que toca às questões da sustentabilidade dado setor em que está inserido, *“somos uma indústria vertical por isso nós estamos expostos a quase tudo e as empresas têxteis são indústrias poluentes”*.

E3 considera que não deverá haver predominância de nenhuma das dimensões da sustentabilidade na informação divulgada, a única obrigatoriedade deve ser que a informação retrate aquilo que se passou na empresa durante um determinado período de tempo, *“se em determinado ano houve uma maior investimento num dos vetores temos que retratar isso, mas por principio todos devem ter as mesmas oportunidades (...) como estamos a tratar de recursos podemos afetar mais recursos a uma determinada área e menos aos outros e então isso deve ser espalhado no relatório”*.

Em relação à crescente valorização da dimensão social, E4 completa *“isto acaba por estar tudo interligado, porque a componente social também não se pode efetivamente dissociar da ambiental, com trabalhadores motivados e mais integrados também conseguimos efetivamente sentir-nos melhor e contribuir para um impacto ambiental melhor”*.

Segundo E7 a empresa recebe auditorias de clientes específicas para a dimensão social da sustentabilidade, *“da parte social temos efetivamente alguns clientes que se preocupam muito com essa parte e até vêm fazer auditorias à empresa para garantir que nós cumprimos com toda a legislação e promovemos condições de trabalho mais seguras”*. Ainda relativamente aos colaboradores, E5 refere que também seria importante para a empresa extrair indicadores do modelo de avaliação desempenho, implementado na empresa em 2019, e do questionário de avaliação do clima organizacional, também iniciado em 2019, *“depois daquela avaliação que fazemos*

anualmente da satisfação do colaborador e do clima organizacional poder daí derivar ações e depois haver indicadores isso acho que era muito interessante”.

Dentro da dinâmica social, para além dos colaboradores, existe a comunidade local e neste ponto E5 afirma que a empresa tem um papel ativo, *“a empresa apoia várias iniciativas sociais e era interessante começarmos a tentar perceber quais são as áreas, por exemplo, se é no desporto, educação ou até na área de caridade e também transpor isso para um indicador, porque apoiamos e não é assim pouco, já tivemos a ver, e também era interessante divulgar, já que ajudamos”.*

E2 acrescenta a importância de indicadores relacionados com *Governance*, como por exemplo, *“a forma como é constituído o conselho de administração, as práticas de avaliação desempenho e pagamentos, política de divulgação de dados pessoais, se existe um código de conduta e de ética, e se é cumprido, se existem medidas antifraude, anticorrupção, auditorias internas”.*

4.2.6 Relato da sustentabilidade dos concorrentes

Neste subcapítulo será realizada uma análise externa aos concorrentes da empresa, permitindo obter uma melhor contextualização e compreensão da atuação da empresa no que diz respeito ao relato da sustentabilidade.

Importa referir que a Riopelle Têxteis, SA não tem como concorrente direto nenhuma destas empresas, dado que nenhuma detém a mesma capacidade produtiva nem a presença em mercado a um nível global, concentrando-se mais no mercado europeu, essencialmente, no mercado espanhol. Ainda assim, podemos identificar a Polopiqué – Comércio e Indústria de Confecções, S.A., a Têxtil Manuel Gonçalves, S.A. a Paulo de Oliveira, S.A., Somelos-Tecidos, S.A. e a Moretextile.

De maneira a compreender o modo de atuação das empresas enquadradas no mesmo setor da Riopelle, no que diz respeito ao relato da sustentabilidade, foi realizada uma análise externa através dos sites das referidas empresas, verificando a existência de tópicos no âmbito da sustentabilidade. Após essa análise foi verificado que a empresa Paulo de Oliveira, SA encontra-se em fase de desenvolvimento do seu site fazendo, no entanto, já parte dos tópicos “em desenvolvimento” o tópico da sustentabilidade.

No que diz respeito à empresa Polopiqué – Comércio e Indústria de Confeções, S.A. (doravante Polopiqué), apresenta no seu site um tópico sobre a sustentabilidade, onde é exposta a estratégia de integração vertical sustentável da empresa, conseguido através da reciclagem de água, papel, cartão e do crescente investimento na utilização de energias renováveis. Destacam ainda a participação em abordagens globais de produção sustentável de algodão, como a *Better Cotton Initiative* e a Certificação GOTS – *Global Organic Textile Standard*.

Este tópico é ainda enriquecido com um vídeo promocional de cerca de quatro minutos, onde é focado o compromisso com a sustentabilidade como um dos pilares da empresa. Ao longo dos quatro minutos, são partilhados alguns dos investimentos realizados no âmbito da sustentabilidade, de que são exemplo: painéis fotovoltaicos, unidade de cogeração de energia; o ecocentro; a estação de tratamento de águas e presença de espaços verdes na envolvente das instalações da empresa.

São também partilhados alguns indicadores de sustentabilidade, de que são exemplo: % de resíduos reciclados; número de árvores plantadas versus consumo de toneladas de CO₂; % de redução de emissões de CO₂; % de redução de consumo de energia elétrica; % de uso mínimo de algodão orgânico; iluminação LED; portefólio de utilização de matérias primas sustentáveis; % de redução do consumo de água obtido pela eficiência dos processos de tingimento; % redução de consumo de água pelo uso de equipamento eco eficientes; % de águas residuais recuperadas para reutilização.

Na vertente social a empresa divulga ainda a existência de seguros de saúde para todos os colaboradores e família e a existência do centro médico de enfermagem, com consultas 24h. Ao nível externo, a empresa divulga ações de responsabilidade social com a comunidade externa como a formação profissional de jovens, o apoio a crianças e jovens com deficiência e o apoio a associações de carácter social.

A empresa Somelos-Tecidos, S.A. (doravante Somelos) não apresenta qualquer tópico sobre a sustentabilidade no site da empresa, apenas surgem os logotipos da *Better Cotton Initiative*, o que deverá significar a participação em abordagens globais de produção sustentável de algodão.

Relativamente à empresa Moretextile no site da empresa existe um tópico para a sustentabilidade onde são apenas identificados os processos industriais sustentáveis por tipologia de produto, por exemplo, “*Jointheloop*” é referida a escolha de matérias-primas amigas do ambiente como o algodão orgânico e as fibras recicladas, “*Pure blends*” destaca a utilização de químicos livre e racionalização do consumo de água, “*upcycling*” com a reutilização de fibras e o “Eco Dye” que consiste num processo de tingimento ecológico, exclusivo da Moretextile, que gera poupanças ao nível do consumo de água, químicos e energia.

No que diz respeito à Têxtil Manuel Gonçalves, S.A. (doravante TMG) no site da empresa existe um tópico para a sustentabilidade onde são identificadas as principais ações em matéria ambiental e social. As questões ambientais são abordadas de forma muito genérica relacionadas com o consumo responsável de recursos naturais. Por sua vez, no âmbito social, a empresa particulariza algumas das suas ações como a Fundação de Serralves, a Casa da Música, COTEC Portugal, IPATIMUP - Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto e associações locais de bombeiros voluntários.

Quadro 14: Análise dos sites dos concorrentes

Empresa	Site	Tópico Sustentabilidade	Indicadores	Modelo Relato	Vídeos	Certificações
Polopiqué	✓	✓	✓	x	✓	✓
Paulo de Oliveira	x	x	x	x	x	x
Somelos	✓	x	x	x	x	✓
MoreTextile	✓	✓	x	x	x	✓
TMG	✓	✓	x	x	x	x

Fonte: Elaboração própria

4.2.7 Análise Global do Estudo de caso

Da análise efetuada neste estudo de caso da Riopelle Têxteis, SA podemos verificar e concluir que o tema da sustentabilidade apesar de ser um dos vetores estratégicos da empresa, não é uma tendência recente. Ao longo da última década, a empresa tem vindo a preparar e a direcionar a sua estratégia de sustentabilidade, nomeadamente através da participação em projetos industriais, apoiados pelo QREN e Portugal 2020,

que permitiram modernizar a fábrica e ter um parque de máquinas mais sustentáveis e eficientes do que as anteriores. O mesmo aconteceu nas áreas criativas e de desenvolvimento, com o projeto *R4Textile*, que foi um forte impulsionador para a área de I&D, ao readaptar a empresa às novas necessidades do mercado ao nível dos produtos sustentáveis.

As motivações por detrás da atual estratégia de sustentabilidade são, essencialmente, de natureza externa, de que são exemplo a imposição legal, a questão da legitimidade junto dos stakeholders, a escassez de recursos e a comunidade. Destacam-se, porém, alguns fatores internos, como a capacidade visionária da administração e a vontade das equipas internas de inovar e apresentar produtos diferenciadores ao mercado.

Os principais meios utilizados para divulgação de informação de sustentabilidade são o site da empresa e o relatório de contas anual. São também utilizados outros meios de comunicação, como a Brochura de Sustentabilidade e o Dossier de Imprensa.

No que concerne à produção e monitorização de informação de sustentabilidade verifica-se uma predominância da dimensão económica, dada a sua obrigatoriedade e facilidade de obtenção, seguida da informação de cariz ambiental. A predominância da dimensão ambiental deve-se, entre outros motivos, aos investimentos que a empresa tem efetuado, nomeadamente à candidatura a projetos de investimento com cariz ambiental, assim como, à angariação de novos clientes, essencialmente, nórdicos e americanos, muito voltados para as questões ambientais e ao setor de atividade em que se insere. Os indicadores mais acompanhados são os que dizem respeito aos consumos e poupanças de energia, água, resíduos, emissões e, mais recentemente produtos químicos.

A vertente social, apesar de ter ganho uma maior importância, neste último ano, ainda é a dimensão com menos informação produzida e monitorizada. Nesse sentido, a empresa tem, em fase de conclusão, um projeto denominado de “Projeto RKPI+” que tem como objetivo principal o acompanhamento de indicadores de forma transversal à empresa, o que irá permitir que as outras dimensões da sustentabilidade comecem a ser igualmente acompanhadas.

As perspetivas futuras da empresa passam pela criação de um relatório de sustentabilidade autónomo resultado do contributo e envolvimento de todas as áreas da empresa.

5 CONCLUSÕES

O presente estudo procura desenvolver a temática sobre a compreensão da interligação, existente e necessária, entre a contabilidade de gestão e o relato de informações de sustentabilidade. O tema da sustentabilidade, tem-se tornado, nos últimos anos, num fenómeno global, uma tendência que atravessa horizontalmente todos os mercados, pelo que a sustentabilidade tem assumido, cada vez mais, um importante papel nas estratégias de longo prazo das empresas, dos seus clientes e de outros *stakeholders* (BCSD, 2017).

O relato é uma das formas das organizações exporem o que representam, o que procuram alcançar e que ações futuras estão dispostas a realizar (Ball & Bebbington, 2008). Nas últimas décadas, o relato de informações não financeiras, como as informações ambientais, sociais e de governança (ESG), tornaram-se cada vez mais populares entre as empresas (Stubbs & Higgins, 2014). A razão subjacente a esse movimento é a crítica aos relatórios financeiros por não atenderem, adequadamente, às necessidades de informação de todas as partes interessadas (Bernardi & Stark, 2018).

Globalmente, as empresas perceberam o benefício de incorporar questões de sustentabilidade nas suas estratégias corporativas. Por forma a avaliar os benefícios dessas estratégias, as empresas precisam de sistemas de contabilidade gestão que permitam aos seus gestores gerir, analisar e controlar o desempenho ambiental, social e económico (Arroyo, 2012). Na expectativa de diminuir os riscos associados a esta exposição têm sido desenvolvidos padrões de elaboração de relatórios de sustentabilidade, de que são exemplo, os padrões da Global Reporting Initiative (GRI), os padrões de relatórios integrados do International Integrated Reporting Council (IIRC) e os padrões do Sustainability Accounting Standards Board (SABS).

Neste contexto, e atendendo que o principal objetivo deste estudo é identificar, caracterizar e compreender o contributo da Contabilidade de Gestão no Relato da Sustentabilidade nas empresas do sector têxtil, foram definidos cinco objetivos específicos.

Para responder ao primeiro objetivo específico: *identificar e caracterizar as tendências de investigação científica, publicadas nos últimos 10 anos, sobre a contabilidade de*

gestão e o relato, foi utilizada a metodologia de revisão sistemática de literatura. A realização desta pesquisa permitiu comprovar a disseminação do tema a nível global, com estudos realizados em quase todos os continentes. Países onde o nível de corrupção é elevado ou com fraca estabilidade política e financeira existe uma maior disseminação de investigações sobre relato e contabilidade de gestão, maioritariamente publicados em revistas da área das ciências sociais e comportamentais.

Ao analisar o conteúdo dos artigos selecionados verifica-se que vários autores têm estudado a relação de dependência existente entre o controlo de gestão e o grau de divulgação das informações, especificamente em perceber a sua função quando o objeto de controlo é composto por informações que devem ser divulgadas para fora da organização (Espejo & Daciê, 2016; Héroux & Henri, 2009). Outra tendência de investigação identificada está relacionado com a necessidade de evolução que a contabilidade de gestão tem vindo a sofrer, historicamente orientada para a dimensão do desempenho económico e financeiro, tem sido estudada a sua capacidade de evoluir para a integração de padrões relacionados com o controlo, medição e gestão de relatórios de desempenho ambiental (Nassereddine & Ahmad, 2019).

A pressão institucional que é exercida sobre as empresas para a divulgação de informação não financeira, nomeadamente, no que diz respeito aos relatórios de sustentabilidade (Truant et al., 2017) é outra questão muito abordada pelos autores. De forma a minimizar os riscos associados a esta exposição têm sido desenvolvidos vários organismos que procuram emitir padrões e diretrizes que apoiem as empresas na elaboração dos relatórios de sustentabilidade que muito interesse tem suscitado na comunidade científica.

Para responder aos restantes objetivos específicos foi utilizada a metodologia de estudo caso. A empresa escolhida foi a Riopele Têxteis, SA, que defende que a sustentabilidade é um dos pilares do seu desenvolvimento estratégico. O estudo de caso realizado permitiu responder aos objetivos sobre a *caracterização e perceção da evolução da estratégia de relato da sustentabilidade na Riopele Têxteis, SA*, ao objetivo sobre a *compreensão e perceção da gestão da Riopele Têxteis, SA sobre o contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade* e, ainda, ao objetivo que pretende *identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade da Riopele Têxteis, SA*.

Assim, com recurso a entrevistas semiestruturadas, complementadas com análise de conteúdo aos Relatórios e Contas dos anos de 2018 e 2019 e ao site da empresa, foram recolhidas informações que permitiram responder aos objetivos específicos acima identificados.

Dada a verticalidade do processo produtivo da Riopelle esta encontra-se muito exposta aos riscos inerentes da poluição ambiental, acrescentando ainda o setor de atividade a que pertence (ITV), frequentemente referenciado como a segunda indústria mais poluente do mundo devido, entre outros aspetos, à quantidade de resíduos que produz ao longo do processo produtivo (Cruz, 2017). Através das informações partilhadas pelos entrevistados, com média de 21 anos de experiência no setor e na empresa, foi possível constatar que a Riopelle sempre se mostrou muito sensível ao tema da sustentabilidade, fazendo o acompanhamento, há vários anos, de alguns indicadores, principalmente, de cariz ambiental, como energia, água, emissões e resíduos.

Ao longo da última década, a empresa tem vindo a preparar e a direccionar a sua estratégia de sustentabilidade, nomeadamente através da participação em projetos industriais, apoiados pelo QREN e Portugal 2020, que permitiram modernizar a fábrica e ter um parque de máquinas muito mais sustentáveis e eficientes do que as anteriores. O mesmo aconteceu nas áreas criativas e de desenvolvimento, com o projeto *R4Textile*, que foi um forte impulsionador para a área de I&D, ao readaptar a empresa às novas necessidades do mercado ao nível dos produtos sustentáveis.

Estes progressos são explicados por fatores externos e internos à empresa. Apesar de alguns entrevistados referirem que o lugar que a empresa ocupa atualmente em muito se deve ao "saber fazer" interno não deixam de referir outros motivos, como a pressão do mercado, a procura da legitimidade junto dos *stakeholders*, imposição legal e a comunidade, à semelhança das motivações apontadas por Deegan (2002). Além desses fatores, a capacidade visionária da administração, com a criação do departamento de sustentabilidade, no final de 2018, é também apontado como um importante passo na estratégia de divulgação da sustentabilidade da Riopelle. Na opinião dos entrevistados, a criação deste departamento consubstancia a importância que este vocábulo tem na empresa, mostrando não ser apenas retórica, mas também prática e a criação de um departamento responsável e transversal a toda a empresa, prova isso mesmo.

Estas evoluções ao nível processo, produto e pessoas tem sido, também, acompanhada por mudanças na forma como a empresa comunica a sua estratégia de sustentabilidade. Atualmente, os principais meios utilizados pela empresa são o relatório e contas consolidados e o site da empresa, que, ao longo do ano 2020, foi alterado no sentido de dar resposta às necessidades cada vez mais evidentes no que diz respeito às questões da sustentabilidade. Foram ainda desenvolvidos três meios de comunicação relacionados com o tema: brochura da sustentabilidade, enviada para todos os clientes e até fornecedores, dossier de imprensa, entregue a todas as visitas externas recebidas na empresa e, por último, a plataforma de comunicação direcionada exclusivamente para clientes, onde são apresentados os produtos e todas as certificações e informações de sustentabilidade associadas. Esta ferramenta surge da necessidade de ter informação de sustentabilidade, direcionada para os clientes, de forma simples e objetiva.

Relativamente ao objetivo de *compreensão e perceção da gestão da Riopele Têxteis, SA sobre o contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade* foi tornado evidente que, dada abrangência do tema da sustentabilidade, esta exige a envolvência de todas as áreas da empresa, acreditando-se mesmo que de outra forma não será possível a sua verdadeira concretização. Esta conclusão vai ao encontro dos estudos de Maas et al. (2016), que indicam que medição, gestão e comunicação de informações de sustentabilidade requer uma boa interação entre diferentes métodos e atores da empresa para a recolha, análise e divulgação de dados relevantes.

Os relatórios de informação produzidos pela contabilidade de gestão são referenciados, pela gestão da Riopele, como uma ferramenta diária de apoio à decisão. Nesse sentido, é expectável que esta disciplina acompanhe as novas necessidades de informação. Esta conclusão corrobora os estudos de Arroyo (2012) e Bouten & Hoozée (2013), que defendem que as práticas de contabilidade de gestão são afetadas por questões de sustentabilidade.

Atualmente, encontra-se em fase de conclusão na empresa um projeto, denominado de RKPI+, gerido pelo controlo de gestão, em parceria com os gestores das diferentes áreas e a Administração, cujo principal objetivo é extrair informação, padronizada e constante, de forma a ser possível criar indicadores para futura monitorização, controlo e divulgação. Este projeto exigiu uma grande adaptação dos sistemas de informação da

contabilidade de gestão e acredita-se que será um grande input para a estratégia de relato da sustentabilidade da Riopelle que passará, na opinião dos entrevistados, a médio prazo, pela elaboração de um relatório de sustentabilidade.

No que concerne ao objetivo de *identificar e caracterizar o relato da sustentabilidade da Riopelle Têxteis, SA*, foi possível verificar a predominância de indicadores de cariz ambiental, apesar de verificar-se também uma crescente procura por indicadores de cariz social. A predominância da vertente ambiental deve-se, em parte, aos investimentos que a empresa foi realizando ao longo dos anos, como referido anteriormente, que possibilitou a poupança de recursos, nomeadamente, energia, água e resíduos, o que possibilitou a extração dessa informação e sua monitorização. Outro aspeto muito importante são as certificações e auditorias que exigem que as empresas tenham um conjunto de informações de forma a serem certificadas e obterem maior credibilidade junto dos clientes no seu contributo para um desenvolvimento sustentável.

Os meios mais protocolares de relato da sustentabilidade, utilizado na Riopelle, são o Relatório e Contas Consolidadas e o site da empresa. A informação exibida foi apresentada com o título “Sustentabilidade”, no relatório de 2019, ocupando cerca de uma página. Apesar de apenas em 2019, surgir a seção “Sustentabilidade” a empresa já divulgava, em anos anteriores, as principais práticas relativas à sustentabilidade nas seções de “Qualidade, Ambiente, Segurança e Energia” e “Recursos Humanos. De salientar, que o tema da sustentabilidade está também presente nas seções “Nota de Abertura” e “Perspetivas para o ano 2020”. Os elementos divulgados são relatados através de narrativas breves e sucintas.

No que concerne à informação de sustentabilidade divulgada no site da empresa, esta é direcionada essencialmente a clientes e potenciais clientes. Os principais tópicos abordados são: o ambiente, com a divulgação dos principais indicadores, os produtos, nomeadamente, a utilização de fibras recicladas e as certificações que a empresa possui em matéria ambiental e do produto. Há ainda informação relativamente aos colaboradores, fornecedores e comunidade. Esta informação é de igual modo apresentada de forma narrativa e pouco detalhada. Apenas os indicadores de cariz ambiental são mais detalhados, como por exemplo, % resíduos reciclados, % resíduos

eliminados, emissões de CO₂, consumo energético, % água reciclada, m³ água recuperada e % água pluviais consumida.

Além destas, outras formas de comunicação têm sido, paralelamente, desenvolvidas de que são exemplo, a plataforma digital exclusiva para clientes, a melhoria contínua dos conteúdos do site da empresa e a criação de uma brochura de sustentabilidade enviada para diversos stakeholders, entre outros. A nível nacional, a empresa também participa em algumas palestras, em ambiente profissional e académico, ligadas ao tema da sustentabilidade.

Esta análise foi ainda complementada com uma análise de conteúdo aos sites dos cinco principais concorrentes da Riopole Têxteis, SA, que possibilitou responder ao último objetivo específico de *identificar e caraterizar o relato da sustentabilidade dos principais concorrentes*. Ao analisar a estrutura dos cinco sites verifica-se que quatro têm um tópico exclusivo de sustentabilidade (mesmo a empresa que tem o site em desenvolvimento já inclui o referido tópico) o que mostra a sensibilização do tema junto das empresas. As certificações ambientais e do produto são o ponto em comum entre as diferentes empresas, sendo uma das informações mais divulgadas através dos sites. Apenas uma das empresas concorrentes divulga indicadores de sustentabilidade económica, ambiental e social através de um vídeo onde são partilhadas imagens complementadas com os referidos indicadores de sustentabilidade. Desta análise é possível concluir que o setor têxtil tem ainda um longo caminho a percorrer no que diz respeito à estratégia de divulgação de informação de sustentabilidade.

Dada a pertinência deste tema, acredita-se que este trabalho de investigação contribui de forma positiva para o conhecimento da performance do setor têxtil relativamente à divulgação de informação de sustentabilidade. Sendo um dos setores mais importantes da economia nacional, do trabalho de investigação aqui explorado e desenvolvido, constata-se que o investimento das empresas têxteis em produção, monitorização e divulgação de informação não financeira será uma vantagem competitiva fundamental para enfrentar os desafios de uma indústria cada vez mais competitiva e exposta às questões da sustentabilidade.

Todas as investigações têm limitações, por isso, os resultados aqui apresentados devem ser interpretados em conformidade com essas limitações. Uma limitação deste estudo

é derivada da escassez de estudos que abordem os temas em análise, contabilidade de gestão e relato, de forma integrada. Muito se tem escrito sobre as motivações das empresas em estarem envolvidas em questões de sustentabilidade, mas pouco em perceber “como” as empresas podem e integram a avaliação da sustentabilidade com a contabilidade de gestão, com o controlo de gestão e com o relato. Outras limitações estão associadas à metodologia utilizada no desenvolvimento do estudo.

Estudos futuros poderão replicar esta investigação a estudo de casos múltiplos com empresas do mesmo setor de atividade que permitirá estabelecer algumas comparações e ajudar na padronização da informação de sustentabilidade a ser divulgada ou em empresas de outros setores para ampliar as comparações e conclusões sobre a temática.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alsharari, N. M., Dixon, R., & Youssef, M. A. E. A. (2015). Management accounting change: Critical review and a new contextual framework. *Journal of Accounting and Organizational Change*, 11(4), 476–502. <https://doi.org/10.1108/JAOC-05-2014-0030>
- Alves, A. L. G. (2010). *Informação sobre o valor acrescentado nos relatórios de sustentabilidade das empresas Portuguesas e Espanholas*. Universidade do Porto.
- Araújo, E., Silva, M., & Ribeiro, R. (2020). Sustentabilidade e descarbonização: desafios práticos. In *Territórios e Comunidades*.
- Araújo, M., Broega, A. C., & Mota-Ribeiro, S. (2014). Sustentabilidade Na Moda E O Consumo Consciente. *XIX Seminário Acadêmico Da APEC*, 44–56. Retrieved from https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34492/1/APEC2014_MAráujo CBroega SMRibeiro.pdf
- Arroyo, P. (2012). Management accounting change and sustainability: An institutional approach. *Journal of Accounting and Organizational Change*, 8(3), 286–309. <https://doi.org/10.1108/18325911211258317>
- ATP. (2019). *Fashion From Portugal 4.0: Directory*. 5–15. Retrieved from http://www.atp.pt/fotos/editor2/2019/ATP_Diretorio_2019.pdf
- Ball, A., & Bebbington, J. (2008). Editorial: Accounting and Reporting for Sustainable Development in Public Service Organizations. *Public Money and Management*, 323–326.
- Bartlett, S. A., & Chandler, R. A. (1997). The corporate report and the private shareholder: Lee and tweedie twenty years on. *British Accounting Review*, 29(3), 245–261. <https://doi.org/10.1006/bare.1996.0044>
- BCSD. (2017). PA. *Guia Para Apoiar as Empresas a Reportar Indicadores ESG (Environmental, Social and Governance)*, p. 4.
- Beattie, V., Dhanani, A., & Jones, M. (2008). Investigating Presentational Change in U.K. Annual Reports: A Longitudinal Perspective. *Journal of Business Communication*, 181–222.

- Bebbington, J., Larrinaga, C., & Moneva, J. M. (2008). Corporate social reporting and reputation risk management. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 21(3), 337–361. <https://doi.org/10.1108/09513570810863932>
- Bernardi, C., & Stark, A. W. (2018). Environmental, social and governance disclosure, integrated reporting, and the accuracy of analyst forecasts. *The British Accounting Review*, 50, 16–31.
- Bouten, L., & Hoozée, S. (2013). On the interplay between environmental reporting and management accounting change. *Management Accounting Research*, 24, 333–348.
- Bowen, F., Kahindi, A. N., Herremans, I., Bowen, F., & Herremans, I. (2016). *Strategy Linked references are available on JSTOR for this article : When Suits Meet Roots : The Antecedents and Consequences of Community Engagement Strategy*. 95(2), 297–318.
- Buchholz, H., Eberle, T., Klevesath, M., Jürgens, A., Beal, D., Baic, A., & Radeke, J. (2020). *Forward Thinking for Sustainable Business Value: A New Method for Impact Valuation*. 16.
- Busco, C., Consolandi, C., Eccles, R. G., & Sofra, E. (2020). A Preliminary Analysis of SASB Reporting: Disclosure Topics, Financial Relevance, and the Financial Intensity of ESG Materiality. *Journal of Applied Corporate Finance*, 32, 117–125.
- Cruz, H. I. S. S. (2017). *Sustentabilidade na Moda: Estudo da Interface entre os Resíduos Limpos da Indústria Têxtil e Vestuário e as Indústrias Criativas*. <https://doi.org/10.1007/s13197-014-1414-7>
- Dănescu, T., & Dogar, C. (2014). Conflicts of Interests in the Accounting Reporting Area of European Social Fund Financed Operations in Romania. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, Vol. 109, pp. 215–219. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2013.12.447>
- De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, M. C., Takahashi, R. F., & Bertolozzi, M. R. (2011). *Revisão sistemática : noções gerais*. 1260–1266.
- Deegan, C. (2002). The legitimising effect of social and environmental disclosures - a theoretical foundation. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 15(282–

311).

Dias, C. G. (2009). *O Relato da Sustentabilidade Empresarial : Evidência Empírica nas Empresas Cotadas em Portugal*. 111–150.

Eccles, R. G., & Spiesshofer, B. (2015). Integrated Reporting for a Re-Imagined Capitalism. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2665737>

Erokhin, V., Endovitsky, D., Bobryshev, A., Kulagina, N., & Ivolga, A. (2019). Management accounting change as a sustainable economic development strategy during pre-recession and recession periods: Evidence from Russia. *Sustainability (Switzerland)*, 11(11). <https://doi.org/10.3390/su11113139>

Espejo, M. M. dos S. B., & Daciê, F. do P. (2016). Reducing information asymmetry from the management control perspective: Discussion of practices in transparent companies. *Revista Contabilidade e Finanças*, 27(72), 378–392. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201603000>

Eugenio, T. P. (2010). Avanços Na Divulgação De Informação Social E Ambiental Pelas Empresas E a Teoria Da Legitimidade. *Revista Universo Contábil*, Vol. 6. <https://doi.org/10.4270/ruc.2010106>

Ferdous, M. I., Adams, C. A., & Boyce, G. (2019). Institutional drivers of environmental management accounting adoption in public sector water organisations. *Accounting, Auditing and Accountability Journal*, 984–1012. Retrieved from <https://fivethirtyeight.blogs.nytimes.com/2011/01/03/all-politics-is-local-the-debate-and-the-graphs/>

Fernández, V. A. M., Boga, O. J., & Faria, M. J. (2014). Impacto da responsabilidade social sob a óptica empresarial do norte litoral de Portugal. *Contaduría y Administración*, 59(3), 89–135. [https://doi.org/10.1016/s0186-1042\(14\)71267-7](https://doi.org/10.1016/s0186-1042(14)71267-7)

Ferreira, M. M. (2010). Gestão do Design e sua adequação a um novo paradigma regido pela Sustentabilidade.

GRI. (2006). Diretrizes para relatório de sustentabilidade. *Global Reporting*, p. 50.

Héroux, S., & Henri, J.-F. (2009). *MANAGEMENT CONTROL AND WEB-BASED CORPORATE REPORTING: AN EMPIRICAL EXPLORATORY STUDY*.

- Honggowati, S., Rahmawati, R., Aryani, Y. A., & Probohudono, A. N. (2017). Corporate Governance and Strategic Management Accounting Disclosure. *Indonesian Journal of Sustainability Accounting and Management*, 1(1), 23–30. <https://doi.org/10.28992/ijsam.v1i1.24>
- Igarashi, W., Corrêa Igarashi, D. C., & Borges, B. J. (2015). Revisão Sistemática E Sua Potencial Contribuição Em “Negócios, Gerenciamento E Contabilidade.” *Gestão & Regionalidade*, 31(91). <https://doi.org/10.13037/gr.vol31n91.2887>
- IIRC. (2011). Communicating Value in the 21st Century. *TOWARDS INTEGRATED REPORTING*.
- Izzo, M. F., Strologo, A. Dello, & Granà, F. (2020). Learning from the Best: New Challenges and Trends in IR Reporters' Disclosure and the Role of SDGs. *Sustainability*, 12.
- KALINOWSKI, J. (2009). *Project management and presentation of information in financial statements – company performance measurement or project performance measurement*. 17–31.
- Kamalluarifin, W. F. S. W. (2016). The Influence of Corporate Governance and Firm Characteristics on the Timeliness of Corporate Internet Reporting By Top 95 Companies in Malaysia. *Procedia Economics and Finance*, Vol. 35, pp. 156–165. [https://doi.org/10.1016/s2212-5671\(16\)00020-4](https://doi.org/10.1016/s2212-5671(16)00020-4)
- KPMG. (2017). *The KPMG survey of corporate responsibility reporting 2017* (Vol. 84).
- Landau, A., Rochell, J., Klein, C., & Zwergel, B. (2019). *Integrated reporting of environmental, social, and governance and financial data: Does the market value integrated reports?* 1750–1763.
- Lasyoud, A. A., Haslam, J., & Roslender, R. (2018). Management accounting change in developing countries: evidence from Libya. *Asian Review of Accounting*, 26(3), 278–313. <https://doi.org/10.1108/ARA-03-2017-0057>
- M. Shamimul, H., Syed Zabid, H., & Rashidah, A. R. (2014). Corporate governance and corporate accruals: The situation in Bangladesh. *Aestimatio*, 9(2014), 90–111. <https://doi.org/10.5605/ieb.9.5>
- Maas, K., Schaltegger, S., & Crutzen, N. (2016). Integrating corporate sustainability

- assessment, management accounting, control, and reporting. *Journal of Cleaner Production*, 136, 237–248. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2016.05.008>
- Martins, N. A. (2018). *Sustainability reporting in Portugal: a survey of Portuguese certified accountants*. Universidade do Porto.
- Matos, P. (2020). ESG and Responsible Investing Around the World: A Critical Review. In *CFA Institute Research Foundation Literature Review*.
- Md. Shamimul, H., & Normah, O. (2016). How do we assess the quality of corporate financial reporting? *THE IEB INTERNATIONAL JOURNAL OF FINANCE*, 13, 2–17. <https://doi.org/10.5605/ieb.11.4>
- Monteiro, S., Ribeiro, V., & Lemos, K. (2017). A evolução do relato financeiro ao relato de sustentabilidade/integrado: uma perspetiv do setor público e privado. *Centro de Investigação Em Contabilidade e Fiscalidade*, 1–41.
- Moreno, M. L. P. (2013). Assessment of the impact of business activity in sustainability terms. Empirical confirmation of its determination in Spanish companies. *Sustainability (Switzerland)*, 5(6), 2389–2420. <https://doi.org/10.3390/su5062389>
- Nassereddine, H., & Ahmad, A. S. (2019). The role of management accounting systems in sustainable and development strategies. *Proceedings of the International Conference on Business Excellence*, 13(1), 313–325. <https://doi.org/10.2478/picbe-2019-0028>
- Nigri, G., & Baldo, M. Del. (2018). Sustainability reporting and performance measurement systems: How do small- and medium- sized benefit corporations manage integration? *Sustainability*, 10(12). <https://doi.org/10.3390/su10124499>
- Noordin, R., Zainuddin, Y., Fuad, Mail, R., & Sariman, N. K. (2015). Performance Outcomes of Strategic Management Accounting Information Usage in Malaysia: Insights from Electrical and Electronics Companies. *Procedia Economics and Finance*, Vol. 31, pp. 13–25. [https://doi.org/10.1016/s2212-5671\(15\)01127-2](https://doi.org/10.1016/s2212-5671(15)01127-2)
- Oliveira, C. P. de. *Balanced Scorecard , Cultura Organizacional e Desempenho: O Caso das Maiores Exportadoras de Portugal.* , (2018).
- ONU. (1987). *Relatório Brundtland – Our Common Future* (p. 318). p. 318. Retrieved

- from <https://ambiente.wordpress.com/2011/03/22/relatrio-brundtland-a-verso-original/>
- Ortiz-Martínez, E., Marín-Hernández, S., & Sánchez-Aznar, L. A. (2020). Integrated reporting according to IIRC from 2011 to 2015. *Journal of Business Management*, 222–234.
- Owen, G. (2013). Integrated Reporting: A Review of Developments and their Implications for the Accounting Curriculum. *Accounting Education: An International Journal*, 22, 340–356.
- Oyadomari, J. C. T., Duque, B., Nisiyama, E. K., Dultra-De-Lima, R. G., & De Mendonça Neto, O. R. (2018). Use of management reports and performance of sales managers in an insurance company. *Revista Contabilidade e Finanças*, 29(78), 343–354. <https://doi.org/10.1590/1808-057x201805970>
- Papazov, E., & Mihaylova, L. (2015). Organization of Management Accounting Information in the Context of Corporate Strategy. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, Vol. 213, pp. 309–313. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.11.543>
- Portuguesa, R. (2018). *Indústria Têxtil e Vestuário*.
- Ribeiro, J. M. (2017). *O Conceito da Indústria 4.0 na Confeção: Análise e Implementação*. Universidade do Minho.
- Romero, F. C. C. (2004). Sistemas de Custeio e Desenvolvimento Tecnológico: Evolução e Perspectivas. *Utilities Interface*, 20–22.
- Rosana F, S., & Mancini, M. (2013). Autism: A social and medical history. *Autism: A Social and Medical History*, 1–188. <https://doi.org/10.1057/9781137328533>
- SABS. (2018). 2018 ANNUAL REPORT: Building momentum. In *SUSTAINABILITY ACCOUNTING STANDARDS*. <https://doi.org/10.2307/j.ctt21kk256.44>
- Saygılı, E., Saygılı, A. T., & Gören Yargı, S. (2019). An Analysis of Sustainability Disclosures of Textile and Apparel Companies in Turkey. *TEKSTİL VeKonfeksiyon*, 29(3), 189–196. <https://doi.org/10.32710/tekstilvekonfeksiyon.471049>
- Scarpellini, S., Marín-Vinuesa, L. M., Aranda-Usón, A., & Portillo-Tarragona, P. (2020). Dynamic capabilities and environmental accounting for the circular economy in

- businesses. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, ahead-of-p(ahead-of-print). <https://doi.org/10.1108/sampj-04-2019-0150>
- Serrano, A., Ferreira, M. J., & Groot, E. C. de. (2019). O património têxtil e a interdisciplinaridade. *Conservar Património*, (2182–9942), 13–15.
- Silva, R., & Silva, P. (2013). O contributo dos métodos qualitativos na investigação em contabilidade de gestão. *Indagatio Didactica*, Vol. 5.
- Stanton, P., & Stanton, J. (2002). Corporate annual reports: research perspectives used. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 15, 478–500.
- Stubbs, W., & Higgins, C. (2014). Integrated Reporting and internal mechanisms of change. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 27, 1068–1089.
- Temer, A. C. R. P., & Tuzzo, S. A. (2017). *A entrevista como método de pesquisa qualitativa : uma Leitura Crítica das memórias dos jornalistas*. 3, 459–468.
- Truant, E., Corazza, L., & Scagnelli, S. D. (2017). Sustainability and risk disclosure: An exploratory study on sustainability reports. *Sustainability*, 9(4). <https://doi.org/10.3390/su9040636>
- Uyar, A., Gungormus, A. H., & Kuzey, C. (2017). Impact of the accounting information system on corporate governance: Evidence from Turkish non-listed companies. *Australasian Accounting, Business and Finance Journal*, 11(1), 9–27. <https://doi.org/10.14453/aabfj.v11i1.3>
- Vicente, S., Jo, M., Pinto, C., Resumo, S., Unido, R., Accountants, M., & Unido, R. (2009). Estudo do papel dos Controllers de Gestão em Portugal. *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 8(3), 66–79.
- Villiers, C. de, Rinaldi, L., & Unerman, J. (2014). Integrated Reporting: Insights, gaps and an agenda for future research. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 27, 1042–1067.
- Vitale, G., Cupertino, S., Rinaldi, L., & Riccaboni, A. (2019). Integrated management approach towards sustainability: An Egyptian business case study. *Sustainability (Switzerland)*, 11(5). <https://doi.org/10.3390/su11051244>
- Wahl, A., Charifzadeh, M., & Diefenbach, F. (2020). Voluntary Adopters of Integrated

Reporting – Evidence on Forecast Accuracy and Firm Value. *Business Strategy and the Environment*, 1–15. <https://doi.org/10.1002/bse.2519>

ZARZYCKA, E., & MICHALAK, M. (2013). Measuring the Performance of Local Government Entities and Analysis of their Managers' and Personnel's Information Needs in the Context of New Public Management Abstract. *Versita*, 123–147.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – LISTA DE ARTIGOS ANALISADOS

N.º	Título	Fontes de dados	
		WoS	SCOPUS
1	Accountability in an Independent Regulatory Setting: The Use of Impact Assessment in the Regulation of Financial Reporting in the UK	X	X
2	Accounting information and managerial work	X	
3	Adopting XBRL in Italy: Early evidence of fit between Italian GAAP taxonomy and current reporting practices of non-listed companies		X
4	An Evaluation Model for Financial Reporting Supply Chain Using DEMATEL-ANP	X	X
5	Assessment of the impact of business activity in sustainability terms. Empirical confirmation of its determination in Spanish companies	X	X
6	Conflicts of Interests in the Accounting Reporting Area of European Social Fund Financed Operations in Romania	X	
7	Corporate financial risk analysis according to the constructal law: Exploring the composition of liabilities to assets	X	
8	Corporate governance and corporate accruals: The situation in Bangladesh	X	
9	Corporate Governance and Strategic Management Accounting Disclosure	X	
10	Corporate life cycle research in accounting, finance and corporate governance: A survey, and directions for future research	X	X
11	Corporate social responsibility reporting-a <i>Stakeholder's</i> perspective approach	X	X
12	Discursos Internos se Sustentam sem Suporte da Contabilidade Gerencial? Um Estudo de Caso no Setor de Autopeças	X	
13	Dynamic capabilities and environmental accounting for the circular economy in businesses		X
14	Environmental reporting in the enterprise and related issues		X
15	How do we assess the quality of corporate financial <i>reporting</i> ?	X	
16	Impact of the accounting information system on corporate governance: Evidence from Turkish non-listed companies	X	X
17	Institutional drivers of environmental management accounting adoption in public sector water organisations	X	
18	Intangible assets accounting and <i>reporting</i> issues	X	
19	Integrated management approach towards sustainability: An Egyptian business case study	X	
20	Management accounting practices among Chinese enterprises		X
21	Management control and web-based corporate <i>reporting</i> : an empirical exploratory study	X	
22	Measuring the Performance of Local Government Entities and Analysis of their Managers' and Personnel's Information Needs in the Context of New Public Management Abstract	X	X
23	Organization of Management Accounting Information in the Context of Corporate Strategy	X	
24	Performance Outcomes of Strategic Management Accounting Information Usage in Malaysia: Insights from Electrical and Electronics Companies	X	
25	Project management and presentation of information in financial statements – company performance measurement or project performance measurement	X	
26	Reducing information asymmetry from the management control perspective: Discussion of practices in transparent companies	X	X
27	Relato integrado e o formato da informação financeira para evidenciar a criação de valor das empresas do programa piloto	X	
28	Sustainability and risk disclosure: An exploratory study on sustainability reports	X	X
29	Sustainability <i>reporting</i> and performance measurement systems: How do small- and medium- sized benefit corporations manage integration?	X	X
30	The effect of auditor's industry specialization on the quality of financial <i>reporting</i> of the listed companies in Tehran stock exchange		X
31	The financial <i>reporting</i> consequences of proximity to political power	X	
32	The impact of integrated information systems on management accounting: Case of Croatia	X	X

33	The Influence of Corporate Governance and Firm Characteristics on the Timeliness of Corporate Internet <i>reporting</i> By Top 95 Companies in Malaysia	X	
34	The quality of carbon management accounting <i>reporting</i> as a financial barrier to clean development mechanism projects development	X	
35	The role of management accounting systems in sustainable and development strategies	X	
36	The role of the board in voluntary disclosure	X	
37	Use of management reports and performance of sales managers in an insurance company	X	

APÊNDICE 2 – GUIÃO DA ENTREVISTA

Guião de Entrevista

Objetivos da investigação

Dada a crescente importância do relato da sustentabilidade, pretende-se conhecer, caracterizar e perceber a evolução da estratégia de relato da sustentabilidade na Riopelle Têxteis, SA e as perceções da gestão sobre o contributo da contabilidade de gestão para esse relato.

Entrevistados

Administrador; Diretor Financeiro; Diretora Dep. Investigação e Desenvolvimento; Diretor Financeiro Adjunto/Contabilista Certificado; Responsável Dep. Sustentabilidade; Responsável Dep. Qualidade, Ambiente e Segurança e Responsável Sustentabilidade do Produto.

Metodologia

A recolha de dados é obtida a partir das entrevistas individuais, orientadas por um guião com perguntas semiestruturadas.

Localização

Todas as entrevistas são realizadas na empresa Riopelle Têxteis, S.A.

Apresentação e explicação no início da entrevista

- Inicialmente é feita uma breve apresentação do estudo, evidenciando os principais objetivos a alcançar.
- É solicitado o consentimento para gravar a entrevista.
- É explicado o processo de confidencialidade na recolha de dados.

- Por último, é elucidado a cada entrevistado o carácter de voluntariedade da sua participação no estudo, salientando-se que a qualquer momento é possível recuar no consentimento de participação.

Recolha de informação ao longo da entrevista:

1. Caraterização do entrevistado e do seu envolvimento (participação) na contabilidade de gestão e na estratégia do relato da sustentabilidade.

Objetivo: Caraterizar os entrevistados no estudo e o seu grau de envolvimento (ex. forte, moderado ou fraco) na contabilidade de gestão e/ou na estratégia do relato da sustentabilidade da Riopelle Têxteis, SA.

1.1 – Género

1.2 – Idade

1.3 – Habilitações académicas

1.4 – Cargo relativo à empresa

1.5 – Departamento

1.6 – Número de anos ao serviço da empresa

1.7 – Genericamente, atendendo ao organigrama da empresa, como posiciona o seu cargo em relação ao Sistema de Informação da contabilidade de gestão? (o objetivo é caraterizar o envolvimento do entrevistado com o Sistema de Informação da contabilidade de gestão, como por exemplo, se não intervém de forma alguma, se é utilizador pontual, frequente, etc., identificar para que fins utiliza, ou se é produtor da informação e a que nível...)

1.8 – Genericamente, atendendo ao organigrama da empresa, como posiciona o seu cargo em relação ao Sistema de Informação para o relato da sustentabilidade da Riopelle, Têxtil, SA? (o objetivo é caraterizar o envolvimento do entrevistado com o Sistema de Informação para o relato da sustentabilidade, como por exemplo, se não intervém de forma alguma, se é utilizador pontual, frequente etc., identificar para que fins utiliza, ou se é produtor da informação e a que nível...)

1.9 – Genericamente, atendendo ao seu cargo, como caracteriza o seu envolvimento com a estratégia do relato da sustentabilidade da Riopelle, Têxtil, SA? (o objetivo é caracterizar o envolvimento do entrevistado com a estratégia do relato da sustentabilidade da empresa, como por exemplo, se não intervém de forma alguma, se tem um papel ativo (i) no conteúdo da informação a divulgar, (ii) na decisão de onde divulgar a informação (iii) na forma de divulgar a informar e (iv) em como divulgar a informação).

2. Caracterização da evolução da estratégia de relato da sustentabilidade da Riopelle Têxteis, SA

Objetivo: Caracterizar a evolução da estratégia do relato da sustentabilidade da empresa.

2.1 – Do seu ponto de vista, qual o percurso/caminho que a Riopelle Têxtil, SA teve nos últimos anos relativamente à sua estratégia de relato da sustentabilidade? (o objetivo identificar qual(ais) a(s) estratégia(s) do relato da sustentabilidade e as motivações associadas à(s) estratégia(s) ao longo dos últimos anos. Identificar se ao longo dos últimos anos a empresa tem tido alguma estratégia bem definida sobre o relato da sustentabilidade ou se tem divulgado informação pontual, sem ou com objetivos definidos, ou sem ou com algum propósito específico. Identificar, genericamente, se houve sempre ou não produção deste tipo de informação, mas apenas para uso interno ou se houve divulgação total ou parcial desta informação. Identificar quais as motivações, se foram por imposição legal ou voluntária ou por legitimação perante outros que assim faziam, etc.)

Pretende-se que o entrevistado na sua resposta responda a questões como:

- Ao longo dos anos, considera que a empresa teve sempre uma estratégia de relato da sustentabilidade bem definida? Ou será que a estratégia não esteve sempre bem definida e correspondeu apenas às necessidades de informação pontuais que surgem dos usuários internos e dos *stakeholders*? Como caracteriza a sua evolução ao longo dos últimos anos? E atualmente?
- Ao longo dos anos a iniciativa de divulgação de informação sobre sustentabilidade partiu de alguém interno à empresa? Ou foi uma

sugestão/imposição externa, como por exemplo, consultores ou auditores internos ou externos? E atualmente?

- Durante os últimos anos quais foram as motivações e qual a sua evolução que levaram à prática da estratégia utilizada para o relato da sustentabilidade? E atualmente?

2.2 – Qual a sua percepção sobre evolução da informação sobre a sustentabilidade fornecida pelo sistema de informação da contabilidade de gestão? (o objetivo é caracterizar o que é, onde é e como é fornecida a informação sobre a sustentabilidade. Que tipo de informação foi sendo produzida (da dimensão económica, ambiental, social), se foi reportada ao exterior, como foi reportada e de que forma foi reportada ao exterior). Qual a predominância da dimensão/dimensões económica, social, ambiental (como foram focadas ou priorizadas e porquê?).

Pretende-se que o entrevistado na sua resposta responda a questões como:

- Ao longo dos anos, que informação sobre sustentabilidade foi sendo monitorizada (da dimensão económica, ambiental, social)? E atualmente?
- Ao longo dos anos que tipo de informação sobre sustentabilidade foi sendo divulgada para o exterior? E atualmente?
- Ao longo dos anos de que forma a informação sobre sustentabilidade foi divulgada para o exterior (relatório e contas, site, relatório de sustentabilidade, etc.)? E atualmente?
- Na informação produzida, monitorizada e divulgada houve predominância de alguma das diferentes dimensões da sustentabilidade? Se sim, porquê?

3. Caracterizar a estratégia de relato da sustentabilidade pretendida (atual ou futura) para a Riopele Têxteis, SA

Objetivo: Identificar e caracterizar a estratégia de relato pretendida pela empresa.

3.1 – Do seu ponto de vista qual a estratégia de relato da sustentabilidade que deveria ser adotada pela Riopele Têxtil, SA? (o objetivo identificar quais as percepções do

entrevistado sobre a melhor estratégia de relato da sustentabilidade a adotar para a empresa e quais as razões/motivações que justificam a escolha do entrevistado).

Pretende-se que o entrevistado na sua resposta responda a questões como:

- Na sua opinião, qual a melhor estratégia de relato da sustentabilidade a adotar pela empresa? (o entrevistado deve identificar se pretendem criar um relatório integrado ou se pretendem criar um relatório autónomo de sustentabilidade ou se pretendem desenvolver informação a divulgada no relatório de contas)
- (se for o caso) Na sua opinião, quais as motivações para a adoção de um novo modelo de relato da sustentabilidade (legislação, expetativas da sociedade, etc.)?
- (se for o caso) Na sua opinião, quais as motivações para a não adoção de um novo modelo de relato da sustentabilidade (legislação, expetativas da sociedade, etc.)?

3.2 – Qual a sua perceção sobre a informação a fornecer pelo sistema de informação da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade? (o objetivo é caraterizar o que é, onde é e como é que deve ser fornecida a informação sobre a sustentabilidade. Que tipo de informação deve ser produzida (da dimensão económica, ambiental, social), qual deve ser reportada ao exterior, como deve ser reportada e de que forma deve ser reportada ao exterior). Qual a predominância da dimensão/dimensões (económica, social, ambiental) e como devem ser focadas ou priorizadas e porquê?).

Pretende-se que o entrevistado na sua resposta responda a questões como:

- Na sua opinião, que informação sobre sustentabilidade deveria ser monitorizada (da dimensão económica, ambiental, social)?
- Na sua opinião, que tipo de informação sobre sustentabilidade deveria ser divulgada para o exterior?
- Na sua opinião, de que forma a informação sobre sustentabilidade deveria ser divulgada para o exterior (relatório e contas, site, relatório de sustentabilidade, etc.)?

- Na sua opinião, da informação produzida, monitorizada e divulgada deveria haver predominância de alguma das diferentes dimensões da sustentabilidade?
Se sim, porquê?

Concluir e agradecer a colaboração no estudo.

APÊNDICE 3 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO



Braga, ____ de outubro de 2020

Assunto: Solicitação de colaboração em estudo académico – marcação de entrevista

Exmos. Srs.,

O meu nome é Vera Sofia Pereira Sampaio e sou aluna do 2º ano do curso de Mestrado em Contabilidade, da Escola de Economia e Gestão, da Universidade do Minho. Presentemente encontro-me a elaborar a dissertação de mestrado sob orientação da Professora Doutora Anabela Silva. Venho pela presente solicitar a Vossa colaboração no estudo subordinado ao tema “O contributo da contabilidade de gestão para o relato da Sustentabilidade”. O presente estudo tem como objetivo identificar, caraterizar e compreender o contributo da contabilidade de gestão no relato da sustentabilidade nas empresas têxteis, em concreto no caso da Riopele Têxteis, S.A. Desta forma, venho solicitar a marcação de uma entrevista com a(s) pessoa(s) que esteve(estiveram) envolvida(s) no referido processo, com uma duração aproximada de 30 minutos/entrevista. A Vossa participação neste trabalho de investigação é voluntária, sendo necessário o Vosso consentimento prévio, para que qualquer informação prestada possa ser utilizada. É igualmente garantida a total confidencialidade. Consciente da extrema importância da Vossa colaboração para a concretização deste estudo, agradeço desde já a atenção dispensada, apresentando os meus respeitosos cumprimentos.

Atenciosamente,

APÊNDICE 4 – DECLARAÇÃO DE CONFIDENCIALIDADE DO TRANSCRITOR DAS ENTREVISTAS GRAVADAS



DECLARAÇÃO DE CONFIDENCIALIDADE DO TRANSCRITOR DAS ENTREVISTAS GRAVADAS

Mestranda em Contabilidade: Vera Sofia Pereira Sampaio

TEMA DA DISSERTAÇÃO: O contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade

Eu, Vera Sofia Pereira Sampaio, residente em Vila Nova de Famalicão, Braga, tenho conhecimento que toda a informação transcrita para o projeto de investigação acima indicado deverá ser tratada com total confidencialidade. Além disso, e durante o período em que se encontrarem à minha guarda, assumo a responsabilidade de que todas as gravações e material transcrito serão tratados com o mesmo nível de confidencialidade e guardados, em separado e de forma segura.

Assinatura: Data:

APÊNDICE 5 – FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO



FORMULÁRIO DE AUTORIZAÇÃO

Tema da Dissertação de Mestrado: O contributo da contabilidade de gestão para o relato da sustentabilidade

Mestranda: Vera Sofia Pereira Sampaio

Orientadora: Professora Doutora Anabela Silva

Por favor, complete a seguinte informação:

Eu,..... morador em
....., venho por este meio autorizar a minha
participação no projeto de investigação acima indicado. Este projeto foi-me
detalhadamente explicado, verbalmente e por escrito, e nos assuntos em que pedi mais
esclarecimentos, os mesmos foram corretamente efetuados. Compreendo que:

- Toda a informação por mim fornecida será tratada com total confidencialidade e guardada separadamente de qualquer listagem de onde conste o meu nome e morada.
- Os resultados serão utilizados para efeitos de investigação e poderão ser publicados em revistas académicas e científicas.
- Sou livre de, a qualquer momento no decorrer do estudo, retirar a minha autorização, o que fará cessar a minha participação, bem como a divulgação de qualquer informação por mim fornecida.
- Uma vez agregada, a informação não é passível de ser identificada e, a partir desta altura, não mais será possível retirar a autorização de participação anteriormente concedida.

Assinatura:Data: